

Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

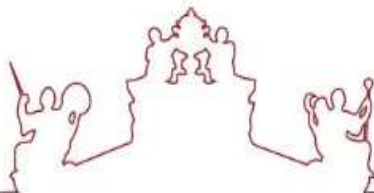
Tese de Doutoramento

**Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em
Macapá - Brasil**

Fernando Fernandes da Silva

Orientador(es) | Maria João Marçalo
Pedro Balaus Custódio

Évora 2023



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

Tese de Doutoramento

**Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em
Macapá - Brasil**

Fernando Fernandes da Silva

Orientador(es) | Maria João Marçalo
Pedro Balaus Custódio

Évora 2023



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

- Presidente | Maria do Céu Fonseca (Universidade de Évora)
- Vogais | Fábio Rodrigues dos Santos (Universidade Federal de Alagoas)
Isabel Sofia Calvário Correia (Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação de Coimbra)
Maria Célia Lima-Hernandes (Universidade de São Paulo)
Maria João Marçalo (Universidade de Évora) (Orientador)
Ronaldo Manassés Rodrigues Campos (Universidade Federal do AMAPÁ)

Agradecimentos

Agradeço aos meus orientadores, por aceitarem o desafio envolvendo uma língua de modalidade visual distante de seu universo científico. Com o espírito aberto à pesquisa, envereda por novos horizontes, possibilitando valiosa contribuição para a linguística das línguas de sinais.

À Dr^a Maria João, que acompanhou, mesmo de longe, todo o desenvolvimento desta pesquisa e fez, destes 3 anos, uma alegoria de muito aprendizado.

Ao Dr. Pedro Custódio, que, em meus dias de frio em Portugal, sempre foi um amigo e quase um pai. Através de seus aconselhamentos e direcionamento, percorri o melhor caminho de minha pesquisa. Eu só tenho a agradecer.

Minha gratidão a todos os colaboradores surdos que aceitaram participar desta pesquisa nesse momento tão incerto. Apesar do momento não ter sido nada auspicioso conosco, continuamos vencendo.

Minha eterna gratidão à minha mãe, que, com muita luta, me possibilitou estudar, favorecendo em minha jornada. Te amo, mãe.

Agradeço a meus parceiros de jornada, que sempre me incentivaram e não me deixaram esmorecer. Rosanny Sousa, Natasha Vilhena, Gabrielle Muniz, Roxanne Negreiros, Mari Mazur e Ronaldo Manassés, minha eterna gratidão.

Às minhas amigas de todas as horas e dores Juivalda Brasil e Gerlany Pereira, que sempre me inspiraram e incentivaram a lutar pelos meus sonhos. Não posso deixar de esquecer dos meus companheiros, Mona Karenina e Felipe Rocha, que me acolheram nesse período em Portugal como um familiar, sempre vão ter meu amor.

Em especial agradeço à minha parceira Giselly Secçú, por me fazer companhia em dias, noites e madrugadas enquanto eu trabalhava. Pela ajuda, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade. Te amo!

Por fim, quero agradecer à comunidade surda, que sempre me acolheu e me permitiu realizar essa pesquisa em um momento tão delicado e nada seguro. Minha eterna gratidão.

O caminho da pesquisa é uma empreitada longa, que envolve mais do que pensamos, caminhos inesperados, muitas “vozes” e olhares que se cruzam com as nossas ao longo do percurso, acontecimentos do cotidiano e trabalho que se misturam a uma vida acadêmica intensa. Foram muitas pessoas maravilhosas que Deus colocou em caminho, em todas as esferas e, de uma forma ou de outra, elas influenciaram no resultado final desta tese. Agradeço por isso e, se eu me esqueci de mencionar alguém, desculpo-me imensamente. Desde já, guardo todos em meu coração.

FORMAÇÃO DE SINAIS E VARIAÇÕES MORFOLÓGICAS DA LIBRAS EM MACAPÁ - BRASIL

Resumo

O componente morfológico das gramáticas da Língua Brasileira de Sinais - Libras ainda é pouco explorado pelas pesquisas linguísticas, especificamente no que se refere a compostos e outras variantes a partir do mesmo assunto. Desse modo, o objetivo principal deste estudo foi investigar o processo de formação morfológica de sinais com a variabilidade utilizada no município de Macapá, no Amapá. Para alcançar esta proposição, tive como objetivos específicos: a) analisar a estrutura interna e as regras que determinam a formação dos sinais; e b) apresentar formações de sinais com base no processo de composição. A base teórica, se compôs a partir de autores como, Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2006), Ferreira (2014), Figueiredo Silva & Sell (2009) e Rodero-Takahira (2012 e no prelo), 2013, 2014 e 2020; Quadros (2019), Capovilla (2019), Xavier (2016). A metodologia usada, com base em Lacerda & Ramalho, (2020), foi a intertextualidade e como instrumento, a entrevista, realizada semidirigida e filmada com 12 colaboradores surdos, fazendo a descrição e análise de informações fornecidas pelos colaboradores, ou seja, segui a utilização de um roteiro previamente elaborado em ambiente controlado. Como resultados a partir dos dados recolhidos e analisados, observo que é escassa a literatura sobre morfologia de Libras e, a partir da discussão sobre os compostos, levantamos algumas questões sobre aspectos morfológicos ainda não muito claros ou pouco estudados nessa língua sinalizada e que o Amapá, em sua capital Macapá, apresenta sinais únicos não registrados formalmente, mas muito conhecidos e usados, que eu chamei de sinalização Tucuju.

Palavras-chave: Linguística, Libras, Compostos, Macapá, Surdo.

**DEVELOPMENT OF SIGNS AND MORPHOLOGICAL VARIATIONS OF SIGN LANGUAGE
IN MACAPÁ – BRAZIL**

Summary

The morphological component of the Brazilian Sign Language grammar is still little explored by linguistic research, specifically in regard to components and other variants from the same subject. Thus, the main objective of this study was to investigate the process of morphological formation of signs with the variability used in the city of Macapá, Amapá. To reach this proposal, I had specific arguments to analyze such as: a) to analyze the internal structure and the rules that determine the formation of signs; and b) present a considerable number of sign formations based on the composition process. The theoretical base was compiled from authors such as, Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2006), Ferreira (2014), Figueiredo Silva & Sell (2009) and Rodero-Takahira (2012 and in the press), 2013, 2014 and 2020; Quadros (2019), Capovilla (2019), Xavier (2016). The methodology used, based on Lacerda & Ramalho, (2020), was intertextuality and as an instrument, the interview was semi-directed and filmed with 12 deaf employees, describing and analyzing information provided by employees, i.e., follows the use of a script previously elaborated in a controlled environment. As a result, from the data collected and analyzed, I notice that the literature on sign language morphology is rare, and discussing its components, we raise some questions about morphological aspects not yet very clear or little studied about this sign language, and that Amapá, in its capital city Macapá, has an unique and not formally registered signs, but well known and used, which I called Tucuju sign language.

Keywords: Linguistics, sign language, compounds, macapá, deaf.

Sumário

ÍNDICE DE TABELAS, FIGURAS E QUADROS	7
ABREVIATURAS.....	11
1. Introdução.....	12
CAPÍTULO 1. Entendendo as histórias que contamos	15
1. 1 Panorama Histórico e Linguístico da Libras.....	15
1. 2 Interface entre a Libras e os estudos Fonológicos e Morfológicos.....	15
1. 3 Questões fundantes sobre os estudos linguísticos de Libras.....	18
1. 4 As tessituras da Libras	21
1.5 Políticas Linguísticas em Libras no Amapá.....	24
1. 6 Propriedades das línguas naturais	28
1. 6. 1 Arbitrariedade de símbolos	28
1. 6. 2 Gramaticalidade	29
1. 6. 3 Descritude e Dupla articulação	29
1. 1. 1 Intercambiabilidade e reflexividade	32
1. 1. 1 Deslocamento.....	33
1. 1. 1 Criatividade.....	34
1. 2 Fonologia da Libras	35
1. 3 Panorama dos Estudos Morfológicos da Libras.....	48
1. 4 Morfologia da Libras	52
1. 4. 1 Olhando para os Classificadores em compostos (CL)	58
1. 4. 2 Incorporação de numerais	65
1. 4. 3 Incorporação da negação.....	66
CAPÍTULO 2. Como, onde e por quê?	67
2. 1 Procedimentos Metodológicos	67
2. 2 Lócus da pesquisa: o solo Tucuju	69
2. 3 Constituição do Corpus: alinhando a pesquisa.....	71
CAPÍTULO 3. A peneira de informações	83
3. 1 Coleta de dados: lançando a rede no rio	83
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: a sinalização Tucuju e seus compostos	97
4. 1 Sinal de Almoço.....	100
4. 2 Sinal de Beija-flor	103
4. 3 Sinal de Bombeiro.....	105
4. 4 Sinal de Cebola	108
4. 5 Sinal de Delegacia.....	111
4. 6 Sinal de Escola	113

Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil

4. 7 Sinal de Farmácia.....	115
4. 8 Sinal de Jet ski.....	117
4. 9 Sinal de Mototáxi.....	120
4. 10 Sinal de Onça Pintada.....	123
4. 11 Sinal de Rio.....	128
4. 12 Sinal de Sofá.....	133
4. 13 Sinal de Tomate.....	135
4. 14 Sinal de Vatapá.....	137
4. 15 Sinal de Zebra.....	138
5. CONCLUSÕES: "Remando pra beira".....	140
5. 1 Despescando os sinais: considerações dos achados.....	143
5. 1. 1 Novos sinais e variantes.....	144
5. 1. 2 Pescando Alofones.....	149
5. 1. 3 Inversão dos sinais em compostos.....	151
5. 2 Conclusões do capítulo: "chegada e partida".....	152
REFERÊNCIAS.....	155
APÊNDICE.....	161
Apêndice 1 - Coleta de dados dos colaboradores.....	161
ANEXOS.....	162
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	162
Anexo 2 – Termo de autorização de imagem.....	163

ÍNDICE DE TABELAS, FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Configurações de mãos observadas por Ferreira Brito (1995)	38
Figura 2 - Configurações de mãos observadas por Faria-Nascimento (2009)	38
Figura 3 - Grupos de Configurações de mãos (CM) da Libras	39
Figura 4 - Constituição de léxicos com mesma base de configuração de mão	39
Figura 5 - Marcação do ponto de articulação frente ao corpo do sinalizante	41
Figura 6 - Diferenciação de sinal com base nos movimentos	41
Figura 7 - Exemplificação de orientações das mãos	42
Figura 8 - Léxico na língua de sinais brasileira	44
Figura 9 - Dactilologia de flúor	45
Figura 10 - Sinal de nunca (V1).....	45
Figura 11 - Sinal de nunca (V2).....	46
Figura 12 - Sinal da cor Azul (V1)	47
Figura 13 - Sinal da cor Azul (V2)	47
Figura 14 - Sinal de Entrar	61
Figura 15 - Sinal de Frequentar.....	61
Figura 16 - Sinal de Acreditar	63
Figura 17 - Sinal de Pais	63
Figura 18 - Sinal Boa Noite	64
Figura 19 - Sinais dos números em Libras.....	65
Figura 20 - Grupo de sinais com incorporação de negação	66
Figura 21 - Sinal de conhecer	67
Figura 22 - Mapa do Estado do Amapá	70

Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil

Figura 23 - Escolha de gênero dos participantes.....	73
Figura 24 - Faixa etária dos participantes	75
Figura 25 - Definição de familiaridade	75
Figura 26 - Nível de Surdez dos participantes	76
Figura 27 - Definição de localidade dos participantes	77
Figura 28 - Tempo de moradia dos participantes em Macapá.....	77
Figura 29 - Escolaridade dos participantes	78
Figura 30 - Casos de Covid-19 no Brasil.....	84
Figura 31 - Formulário de Sondagem inicial	86
Figura 32 - Coleta do sinal de Almoço (Mulheres)	88
Figura 33 - Coleta do sinal de Almoço (Homens)	88
Figura 34 - Mapa do Brasil e seus estados.....	97
Figura 35 - Compostos e suas combinações	101
Figura 36 - Coleta de dados do sinal de Almoçar (Mulheres e Homens)	103
Figura 37 - Coleta de dados do sinal de beija-flor (Homens)	105
Figura 38 - Coleta de dados do sinal de Beija-flor (Mulheres).....	106
Figura 39 - Coleta de dados do sinal de Bombeiro (Mulheres), parte 1 capacete	108
Figura 40 - Coleta de dados do sinal de Bombeiro (Mulheres), parte 2 mangueira	108
Figura 41 - Coleta de dados do sinal de Bombeiro (Homens).....	109
Figura 42 - Coleta de dados do sinal de Cebola (Mulheres).....	111
Figura 43 - Coleta de dados do sinal de Cebola (Homens).....	112
Figura 44 - Coleta de dados do sinal de Delegacia (Mulheres)	113
Figura 45 - Coleta de dados do sinal de Delegacia variante (Mulher).....	114

Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil

Figura 46 Coleta de dados do sinal de Delegacia (Homens)	115
Figura 47 - Coleta de dados do sinal de Escola (Mulheres).....	116
Figura 48 - Coleta de dados do sinal de Escola (Homens)	117
Figura 49 - Coleta de dados do sinal de Farmácia (Homens)	119
Figura 50 - Coleta de dados do sinal de Farmácia (Mulheres)	120
Figura 51 - Orla do Rio Amazonas passeio de Jet ski	121
Figura 52 - Coleta de dados do sinal de Jet ski (Mulheres)	122
Figura 53 - Coleta de dados do sinal de Jet ski (Homens).....	122
Figura 54 - Coleta de dados do sinal de Mototáxi (Mulheres).....	124
Figura 55 - Variante do sinal de Mototáxi	125
Figura 56 - Coleta de dados do sinal de Mototáxi (Homens)	126
Figura 57 - Coleta de dados do sinal de Onça (Mulheres).....	130
Figura 58 - Coleta de dados do sinal de Onça (Homens).....	131
Figura 59 - Barco de viagens entre localidades ribeirinhas	133
Figura 60 - Coleta de dados do sinal de Rio (Mulheres)	134
Figura 61 - Coleta de dados do sinal de Rio (Homens)	136
Figura 62 - Coleta de dados do sinal de Sofá (Homens).....	138
Figura 63 - Coleta de dados do sinal de Sofá (Mulheres)	138
Figura 64 - Coleta de dados do sinal de Tomate (mulheres).....	139
Figura 65 - Coleta de dados do sinal de Tomate (Homens)	141
Figura 66 - Coleta de dados do sinal de Vatapá (Homens)	142
Figura 67 - Coleta de dados do sinal de Vatapá (Mulheres)	143
Figura 68 - Coleta de dados do sinal de Zebra (Mulheres).....	144

Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil

Figura 69 - Coleta de dados do sinal de Zebra (Homens).....	145
Quadro 1: Coleta de dados das regiões brasileiras.....	23
Quadro 2: Esquema de raciocínio proposto por Hockett.....	29
Quadro 3: Sistema de segmentação da língua de sinais 1.....	30
Quadro 4: Sistema de segmentação da língua de sinais 2.....	30
Quadro 5: Comparação entre línguas e pequenas estruturas linguísticas.....	48
Quadro 6: Corpus extraídos de Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) e Figueiredo- Silva e Sell (2009) por Rodero-Takahira (2015).....	53
Quadro 7: Conjunto de imagens para imputes espontâneos de sinais.....	80
Quadro 8: Substantivos pesquisados.....	89
Quadro 9: Critérios para identificação de compostos levantados em Rodero-Takahira (2020).....	99

ABREVIATURAS

ASL – American Sign Language

COVID -19 / SARS Cvo2

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Libras - Língua Brasileira de Sinais

CM - Configuração de mão

M – Movimento

O - Orientação

PA - Ponto de Articulação

ENM - Expressões não Manuais

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LS – Língua de Sinais

LGP – Língua Gestual Portuguesa

V1 – Variante um

V2 – Variante dois

V3 – Variante três

V4 - Variante quatro

1. Introdução

A presente tese traz uma análise formal dos compostos da língua de sinais brasileira e foi desenvolvida durante meu curso de Doutorado em Linguística do Programa de Doutorado em Linguística da Universidade de Évora em Portugal, compreendendo o período entre 2019 a 2022.

No que diz respeito ao reconhecimento do status linguístico das Línguas de Sinais pela ótica de pesquisas de Stoke e outros (1960, 1965), diversos trabalhos em ambientes de pesquisa vêm sendo desenvolvidos para clarificar os efetivos da língua. No Brasil, as línguas orais, os aspectos concernentes à pesquisas morfológicas, como por exemplo, os processos de composição, são muito estudados em comparação aos das línguas sinalizadas. A morfologia da língua portuguesa são muitos e há anos pesquisadores se dedicam aos estudos dessa área. Em Libras, temos um quadro diferente, os estudos são, ainda, incipientes e as pesquisas existentes são recentes e ímpares.

O território brasileiro apresenta dimensões continentais 8.514.876 km² onde há uma diversidade de variantes da língua portuguesa que convivem entre si. Nesse aspecto, a Língua de Sinais utilizada pelo surdo, Língua de Sinais Brasileira - Libras acontece com uma série de nuances dentro deste espaço geográfico.

Deste modo, o objetivo principal deste estudo foi investigar o processo de formação morfológica de novos sinais, ou não, com a variabilidade utilizada no município de Macapá, no Amapá. Para alcançar esta proposição, tem-se como objetivos específicos: a) analisar a estrutura interna e as regras que determinam a formação dos sinais; e b) apresentar um considerável número de formações de sinais com base no processo de composição.

Nesse sentido, os objetivos supracitados partem das seguintes questões de investigação:

- a. Ocorre alguma modificação na sinalização dos surdos macapaenses?

- b. A produção de variantes na sinalização dos surdos macapaenses?
- c. Que novos tipos de composições existem no município de Macapá?

Nesta interface de investigação, o *locus* da pesquisa, município de Macapá, localizado na Amazônia brasileira, aparece com uma população de surdos isolada geograficamente¹, mas se concentra em uma série de estímulos promovidos pela globalização. A internet, por exemplo, ampliou a dimensão do olhar dos surdos, sofrendo um Up com a pandemia de Covid-19, uma vez que, literalmente, o mundo real transportou-se para o meio virtual, propiciando a oportunidade de realização chamadas de vídeos e terem outros surdos como referência de outras capitais. Logo, esse surdo, seja ele de qualquer capital, possui várias interações com sua mão em tela, desfrutando de trocas linguísticas inimagináveis.

Outro ponto a ser destacado, é o processo de trânsito de surdos entre os estados brasileiros. O Brasil sendo interligado por estradas facilita o deslocamento de pessoas e produz inúmeros contatos diretos entre seus pares e sua cultura, realizando assim misturas e ocasionando variantes da língua.

Sendo assim, fazer pesquisa para encontrar um ponto de partida desta língua sinalizada em uma localidade, é bem difícil. O que aqui proponho, é apresentar aos leitores curiosos, usos comuns desta língua, no que refere à composições morfológicas, com base em algumas regras de caracterização outrora pesquisadas por autores como Quadros e Karnopp (2004). Tendo essa reflexão como início da hipótese, venho levantar a questão: Se a Libras, utilizada pelos surdos de Macapá, possui compostos somente aqui usados nesse espaço *tucuju*², ou se assemelha aos estados vizinhos?

Os estudos de carácter linguístico da Libras, possuem um significado expressivo no que compete às políticas linguísticas, centradas no uso e disseminação desta língua no país e também no

¹ "logo mais falaremos sobre Macapá e sua situação atual"

² Etnia indígena que habitava a margem esquerda da foz do rio Amazonas, onde atualmente localiza-se a cidade de Macapá capital do estado do Amapá.

uso dela em ambientes sociais. Outro ponto é a desconstrução de mitos acerca da língua de sinais e seu apuramento de status de língua perante as línguas orais, que possuem mais estudos científicos e reconhecimento.

Realizar uma pesquisa em um país de uma territorialidade extensa indica uma série de descobertas, bem como dificuldades. Em cada zona de pesquisa seja ela no Brasil, Portugal ou qualquer outro ambiente, a importância de entendimento daquele ambiente linguístico é imprescindível para pessoas surdas, professores surdos e não surdos e a interessados em entender e multiplicar a Libras em um contexto amazônico e de sinuosidades culturais próprias.

Para melhor apresentar os dados deste estudo, esta tese está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo encontra-se a introdução referente ao trabalho, demarcando o objeto de análise, os objetivos, a problemática e as hipóteses, a interface teórica que conduz achados do panorama histórico e linguístico da Libras, como também do panorama de estudos morfológicos da Libras. No segundo capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos, descrevendo a constituição do corpus e *locus* da pesquisa, a coleta, o tratamento e a análise dos dados. Importante dizer que, a partir deste capítulo, as seções e subseções foram por mim nominadas com expressões locais, fazendo referência à cultura local. Expressões como “remando pra beira” e “peneirando a Libras”, são exemplos de expressões somente usadas aqui, no Amapá. Começo a demarcar uma tese construída e gestada numa cidade ribeirinha, no meio da Amazônia brasileira, com marcas indeléveis de um lugar que é muito nosso, o Amapá. No terceiro capítulo, apresento a contextualização do Amapá como *locus* da pesquisa, a proposta de sinais, que estão dicionarizados como compostos e o que chamo de “peneirando” a Libras do Amapá. E por fim, no quarto e último capítulo, tem-se a apresentação dos resultados e discussões, seguido das conclusões sobre o processo de formação de sinais no município amapaense.

CAPÍTULO 1. Entendendo as histórias que contamos

1. 1 Panorama Histórico e Linguístico da Libras

Neste capítulo, apresentarei um panorama histórico e linguístico da Libras, demarcando seu surgimento europeu e no Brasil, sua legalização como meio de expressão e comunicação no território brasileiro, o reconhecimento do status de língua e ainda seu advento em pesquisas linguísticas.

1. 2 Interface entre a Libras e os estudos Fonológicos e Morfológicos

Para que a narrativa fique coesa, vou aqui montar um breve quebra-cabeça histórico, com base nas referências de Núbia (2017) e Quadros (2019) que referendam:

(...) os surdos franceses, Jean Massieu (1772-1846), Ferdinand Berthier (1803-1886), no período do seu "Ano de Ouro", Charles-Michel de L'Épée (1712-1789) e, nos Estados Unidos, Laurence Clerc (1785-1869) asseguraram questões epistemológicas e metodológicas de ensino de língua de sinais. A época da introdução de ensino de língua de sinais (não importando a metodologia) e de seu primeiro instituto caracterizou o "centro irradiador de um ideário científico e modelo educacional para diversos países, contextualizado pelo projeto de uma instrução pública para todos" (LULKIN, 2005: 34). Assim como aqui no Brasil, no Instituto Nacional de Educação de Surdos, com seu primeiro diretor surdo politizaram seus direitos linguísticos. (p. 19)

A partir desta narrativa, surgem os primeiros usos do que futuramente iria se chamar língua de sinais na Europa. Diferente de outras, a língua de sinais teve seu início marcado por muita luta, por resistência daqueles que a usavam. É importante ainda nestas primeiras linhas, dizer o que surdos e surdas tiveram que enfrentar para consolidar um de seus maiores orgulhos, sua língua, que futuramente passou a ser marca de politização e fortalecimento de um povo. Ainda que pareça uma constante nesta historicidade, não se pode negar o fato de que surdos, usuários de línguas de sinais, mesmo na Europa, sofreram por falta de reconhecimento, de espaço e de respeito ao sinalizarem.

Neste contexto, se faz necessário, mesmo que seja para alguns enfadonhos ler, mencionar a constante resistência de surdos e surdas, quanto ao início de sua sinalização, até o momento em que ainda não se considerava esta maneira de comunicação, uma língua. Mesmo lá, idos do século XXI e XX, estes, por assim dizer, protagonistas surdos precisam de muita força e determinação para construir as ferramentas políticas em seu favor e conseguir transpor os mais altos níveis de preconceito, xenofobia e até estigma, sofridos, tão somente por ser surdo.

Nesse sentido (Campello como citado em Quadros, 2019) diz:

Fomos vítimas de violência moral, psicológica, assédio ouvintista, menosprezo, intimação, deturpação verbal, ataque verbal (e visual), intolerância, mas mantemos, com cabeça e firmes, nossos propósitos, apesar de opressão, da intolerância e da diferença linguística. Para olhar para trás e reparar o presente, vimos o quanto lutamos para conquistar esse lugar, nosso lugar, nosso espaço linguístico (sem sermos segregados), nossa “semente” que está dando frutos. (p. 40)

Apesar de ser uma constante em vários textos históricos, inclusive há uma tentativa de negação desta, ainda assim é importante trazer aqui a discussão. A comunidade surda ou ainda, como bem explicita Strobel, (2010), o povo surdo, em vários momentos da história, precisou de muita força, mesmo sem ter muita consciência do que era preciso fazer para difundir sua língua e conseqüentemente, sua cultura, e, por conseqüente, fortalecer politicamente seu espaço como falantes de outra língua, que não a majoritária.

Nesse bojo, fica perceptível a visão, não só excludente que se tinha dos surdos, mas também, essencialista e segregacionista, do ponto de vista linguístico, cultural e até antropológico. E estamos falando da história na Europa, tida por muitos historiadores e pensadores como “berço da civilização”, dada as grandes nações, potências mundiais que ali se firmaram, em relação aos demais países no mundo. E é por isso que, neste texto, tomarei como modelo, a perspectiva antropológica sobre o ser surdo, para que então possa refletir e analisar as questões linguísticas que ora proponho fazer. De certo

modo, chega a ser impensável, construir uma tese se não adotasse tal visão, ou seja, aquela em que enxerga o surdo como alguém diferente do ser ouvinte, mas não inferior e sim com uma forma de interação linguística, social e cultural diferente.

Corroborando com esta questão Correia (2015), assim diz:

A meu ver, esta é a opção que os professores que tenham crianças, jovens ou adultos surdos devem tomar pois só assim se podem construir aprendizagens significativas que enriquecem ambas as partes envolvidas. Escolhendo, então, o caminho da igualdade pela diferença, cabe-nos, a nós educadores, não apenas mostrar o nosso mundo e pensar sobre ele, mas, em primeiro lugar, conhecer o mundo do outro e o seu pensamento. (pp. 100 -108).

Assim, o marco histórico inicial da Língua de Sinais, no Brasil, deu-se em meados do século XIX com a chegada do francês surdo Ernest Huet, que veio a convite de D. Pedro II com o interesse de fundar a primeira escola para crianças surdas, denominada Colégio Nacional para Surdos-Mudos. Huet, que outrora havia dirigido o instituto francês para surdos, o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges, foi o responsável por implementar o primeiro movimento de educação de surdos no Brasil.

Após sua fundação, em 1856, o Colégio para Surdos-Mudos, que até este contexto se apresentava como única instituição brasileira para a educação de surdos, tornou-se referência para tratar temáticas não só relacionadas à educação, mas também à socialização e qualificação profissional, por exemplo. Dentre as propostas para o ensino, observava-se grande influência francesa considerando, inicialmente, a nacionalidade de Huet.

Entre avanços e mudanças, decorrentes de décadas de atuação e discussões, é importante pontuar significativa modificação no que tange a nomenclatura do instituto. Em 1957, o Colégio Nacional para Surdos-Mudos passou a ser denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos, cuja justificativa pautava-se, entre outras razões, em um cenário sociocultural de lutas e afirmações da

pessoa surda, bem como o acompanhamento de marcas de modernização que o Brasil passava no período do século XX.

1. 3 Questões fundantes sobre os estudos linguísticos de Libras

Ainda dentro de um status de linguagem de sinais, a Libras – como hoje é conhecida – somente passou a ter as primeiras significações de língua apenas em 1980, duas décadas após William Stokoe referendar pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana (doravante ASL). É sabido que, ainda que a língua de sinais francesa tenha grande influência no percurso formativo da língua brasileira de sinais, a língua de sinais americana apresentou importantes contribuições estruturais para a formação da Libras.

Em 1960, ao descrever os níveis fonológicos e morfológicos da ASL, Stokoe observou três principais parâmetros – ou padrões fundamentais para a comunicação entre surdos. A princípio, sua tese era de que, assim como as línguas orais têm unidades mínimas desprovidas de significado - conhecidas como fonemas -, a ASL deveria ter unidades mínimas que, articuladas entre si, davam origem aos sinais, frases e orações. Essas unidades mínimas, hoje, são conhecidas como os parâmetros das línguas de sinais, que aprofundarei a discussão mais adiante.

Por hora, é salutar dizer que as línguas de sinais evoluíram, tanto quanto qualquer língua, e com aporte da ciência linguística, é possível apontar os traços dessa evolução. Em pesquisas recentes, como a de Woodward (1996) citado por Quadros (2019), as línguas de sinais são consideradas para além do conceito de língua materna, termo muito difundido entre a comunidade surda brasileira, educadores e pesquisadores. Tem-se o conceito de línguas de sinais nacionais, locais e desligadas. Reflexões tão recentes, que me arrisco a dizer, desconhecidas por muitos pesquisadores brasileiros, professores e comunidade surda.

Nesta discussão, Quadros (2019), diz que:

As línguas de sinais locais são usadas por surdos locais e envolvem comunidades situadas em espaços geográficos específicos dentro de um mesmo país. nacionais são as línguas usadas por várias comunidades surdas de um país, apresentando abrangência nacional. (p.37)

Tais conceitos precisam ser mais difundidos e incorporados em pesquisas e, mais, utilizados por professores que atuam na formação de novos docentes de Libras, aos acadêmicos dos diversos cursos de graduação, Letras Libras, Pedagogia Bilíngue, Fonoaudiologia e às tantas licenciaturas que estão gestando estes novos profissionais para o país.

Desde o registro e reconhecimento da Libras como língua de expressão e comunicação da comunidade surda brasileira, idos de 2002, ainda se tem uma grande lacuna de pesquisas. Os registros de uso da língua ainda são incipientes, por isso a necessidade de aprofundamento, de registro e de mais análises sobre a língua, mas, sobretudo, que estas sejam incorporadas e utilizadas pelos diversos cursos de graduação espalhados pelo Brasil, formando novos professores e professoras de línguas de sinais.

Neste sentido Woodward (1996) citado por Quadros (2019), diz:

A Libras e muitas outras línguas de sinais no mudo já alcançaram reconhecimento jurídico e de fato. Como consequência disso, há um movimento nos estudos das línguas de sinais, já não mais preocupados com o status, mas sim em explicar fenômenos linguísticos per se, específicos das línguas de sinais, não observados nas línguas faladas, ou que pelos menos, não se manifestam da mesma forma nas línguas faladas, exatamente por serem línguas visual-espaciais. (p. 38)

Discussões como as que os autores suscitam acima, são extremamente necessárias quando de uma análise como a que se faz no presente texto. Refletir acerca das nuances da Libras em Macapá, também é importante de fato olhar as bases epistemológicas da língua. Sua corporeidade e assim usar um prisma analógico mais sólido para a pesquisa. É sabido por professores e pesquisadores locais, da ausência de registros formais da Libras e da carência efetiva de bases científicas desta língua no Amapá. Contudo, não se pode deixar de empreender na reflexão, tão necessária sobre as nuances da língua por usuários surdos.

E para além do que se comumente fala sobre a Libras, que as pesquisas no campo linguístico estão em Stokoe, (1960), é preciso considerar que o crescente da língua, ou seja, sua efervescência, afinal como língua, a Libras é viva e, portanto, continua em sua tessitura diária. Seus sinalizantes têm marcas pessoais, sociais e comunitárias que fazem com que a mesma continue seu ciclo evolutivo. O que inclusive deve ser considerado como fator analítico para que se faça qualquer reflexão sobre as construções e usos dos sinalizantes.

Entramos então numa discussão muito necessária, qual seja, as políticas linguísticas em favor da Libras. Contudo, especialmente no Amapá, ainda é uma incógnita, uma vez que de forma mais pragmática, não se tem uma efetividade política acerca de usos e registro da língua de sinais. Há uma carência real de formação de professores e, ainda mais, de oportunidade a alunos surdos para aquisição da Libras. Em sua grande maioria, surdos amapaenses só têm contato com a língua de sinais na idade escolar, causando uma lacuna difícil de ser superada, seja no seu desenvolvimento linguístico, cultural e até identitário, como sujeito surdo sinalizante.

Neste sentido, Quadros, (2019) nos diz:

Paralelamente às políticas linguísticas favoráveis às línguas de sinais, em especial, à Libras no Brasil, há políticas educacionais que inviabilizam sua aquisição de linguagem, quando não proporcionam o desenvolvimento da criança surda com seus pares (outras crianças surdas) e com referências de adultos surdos sinalizantes da Libras. A criança surda só virá a ter contato com a Libras tardiamente, já com vários comprometimentos de ordem linguística e cognitiva. (p. 41)

A autora nos chama atenção para uma questão muito séria e importante na Libras. Esse contato tardio com a língua em crianças surdas é de fato um risco a própria língua e certamente um fator social importante para compreender as falhas, os usos truncados e até o surgimento de crianças surdas sinalizantes de Libras, impregnada de influência da língua portuguesa e que não chega sequer a ser

um *pidgin*³. Em muitos casos, surdos continuam usando uma linguagem familiar de comunicação, impedindo e, por vezes, inibindo sua vontade de aprender de fato a Libras. Esta questão de política linguística, retomarei mais à frente com um aprofundamento melhor.

1. 4 As tessituras da Libras

Como indicado anteriormente, a língua de sinais, no território brasileiro, somente passou a ter as primeiras e breves significações de língua apenas em 1980, após movimentos para a legalização da comunicação por meio da Libras. Para Ana Regina e Souza Campello (2008 apud Quadros, 2019), o pico político se deu na apresentação da proposta surda na Constituição Federal. Essa foi a porta de entrada para novos movimentos políticos.

O reconhecimento da Libras, no Brasil, foi extremamente tardio. Somente após a implementação da Lei Federal n° 10.436, em 2002, que foram intensificados os estudos na área, a fim de afastar os mitos construídos ao longo do tempo, bem como a lei de criação do ofício de Intérpretes Tradutores da Libras, em 2010, e a própria Lei Brasileira de Inclusão, em 2015, junto a muitos movimentos bilíngues.

Muitos mitos decorrem em torno das línguas de sinais, contudo, até o mito mais comum em que se "acha" que as línguas sinalizadas são universais. Há línguas de sinais existentes em diferentes países pelo mundo que possuem comportamentos semelhantes. Primeiramente, vale a pena referenciar que a Libras possui uma modalidade diferente da modalidade oral-auditiva das línguas orais, que, nesse caso, é a visual-espacial.

³ Os termos *pidgin*, língua franca, savor aparecem na literatura sociolinguística com relativa frequência sem serem definidas pormenorizadamente as diferenças principais entre eles. Estes termos englobam uma realidade difícil de ser delimitada, definida na maior parte das vezes como formas de linguagem que nasceram em situações de contacto entre falantes de línguas maternas diferentes. Definições semelhantes citadas em vários dicionários, muitas vezes imprecisas e vagas, não permitem distinguir os termos entre si, aumentando apenas a confusão e as incertezas Weglarz, (2016, p. 34).

Essa diferença inicial de modalidade determina seu uso e seu sistema linguístico interdependente como referenda Quadros (2004) que complementa que a Libras é natural e se desenvolve no meio em que o surdo vivencia a comunidade surda.

O Brasil, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui mais de 200 milhões de pessoas, das quais cerca de 45.623.910 são pessoas com algum tipo de deficiência, afunilando a, mais ou menos, 10 milhões de pessoas surdas. Numerosa a quantidade de surdos no Brasil, numerosa também é a quantidade de sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais, esta entendida. De acordo com Campos 2017, têm-se dados de que no Amapá são pelo menos 12 mil pessoas com alguma perda auditiva e surdos em média tinham- se 4 mil no Estado.

O Instituto confirma que como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades e pessoas surdas no Brasil.

A Libras é a língua comumente usada no território brasileiro, pelas comunidades surdas espalhadas de norte a sul. Essa língua visual não possui um lugar, uma origem e/ou localização específica, como acontece com as línguas indígenas. Encontramos surdos em todos espaços partilhando vivências, principalmente, em espaços educacionais, onde a disciplina de Libras se fez presente, como nos currículos de formação de professores em todas as universidades brasileiras em decorrência do planejamento linguístico estabelecido pelo Decreto 5.626/2005. Nesse contexto, a Libras passa a se tornar visível aos futuros docentes, que podem se deparar com alunos surdos ao longo de sua atuação profissional.

No Amapá, a língua de sinais, segundo Campos (2017), é muito estigmatizada e desconhecida, bem como em outros estados brasileiros. O autor ainda reitera que as pessoas, quando questionadas sobre a Libras, respondem que nunca ouviram falar sobre ou que pensaram ser gestos e/ou mímicas.

Essa realidade acaba por servir como mola propulsora para o andamento desta e de outras pesquisas que fortalecem o campo linguístico da Libras.

Outra necessidade se dá pelo argumento de que poucas catalogações de sinais acontecem nesse espaço, do Norte amazônico, dado esse que se apresenta no material mais conhecido e fornecedor de referências de Corpus de sinais, que é o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil dos autores Fernando César Capovilla, publicado em 2019, que possui coletas de colaboradores surdos de boa parte das regiões do Brasil, no total contabilizam-se 15 estados, essas coletas apresentadas pelo dicionário são:

Quadro 1: Coleta de dados das regiões brasileiras

REGIÃO	ESTADO
NORDESTE	Alagoas Bahia Ceará Maranhão Paraíba Pernambuco Piauí Sergipe
SUDESTE	Espírito Santo Minas Gerais
CENTRO OESTE	Brasília
SUL	Paraná Rio Grande do Sul São Paulo Santa Catarina

Fonte: (Capovilla 2019, p.14 -15)

No quadro, observamos que as pesquisas na área norte no Brasil são inexistentes e, com isso, percebemos que muito pode ser extraído de estudos nessas terras. Devido a ausência de pesquisas, há uma necessidade premente de compreensão de fenômenos linguísticos nesta região. A língua de um povo é um dos seus artefatos culturais e suas características corroboram para a construção de uma identidade social, aquela relacionada ao grupo. No caso dos surdos, está ligada à sua identificação como povo surdo.

Pela fala de Bakhtin (2006) em que: “A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção “energia”, que se materializa sob a forma de atos individuais de fala”. Nesse ínterim, destaco a importância de tráfegar com pesquisas que abranjam pequenos e grandes espaços, para que pudesse verificar a forma e energia proveniente de cada constructo social e cultural pertencente àquele povo.

1.5 Políticas Linguísticas em Libras no Amapá

Visualizar o mapa brasileiro ajuda a entender sua dimensão territorial e, com isso, imaginar a dificuldade de realização de pesquisa, nas quais suas amostras podem ser tão diversas e sinuosas, evidenciando a riqueza linguística em espaços tão distintos e com suas semelhanças entre elas. Justamente por sermos um país continental, houve a necessidade de escolha de um espaço de sinalizantes, pois assim como as línguas orais, a Libras também tem um número grande sinalizantes, por conseguinte, variantes.

A Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, também é responsável por prover ações integradoras, interventivas e pesquisa ativamente dentro da comunidade surda e seu ambiente linguístico, com a criação do curso de Letras Libras - Licenciatura integrando o projeto educacional global do governo federal.

Macapá é a capital do Amapá, cidade que possui uma comunidade surda muito ativa em eventos educacionais e sociais. É muito comum vê-los apoiando surdos e surdas e pessoas que fazem parte da comunidade surda, ouvinte. Em Macapá vigora a Lei n° 0834, de 27 de Maio de 2004, Reconhece no Estado do Amapá, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como meio de comunicação objetiva de uso corrente, e dá outras providências, como a criação de Centros de apoio às comunidades surdas e centrais de tradutores e intérpretes de Libras.

O Estado sancionou a lei que regulariza as tabelas salariais do cargo de tradutor intérprete de Libras, na qual os tradutores outrora eram remunerados sem observar o seu valor de formação. A nova lei altera a lei estadual n° 2.342/18 para inserir os Art. 5° e os anexos II e III, contendo as tabelas salariais.

Sendo assim, legalmente, a proposição do Curso Letras Libras, segue o Decreto n° 5626/2005 que regulamenta a Lei de Libras n. 10.436/2002, a Lei de Acessibilidade n° 5.296/2004 e a Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394/1996. Nessa perspectiva, a Universidade vem desempenhando um papel fundamental para que a comunidade surda venha a ser reconhecida no âmbito social e traduzindo seu universo para aqueles que não os conhecem.

Contudo, pensar no universo de valorização, difusão e empoderamento de surdos amapaenses, por meio da Libras ainda é um tanto utópico. A medida que não se tem efetivamente ações que corroborem para este fim, pois a falta de estrutura, formação e acompanhamento multidisciplinar, torna esses espaços sociais sem militância e fortalecimento. Só a presença de um curso de formação de professores, sem a garantia de espaços de atuação dos egressos, por exemplo, torna o processo fragilizado e incipiente.

É importante retomar aqui esta discussão para que se tenha também um panorama social do uso da Libras no Amapá. Não se pode desprezar o fator social da língua, seus usos, e ainda de que lugar ou

lugares sociais, os surdos sinalizantes no estado vêm. Eles estão em todos os lugares, espaços de vivência, com estruturas familiares distintas e acessando serviços do estado, sejam eles, escolares, da saúde, jurídicos ou trabalho. Suas raízes familiares, seus contatos e sua aquisição da língua, são elementos que precisam ser considerados, quando de uma proposição política da Libras. Bem aos moldes de Rajagopalan, (2003), precisamos também usar a linguística crítica como base científica de análise.

Assim Rajagopalan (2003), nos diz:

Quando me refiro a uma linguística crítica, quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para questões práticas. Não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral. (p.12)

Nesse sentido, a questão que se apresenta, está além da mera descrição de fenômenos linguísticos, mas também da relevância para, no caso da Libras, a comunidade surda, seja de usuários sinalizantes, seja das famílias de ouvintes destes surdos integrantes da pesquisa, afinal em sua grande maioria, surdos e surdas amapaenses e brasileiros advém de famílias de ouvintes não sinalizantes.

De acordo ainda com Rajagopalan, (2003), a Libras, tanto quanto qualquer língua, necessita de muito mais pesquisas uma vez que é uma língua jovem, não só de análises pontuais acerca das políticas linguísticas, mas também na interferência de fatores sociais nestas construções, e até na evolução da língua. E para tal, foi preciso beber nas pesquisas sociolinguísticas de Jean Calvet, (1996), evidentemente seus estudos não englobam especificamente as línguas de sinais, contudo, ele estudou línguas, logo suas pesquisas podem e devem ser consideradas, quando de reflexões sobre a Libras.

Nesta discussão, Paterno, (2007) in Quadros (2017), diz que em relação às políticas linguísticas: (...) o impacto da legislação que reconhece a Libras como língua nacional nas políticas de educação. O estudo evidencia que algumas ações previstas no planejamento linguístico do

Decreto 5.626/2005 ainda estão em fase de implementação e não foram concretizadas. Em contrapartida, o autor destaca várias ações positivas que podem ser observadas no sentido de afirmar a Libras no país. (p. 67)

Assim, abro aqui outro importante e não mais que os anteriores, viés de reflexão analítica, o da sociolinguística, tão necessário nesta tentativa de compreensão de construtos da Libras no Amapá. Portanto, a reflexão ou as reflexões que se seguem, se dão no sentido de que estes novos construtos, sejam de cunho morfológico flexional ou derivacional, em ambos há usos e interações sociais que não podem ser desconsiderados, ao contrário, devem ser muito bem aproveitados nesta e em futuras análises.

Como por exemplo, surdos amapaenses têm suas ligações familiares em lares de ouvintes, seu acesso a Libras é sempre tardio, em média aos 10, 11 anos de idade, bem diferente de uma criança ouvinte. Sua comunicação é rasteira, gestos soltos e que como disse anteriormente, não chega a ser nem um *pidgin*, mas que interfere na aquisição da Libras e conseqüentemente em seu desenvolvimento cognitivo, linguístico, social, cultural e identitário com seus pares.

Em Campos, (2017):

É importante dizer que este não é um movimento exclusivo das comunidades surdas brasileiras. Em todo mundo estas comunidades se interpelam e se relacionam a partir da experiência visual, construindo fortes laços de amizade e de convivência. E que, a partir de então, abre outra questão, a dicotomia Surdos X Ouvintes. Um abismo se faz entre estes dois grupos de sujeitos vivendo numa mesma sociedade e que, portanto, é necessário refletir sobre, afinal, o que se quer não é um fortalecimento desse abismo e sim a diminuição dele. (p. 52)

Nesse sentido, o fator social da língua, caminha par e passo com suas nuances linguísticas, uma vez que surdos sinalizantes têm interações, seja com outros surdos, seja com ouvintes. Certamente, tais interações contribuem, demarcam e interferem decisivamente para sua aquisição da língua e, conseqüentemente, para sua evolução como ser bilíngue, multicultural e multifacetado.

1. 6 Propriedades das línguas naturais

Toda língua possui características universais quando são naturais que encontramos com a ajuda de Hockett, (1960): a Arbitrariedade de Símbolos; Gramaticalidade; Discritude e dupla articulação; Transmissão cultural; Intercambiabilidade e reflexividade; Deslocamento; Criatividade. As línguas de sinais, por exemplo, possuem todas estas propriedades e critérios de qualquer outra língua natural.

Nesse sentido, vi a necessidade de abrir esta digressão introdutória nesta sessão, para ponderar acerca de características de línguas naturais, a fim de corroborar e fortalecer a análise sobre a Libras e seus construtos morfológicos. Por ser uma língua jovem, é natural que se construam mitos e afirmações desconexas do conceito de língua.

1. 6.1 *Arbitrariedade de símbolos*

Quando pensamos nas arbitrariedades das línguas orais, logo verificamos as palavras que não possuem nenhum tipo de motivação com seu prospecto de uso, fugindo apenas do caso das onomatopéias que expressam o real valor do que está sendo motivado. Quando falamos das Línguas de Sinais (LS) esse papel das arbitrariedades se inverte, observamos um maior número de léxicos icônicos mostrando a forma natural de sua motivação, possuindo poucos itens arbitrários em sua execução. Quando Hockett, (1960) mensurou essa característica para línguas naturais e universais, ele não levou em consideração as LS, todavia este é visto de uma maneira diferente nos estudos linguísticos onde há línguas mais e menos icônicas.

Quando comparamos diferentes LS, embora estas façam uso de sinais icônicos, elas não representam os mesmos conceitos de maneira igual. Porém, cada comunidade surda elege aspectos diferentes desse referente para construir o seu sinal, ou seja, a primeira constatação é que a iconicidade é arbitrária selecionando significantes diferentes aos mesmos significados.

1. 6.2 Gramaticalidade

Nas línguas orais a representatividade que aparece canônica da Língua Portuguesa como Sujeito (S), Verbo (V) e Objeto (O) a muitas línguas com o mesmo comportamento este é uma evidência que as línguas possuem um sistema abstrato de regras e características que determinam como as palavras podem se combinar na construção das frases Hockett (1960). A tão conhecida construção frasal S.V.O (sujeito, verbo e objeto).

Aronoff et al. (2004), pontuam dois dos aspectos primordiais nas arquiteturas morfológicas são: a concordância verbal para pessoa e número do sujeito e do objeto em um grupo específico de verbos (os chamados verbos com concordância) e o sistema de construções de classificadores que combinam configurações de mãos de classificadores nominais com a forma da trajetória, do movimento e com as locações, afixando diferentes morfemas ao sinal. Esse tipo de morfologia apresenta uma estrutura não-concatenativa, combinando os morfemas de forma simultânea ao invés de sequencial.

1. 6.3 Descritude e Dupla articulação

Seguindo um esquema de raciocínio proposto por Hockett (1960) que conduz sua fala trazendo para a análise a Língua Japonesa:

Quadro 2: Esquema de raciocínio proposto por Hockett

Língua Portuguesa	Língua Japonesa	Hockett (1960)
Este livro é vermelho	Komnohonwaakai	Fala
-	Ko-nohon-waakai	Possibilidade de identificação
-	Kono-honwaaka-i	Possibilidade de identificação
-	Kono-hon-wa-akai	1ª Articulação: Planos das unidades significativas

Esse livro é vermelho	Sono-hon-wa-aka-i	
	- S-o-n-o-h-o-n-w-a-a-k-a-i	2ª Articulação: Plano das unidades distintas

Elaboração do autor. Adaptado Hockett, (1960, p. 88 – 203)

As segmentações mostram que a fala pode ser organizada em unidades significativas, este é um dos planos onde as línguas naturais se originam, e assim conseguimos compreender como elas se manifestam. Embora cada segmento de fala não possua significado, estes acabam por distinguir significados. Os acontecimentos citados são recorrentes nas línguas de Sinais como mostra Stokoe (1960), onde ele confirma sua dupla articulação.

Quadro 3: Sistema de segmentação da língua de sinais 1

CASA// EU// IR			1ª Articulação: Planos das unidades significativas
CM LOC MOV	CM LOC MOV	CM LOC MOV	2ª Articulação: Plano das unidades distintas

Elaboração do autor. Adaptado Stokoe, (1960).

Um exemplo onde em Libras é usada com os parâmetros estipulados por Stokoe (1960) onde se demonstra a dupla articulação.

Quadro 4: Sistema de segmentação da língua de sinais 2

CASA// EU// IR			1ª Articulação: Planos das unidades significativas
B LOC MOV	CM LOC MOV	CM LOC MOV	2ª Articulação: Plano das unidades distintas

Elaboração do autor. Adaptado Stokoe, (1960).

Nas línguas de sinais/gestuais podemos modificar as possibilidades de significados manuseando suas unidades correspondentes. Modificando a forma de mão de b para outra configuração de mão cujo terá uma nova sentença com um novo significado.

1. 1.1 Transmissão cultural

Todas as línguas são transmitidas de geração para geração por seus utilizadores e conseqüentemente, sofrem mudanças de um período para o outro. As línguas de sinais já existiam antes de Cristo e estão presentes em muitas histórias no mundo todo, desde tempos remotos até os dias de hoje. Assim como surdos têm registro nos antigos escritos da civilização humana.

Em Duarte, 2013:

Do ponto de vista das fontes religiosas, no Talmud (livro sagrado judaico), lê-se: “Não equipares o surdo e o mudo com a categoria dos idiotas ou com aqueles indivíduos de irresponsabilidade moral, por que podem ser instruídos e considerados inteligentes”. Na Bíblia Sagrada, livro de Êxodo, capítulo 4, Moisés diz: “Quem faz o mudo, ou surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu o Senhor?” No livro de Levítico, capítulo 19, versículo 14, ele ensina como tratar o semelhante: “Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o Senhor.” No evangelho de Lucas, o capítulo 1 descreve o nascimento e circuncisão de João Batista; os versículos 62 e 63 relatam uma comunicação por meio de sinais entre a população e Zacarias, pai de João Batista, que não falava por ter a língua presa: “Então, por sinais, perguntaram ao pai como queria que ele se chamasse. (p. 1716 - 1717)

A autora faz um breve histórico dos registros mais antigos na história da humanidade, em que pese, antes da era cristã, que se tem menções à existência de pessoas surdas, logo havia uma forma de comunicação entre essas pessoas. O que ocorre é que, assim como as pessoas com deficiências na história do mundo foram invisibilizadas, com surdos não foi diferente.

De acordo com Strobel (2010), sempre existiu, o que ela chama de povo surdo, pessoas surdas acompanham a história da criação e descoberta da civilização, mas propositalmente sempre foram

apagados dos fatos históricos ou pormenorizados, ridicularizados como doentes mentais, pessoas sem cognição ou sem possibilidade de discernimento da vida social.

Contudo, a história do mundo e seu crescimento, transformação e advento da ciência, também impulsionou o fortalecimento não só da língua de sinais, como de seus usuários. É sabido pelos academicistas, cientistas linguísticos, aqueles que se debruçam nos estudos das línguas de sinais, professores e demais partícipes da comunidade surda, que em dado momento histórico, surdos foram proibidos de usar língua de sinais, mas ainda assim a língua não deixou de existir. Ao contrário, se fortaleceu e se emancipou como língua, sendo transmitida às gerações futuras como um dos, segundo Campos (2017), artefatos culturais mais ricos e empoderados de surdos usuários de língua de sinais. Ajudando a aproximar, diminuir e fortalecer jovens surdos, quando de seus primeiros contatos com a língua.

Segundo Lopes (2017) em sua pesquisa sobre Metaplasmos na Língua Brasileira de Sinais, fazendo uma varredura histórica nas mudanças da língua de sinais ao longo do aparecimento dos primeiros dicionários que deram vazão ao aprendizado da Libras no Brasil, foi possível observar o contraste de algumas mudanças ao longo do tempo por conta do conforto linguístico e outros fatores adjacentes pontuados no decorrer da pesquisa. Essa observação corrobora para que as línguas de sinais possuam mais uma característica de línguas puramente naturais.

1. 1. 1 Intercambiabilidade e reflexividade

A intercambiabilidade tem a ver com a possibilidade de trocas de papéis em emitir informações pelos usuários das línguas e no mesmo processo em situação comunicativa conduzir um *feedback* comunicacional entre seus pares, esta acontece apenas em línguas naturais, um exemplo claro e simples é que não conseguimos manter uma comunicação com o praguejamento de trânsito, pois esses não interagem conosco. A reflexividade é a característica das línguas naturais que possuem a capacidade de

falar delas em um contraste metalinguístico, no qual estão presentes os dicionários, a língua explicando ela mesma. Aos moldes de Benveniste em Augustini e Rodrigues (2018) e seu conceito sobre o que seja língua.

Neste sentido, Augustini & Rodrigues (2018), nos dizem que:

De nossa perspectiva, o incômodo de Benveniste reside no fato de que, para ele, a língua não é apenas uma álgebra de valores puros. Se a língua é a parte social da linguagem, há nela valores sociais e históricos implicados, produzidos pela condição de discurso. (p. 9)

Assim, de acordo com Nascimento (1990), as línguas naturais têm sua reflexividade, sua metalinguagem, não como uma função a mais, mas, sobretudo, como unidade diferenciadora, ou seja, toda língua natural se deixa traduzir, explicar-se dentro da própria língua. O que a mesma autora diz permite alçar mão, evoca uma afirmação de Josette Rey- Debove in Nascimento (1990):

que o falante desenvolve, concomitantemente à sua competência lingüística, uma competência metalingüística: "On parlera de compétence métalinguistique pour signifier 'compétence pour le métalangage'. La compétence linguistique permet de produire des phrases accetables sur le monde, la compétence métalinguistique, de produire des phrases accetables sur la langue, notamment celles qui affirment que les phrases sur le monde sont ou non accetables. (p.118)

Assim, a metalinguagem é a propriedade da língua que permite se olhar, se enxergar em toda sua profundidade. A metalinguagem natural ou competência metalingüística é parte integrante de nossas atividades lingüísticas habituais, seja na aquisição da língua materna, ou de qualquer língua, seja para o funcionamento normal do ainda de acordo com Nascimento, 1990.

1. 1.1 Deslocamento

O deslocamento diz respeito à possibilidade de fazer referência a pessoas, tempos e espaços presos a momentos de “fala”, esta é uma capacidade muito simples de ser observada nas línguas de sinais/gestuais, pois se realizarmos um breve passeio histórico ao período do oralismo na educação de surdos segundo Poker (2002),

Para alcançar os seus objetivos, a filosofia oralista utiliza diversas metodologias de oralização: método acupédico, método Perdoncini, método verbotonal, entre outros. Essas metodologias se baseiam em pressupostos teóricos diferentes e possuem, em certos aspectos, práticas diferentes. O que as tornam comum é o fato de defenderem a língua oral como a única forma desejável de comunicação da pessoa surda, rejeitando qualquer forma de gestualização, especialmente a Língua de Sinais. Em resumo o Oralismo consiste em fazer com que a criança receba a linguagem oral através da leitura orofacial e amplificação sonora, enquanto se expressa através da Língua de Sinais e alfabeto digital são expressamente proibidos (p. 18).

Os estudos revelaram que a língua de sinais/gestuais têm as mesmas capacidades de outras línguas naturais assim como Quadros & Karnopp (2004), afirmaram em seus estudos linguísticos das línguas de sinais.

1. 1.1 Criatividade

Essa propriedade se atém à capacidade que as línguas têm de se reinventarem ou criar novos agrupamentos de palavras ou aqui no caso sinais/gestos. A cada dia novos sinais/gestos vão sendo criados a partir do contato dos surdos com novos espaços.

Diferente das línguas orais auditivas, as LS apresentam-se em uma modalidade espaço - visual, pois não se realizam pelo canal oral auditivo, mas sim pelo canal visual e da utilização do espaço, e por expressões faciais e movimentos gestuais perceptíveis pela visão. Diferenciam-se das línguas de modalidade oral auditiva, as quais utilizam como meio de comunicação sons articulados perceptíveis pelo ouvido.

Neste sentido Quadros & Karnopp (2004) dizem que:

A produtividade ou criatividade de um sistema de comunicação é a propriedade que possibilita a construção e interpretação de novos enunciados. Todos os sistemas linguísticos possibilitam a seus usuários construir e compreender um número indefinido de enunciados que jamais ouviram ou viram antes. (p. 29)

A LS é um sistema linguístico legítimo que independe das línguas orais e preenche eficazmente às necessidades de comunicação do ser humano, por ser dotada de complexidade e expressividade tanto quanto as línguas orais. Por meio dela, o indivíduo surdo de qualquer país é capaz de expressar qualquer assunto de seu interesse ou conhecimento.

1. 2 Fonologia da Libras

Os estudos da fonética e fonologia da Libras são recentes, assim como todo o apanhado linguístico que a envolve. Não devemos analisar a Libras pelo mesmo caleidoscópio da língua portuguesa, pois o fato das línguas de sinais se apresentarem em uma modalidade diferente, confere uma estrutura fonética e fonológica embasada na articulação de sinais, com utilização de muitas partes do corpo. Quadros (2019) diz que fonética vai se ocupar de todas as unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não manuais ou manifestados pela expressão física, já a fonologia analisa a representação mental dessas formas.

Nas línguas, comumente, o fonema é considerado a menor unidade da língua. Quadros e Karnopp, (2019) conferem que cada língua apresenta um número limitado e restrito de fonemas (em torno de vinte a cinquenta, conforme a língua) que se combinam sucessivamente, ao longo da cadeia da fala, para constituir unidades maiores (morfemas).

Schwindt, (2014) indica que:

A fonologia é possível adotar uma concepção de fonema não como um som ou classe de sons, mas como uma abstração, um construto teórico com que se busca explicitar o funcionamento dessa unidade mínima no sistema da língua. (p. 73)

Considerando assim os fonemas como as menores unidades, únicas produzidas, que quando estão em ordem sequencial e somadas de diferentes maneiras, formam palavras de uma dada língua, em

que cada língua tem seus próprios fonemas mais típicos, tendo como base a identidade da língua seja ela oral ou sinalizada como no caso da Libras e de outras línguas de sinais.

As línguas de sinais são identificadas como línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos. Apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, no que concerne à modalidade de percepção e produção, o uso do termo ‘fonologia’ tem sido usado para referir-se também ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais.

Historicamente, entretanto, para evitar subestimar a diferença entre esses dois tipos de sistemas linguísticos, Stokoe (1960) propôs o termo ‘Quirema’ às unidades formacionais dos sinais (configuração de mão, locação e movimento) e, ao estudo de suas combinações, propôs o termo ‘Quirologia’ (do grego ‘mão’). Outros pesquisadores, incluindo Stokoe, em edição posterior (1978), têm utilizado os termos ‘Fonema’ e ‘Fonologia’. O argumento para a utilização desses termos é o de que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal (Klima e Bellugi, 1979; Wilbur, 1987; Hulst, 1993).

Na Libras, os articuladores principais são as mãos que se apresentam e se movimentam no espaço em frente ao corpo e que se articulam em pontos determinados neste espaço. Um sinal pode acontecer com uma ou duas mãos e essa é uma característica das línguas de sinais, um sinal pode ser realizado tanto com mão esquerda, quanto com a mão direita, ou seja, não há regra de que uma mão precisa ser predominante à outra.

É necessário entender que há algumas equivalências entre línguas de sinais e línguas orais. A principal, mais considerável, é que as línguas sinalizadas possuem um léxico nativo e uma gramática, bem como qualquer outra língua. As unidades mínimas da Libras são referidas, segundo Felipe (2006),

por cinco parâmetros que configuram um sinal, a saber: a configuração de mãos (CM), correspondente ao formato feito pela mão; ao ponto de articulação (PA), responsável pela localização em relação ao corpo do sinalizador/falante; ao movimento (M), relacionado às direções da sinalização; a orientação da mão (O), referente à direcionalidade da palma da mão; e às expressões não manuais ou expressões faciais e corporais, relacionadas aos traços expressivos realizados com o rosto, olhos ou corpo, por exemplo.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 49), as unidades mínimas da Libras “constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais”, os parâmetros apresentam função estrutural própria aos sinais do sistema linguístico das línguas naturais de modalidade visual-espacial.

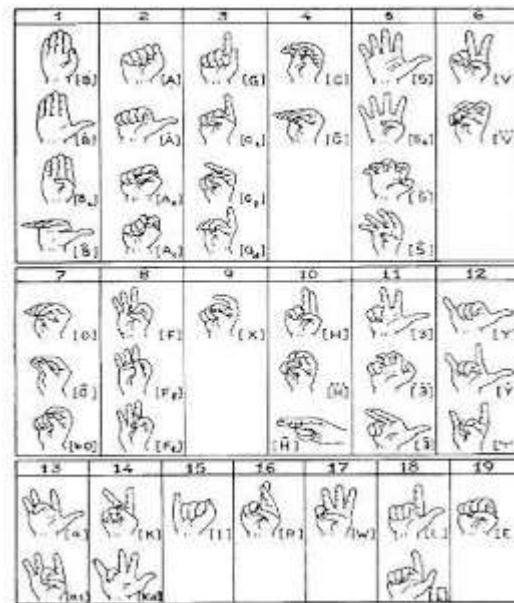
Atualmente, ainda que conhecidos cinco parâmetros estruturais para a constituição linguística das línguas de sinais, os contributos de Stokoe para a descrição dos níveis linguísticos da ASL, apontaram, inicialmente, para três parâmetros: a configuração de mão, o ponto de articulação e o movimento. Seus estudos serviram de fundamento para pesquisas posteriores. Gesser (2009) aponta que:

A partir da década de 1970, os linguistas Robbin Battison (1974), Edward S. Klima & Ursulla Bellugi (1979) conduziram estudos mais profundos sobre a gramática da ASL, especificamente sobre os aspetos fonológicos, descrevendo um quarto parâmetro: a orientação da mão (O). (Gesser, 2009, p.14)

Os significantes em línguas de sinais, partem da funcionalidade articulada entre os parâmetros, isto é, uma mesma configuração de mão, exemplificando, pode ser utilizada para gerar diferentes significados em língua de sinais, pois as configurações de mão são somadas a um ponto de articulação e um movimento.

Todas as línguas partilham o fato de se articularem estruturalmente nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Com base em Ferreira Brito (1995), sobre pesquisas referentes a Libras, foram identificadas 46 configurações de mão. Hoje, estudos em andamento, têm identificado cerca de um pouco mais de 70 configurações de mão. Tais como os apresentados a seguir.

Figura 1: Configurações de mãos observadas por Ferreira Brito (1995)



Fonte: Ferreira-Brito (1995, p 220)









Figura 2: Configurações de mãos observadas por Faria-Nascimento (2009)



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 31)

Podemos observar na figura abaixo a distribuição das CM proposta por Faria- Nascimento (2009). Em seu inventário, a pesquisadora relacionou 75 CM, divididas em 10 grupos. É importante ressaltar que o trabalho dessa autora tinha como enfoque o léxico e não fonológico, apesar de ela ter abarcado esse e os outros parâmetros em sua pesquisa.

Figura 3: Grupos de Configurações de mãos (CM) da Libras

Grupo	Configuração das Mãos
Grupo 1	
Grupo 2	
Grupo 3	
Grupo 4	
Grupo 5	
Grupo 6	
Grupo 7	
Grupo 8	

Fonte: Faria-Nascimento, (2009, p. 176-183).

Nas línguas de sinais, bem como em outras, é perceptível a constituição de léxicos semelhantes com a mesma base, onde uma configuração de mão pode originar outros sinais. Xavier e Barbosa (2014) acabam por destacar que alguns pares de sinais, podem variar o significado.

Figura 4: Constituição de léxicos com mesma base de configuração de mão



a) azar b) telefone

Fonte: Capovilla (2019, pp. 335, 2677)

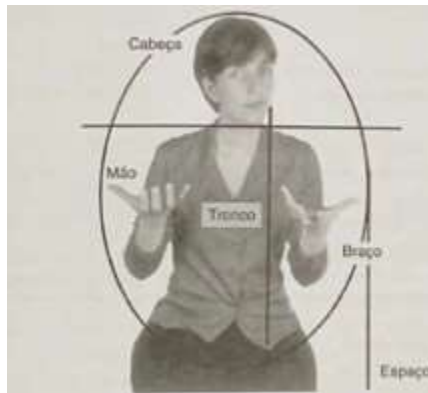
A figura 4 permite a análise, primeiro, da relação de diferenciação de léxicos em língua brasileira de sinais com base na alternância dos parâmetros. Ambos os sinais são realizados a partir da configuração de mão número 68 (ver figura 3). No entanto, quando referidos aos pontos de articulações dos termos azar e telefone, é possível observar a mudança de significado e constituição de novo item lexical dentro da língua de sinais.

Contudo, alguns construtos formados dentro desta língua não são ímpares em seus significados. Podendo encontrar em sinalização naturais e espontâneas alguns alofones, esses se constituem, segundo Farias-Nascimento (2009), como pequenas modificações nos parâmetros no ato de sinalizar, seja em seu movimento, base e/ou forma, que não alteram seu significado.

O ponto de articulação de um sinal, conforme Stokoe (1960), é o elemento principal para a formação de léxicos na língua de sinais. A locação é o campo do próprio corpo ou um espaço neutro em frente ao corpo, onde a sinalização é realizada. Segundo Ferreira Brito (1995), os pontos de articulação estão contidos na cabeça, no tronco, na mão e no espaço sinalizante. Segundo Karnopp (1999), entramos, também, nas línguas de pontos detalhados, nos olhos, na testa e ouvidos, estes contidos e organizados nas locações principais. Friedman (1976) afirma que o ponto articulação é aquela região no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é formado.

Quadros 2019, identifica um conjunto de localizadores (L) da Libras e correlaciona os lugares onde se encontram e acontecem alguns sinais. Assim os descreve: espaço neutro: a frente do sinalizante; tronco: ombro, peito, barriga, baixo da cintura; face: cabeça, testa, bochecha, nariz, queixo, orelha, boca, olho; pescoço; braços; antebraço; mãos.

Figura 5: Marcação do ponto de articulação frente ao corpo do sinalizante



Fonte: Quadros (2004, p. 57)

Assim como o ponto de articulação, dentre os critérios para constituição de léxicos na Libras, o movimento (M) – terceiro parâmetro identificado nos estudos de Stokoe, (1960), que envolve diferentes formas e direções, compõe um complexo sistema de diferenciação de conceitos dos sinais. Utilizados em associação, os parâmetros possibilitam uma vasta rede de vocabulário, que diferem entre si por estruturas visuais mínimas Quadros & Karnopp, (2004), p. 54.

Quadros (2019), ainda mostra alguns conjuntos de movimentos perceptíveis na sinalização da Libras, tais como: (i) Movimentos de trajetória (retilíneo, sinuoso, angular); (ii) Movimentos circulares (circular, semi circular, helicoidal); (iii) Movimentos internos dos sinais (dos dedos, das mãos).

Figura 6: Diferenciação de sinal com base nos movimentos



a) hoje

b) agora

Fonte: Capovilla (2019, pp. 128, 1466)

Como supracitado por Quadros e Karnopp (2004), a realização de movimentos distintos dentro de uma análise particular de sinais, conforme expõe a figura 6, demonstra a modificação de significado e produção de novos vocábulos. A distinção entre os sinais de hoje e agora está condicionada, unicamente, ao movimento e sua repetição, apresentando a mesma CM e PA.

Conforme evidenciadas em estudos de Battison (1974) e Klima & Bellugi (1979), a orientação das mãos, parâmetro na fonologia das línguas de sinais, com base na existência de pares mínimos, apresenta mudança de significado na produção de Battison, 1974; Bellugi, Klima, (1979).

Por definição, a orientação é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Ferreira Brito (1995, p.41) enumera os tipos de orientação na Libras: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita e também para a esquerda. A orientação de mão ajuda na percepção e justamente na compreensão do sinal em sua formação, em como ele começa e em como ele se encerra no ato de sinalizar.

Mesmo ele sendo reconhecido como parte de construção e entendimento do sinal, somente há poucos anos começou a ser debatido e reconhecido entre os parâmetros fundantes da Libras.

Figura 7: Exemplificação de orientações das mãos



Fonte: Marentette (1995, p. 204)

As expressões não-manuais, que são os movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco, prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais, que são marcações de construção sintática e de sinais específicos. Com base em Baker (1980), Ferreira Brito (1995) as expressões têm função sintáticas de marcarem sentenças interrogativas (sim ou não), orações relativas e topicalização, possuindo constituição lexical que marcam referências específicas, pronominais, partículas negativas e advérbios.

Algumas restrições se apresentam na formação de sinais, como particularidades físicas e linguísticas, que possibilitam combinações entre as unidades (fonemas), configuração de mão, movimento, locação e orientação de mão.

Battison (1974) demonstra que, na região facial, há um grande número de diferentes locações, comparada à região do tronco. Além disso, as configurações de mão marcadas ocorrem com maior frequência, em duas regiões, na face e no tronco.

Partindo dessa premissa pode-se fazer a seguinte classificação:

- (i) sinais produzidos com uma mão;
- (ii) Sinais produzidos com as duas mãos em que ambas são ativas;
- (iii) sinais de duas mãos em que a mão dominante é ativa e a mão não-dominante serve como locação.

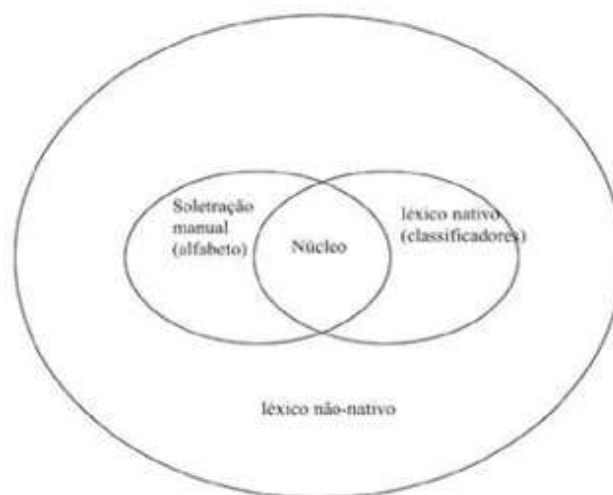
Na classificação proposta por Battison (1974), há duas restrições fonológicas na produção de diferentes tipos de sinais envolvendo as duas mãos. A primeira restrição, denominada Condição de Simetria, estabelece que, caso as mãos se movam na produção de um sinal, então determinadas restrições aparecem, a saber: a configuração de mão deve ser a mesma para as duas mãos, a locação deve ser a mesma ou simétrica, e o movimento deve ser simultâneo ou alternado.

A segunda restrição vem a ser a dominância, que confere que se mãos não se assemelhavam a mesma configuração de mão, terá a mão ativa (dominante) produzindo um movimento e a mão passiva servindo como apoio, onde o interlocutor se serve da mão passiva para aumentar a número de informações apresentadas na conversação.

Tais restrições são oriundas do sistema de percepção visual e capacidade de produção, manual próprio das línguas de sinais, onde tais regras surgem na tentativa de clarificar a complexidade das conexões entre unidades, para que essas somas possam ser percebidas dentro de um sistema controlado.

Autores como Stokoe (1960), ampliaram o inventário de unidades sublexicais das línguas de sinais, ou parâmetros, como muitos destes passaram a chamá-las. Dentre esses trabalhos, destacam-se os de Battison (1974), Klima e Bellugi (1979) e Liddell e Johnson (1989). A estruturação da Libras é notavelmente complexa, se aparentando a propriedades que não são encontradas em línguas orais. O léxico não-nativo contém palavras em português, que são usualmente soletradas, e esses termos podem ser encontrados na periferia da língua sinalizada brasileira.

Figura 8: Léxico na língua de sinais brasileira



Comumente, os sujeitos surdos utilizam o alfabeto manual como recurso quando encontram termos desconhecidos, nomes próprios ou quando esquecem os sinais durante a comunicação. Dessa forma, eles podem soletrar as letras para expressar essas palavras ou conceitos de forma eficiente. O alfabeto manual é uma ferramenta importante para a comunicação inclusiva dos surdos, permitindo-lhes expressar-se de maneira mais completa e superar eventuais lacunas de vocabulário ou sinalização.

Figura 9: Dactilologia de flúor

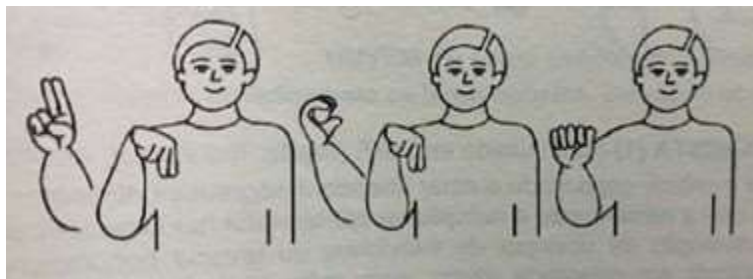


Fonte: Ferreira- Brito (1995, p. 12)

Sobre a soletração Quadros, (2004) confere que esta não é uma representação direta da Língua Portuguesa, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que possuem correspondência com a sequência de letras escritas na Língua Portuguesa.

Nesse mesmo íterim, vamos encontrar sinais que foram derivados de ilustrações e que, durante o uso e conforto linguístico, tornaram-se um léxico forjado e costumeiramente usado entre os sinalizadores da língua. Quadros, seguindo a proposta de Battiston (1975), confere esse movimento como um empréstimo linguístico, colocando em demonstração dois exemplos, o sinal NUN que é derivado da soletração da palavra N-U-N-C-A e AZUL, ou AL que deriva da soletração de A- Z-U-L.

Figura 10: Sinal de nunca (V1)



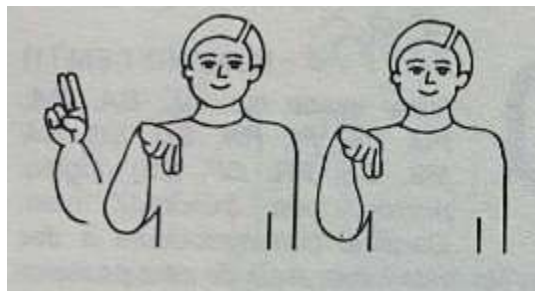
Fonte: (Capovilla, 2019, p.1983)

Na primeira variante do sinal "NUNCA", pouco utilizada nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Minas Gerais, de acordo com as observações de Capovilla (2019), é notável a prevalência de uma forma de comunicação baseada em soletração clara. Esse método difere da abordagem descrita por Quadros (2019) e Battiston (1975), que abordam o tema de forma distinta.

Enquanto Quadros (2019) e Battiston (1975) podem enfatizar outras formas de expressão e sinalização para a palavra "NUNCA", Capovilla (2019) destaca a predominância da soletração entre os sujeitos surdos nessas regiões específicas do Brasil. Esse achado sugere que as práticas comunicativas podem variar significativamente em diferentes contextos geográficos e culturais, refletindo a diversidade linguística e a riqueza das experiências surdas em todo o país.

Essa diferença na frequência de uso do sinal "NUNCA" e nas estratégias comunicativas pode ser influenciada por uma série de fatores, como a interação com outras línguas de sinais locais, a presença de comunidades surdas distintas e as preferências individuais dos usuários da língua de sinais. Compreender essas nuances regionais é essencial para um estudo abrangente da língua de sinais brasileira e para promover uma comunicação mais inclusiva e efetiva com a comunidade surda em todo o país.

Figura 11: Sinal de nunca (V2)

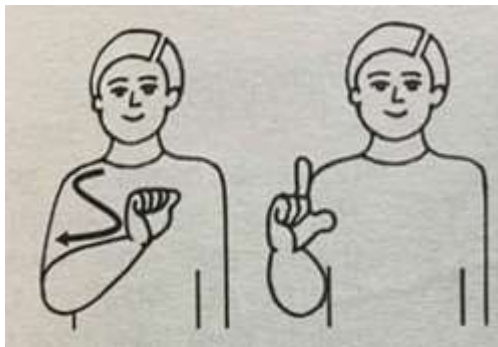


Fonte: (Capovilla, 2019, p. 1984)

Na segunda variante do sinal, usada também em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul, é perceptível somente a soletração de três letras N, U e N rapidamente. Esses exemplos ilustram as derivações que existem na Libras, que são originárias de empréstimos linguísticos oriundo da Língua Portuguesa.

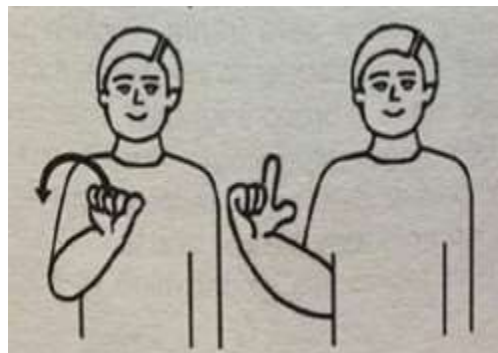
Os sinais a seguir mostram o mesmo comportamento.

Figura 12: Sinal da cor Azul (V1)



Fonte: (Capovilla, 2019, p. 337)

Figura 13: Sinal da cor Azul (V2)



Fonte: (Capovilla, 2019, p. 337)

Padden (1996), confere a análise de sinais soletrados manualmente e demonstra a comparação efetiva entre línguas de modalidades diferentes, no que refere ao empréstimo linguístico.

1. 3 Panorama dos Estudos Morfológicos da Libras

A morfologia tem, como objetivo de estudo, a pesquisa e análise da forma das palavras de uma língua, e bem como tratar, das conexões entre unidades mínimas na formação de constructos considerados maiores, no caso, os morfemas. Os morfemas são a menor unidade com significado, diferentemente do fonema, que é a menor unidade destituída de significado.

O processo de formação de palavras (sinais) na Libras é estruturalmente independente das línguas orais ou línguas de contato imediato. Aqui vou apresentar uma tabela para o maior entendimento da distinção dos processos entre línguas.

Quadro 5: Comparação entre línguas e pequenas estruturas linguísticas

Fonema	Morfema	Signo
Unidades mínimas sem significado	Unidade mínima com significado	Combinação de significante e significado
/f/ faca /ks/ toxina	In/feliz/mente (composição + modo)	Faca; infeliz
Libras /PA/ Laranja; aprender	Libras: Afixos /Movimento/ cadeira x sentar	Libras: Sinais Faca; infeliz

Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda na Libras, quadros e Karnopp (2004), demonstram, em suas pesquisas, processos de formação de palavras (sinais) através de empréstimos da língua mais próxima à língua portuguesa, processos derivacionais e composição. Estes empréstimos, podemos visualizar na figura 12 e 13 desta sessão; processos de derivação e composição veremos adiante na seção sobre morfologia da Libras.

Não há como o homem se socializar sem uma língua, pois sem a comunicação, a evolução se torna limitada, pois o input e o output não existirão e também não ocorrerão a aquisição de novos conhecimentos e tampouco expressar o que ele (a) sente, ou, até mesmo, registrar fatos importantes. A

comunicação faz parte da cultura do ser humano, construindo-a e reformulando-a de acordo com o tempo e espaço em que se vive, ou seja, a língua também passa por processos evolutivos, se ordenando de acordo com o período e com o grupo social a qual interage.

Para os surdos, a Libras é a única que permite contemplar todas as características da fala. Essa modalidade é indispensável para a total apropriação da linguagem pela criança surda, por desenvolver suas competências linguísticas e cognitivas. A língua de sinais permite, ao surdo, descobrir o conceito de comunicação linguística, compreendendo melhor o uso de uma língua, se tratando da L1. (Bouvet apud Brito, 1989).

Começarei por indicar que há poucos estudos sobre a morfologia da Libras, como, por exemplo, Brito (1998), Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo Silva & Sell (2009) e Rodero-Takahira (2012 e no prelo). Ao contrário da Libras, podemos encontrar diversos trabalhos sobre morfologia na American Sign Language (ASL) como, por exemplo, Stokoe (1960), Liddell & Johnson (2000 [1992], 1986), Aronoff, Meir & Sandler (2004), entre outros. Muitos deles exploram a questão das categorias na ASL.

O processo de composição dentro da língua de sinais é bastante interessante e distinto, quando olhamos para outras línguas, como o português, que se junta às bases para a formação de novas palavras. Quadros, (2004) considera que a língua de sinais, assim como qualquer outra, tem um sistema léxico e um significado (morfemas) que são combinados.

Outros estudos são de Scott Liddell (1984), que desenvolveu estudos com compostos da ASL. O pesquisador observou que dois sinais formam um sinal, quando mudanças ocorrem como resultado e aplicação de regras, da mesma maneira que ocorre na Língua Inglesa.

Inicialmente, a tomada de referência de critérios referidos por Felipe (2006) para se considerar um morfema na Libras, por exemplo: i) uma raiz ou sem, considerando a presença de movimento; ii)

um afixo, considerando alterações entre movimento e formato da mão; iii) ou uma desinência, expressa pela direção – que é considerada concordância de pessoa e número; iv) ou formato da mão, que é considerado gênero.

Mas, de fato, o que são morfemas em Libras? Existe então uma morfologia de Libras? Assim como as línguas orais, a Libras tem sim sua construção morfológica, evidente que é uma língua visual-espacial, nos moldes de Rodero-Takahira, (2012), sua produção se dá por meio do visual e sua produção a partir dos movimentos das mãos.

Rodero-Takahira (2012), afirma que:

Seguindo os pontos apresentados e as questões levantadas até aqui, vale lembrar que a LIBRAS é uma língua de uma modalidade diferente das línguas orais, sendo essas já bastante estudadas enquanto seus processos de composição. Ou seja, a LIBRAS, e as línguas de sinais de forma mais geral, são línguas visuo-espaciais. (p. 264)

Seguidamente, a mesma autora, ainda diz que a Libras tem sua estrutura fônica, além de ter sua unidade mínima, tanto quanto uma língua oral, por exemplo, há alguns anos era impensável do ponto de vista linguístico, uma vez que não se tinha estudos suficientes para comprovar a presença ou não fônica em línguas de sinais. O que, de acordo com Rodero- Takahira, 2012, passou a ser possível, levando-se em consideração os estudos de Stokoe, 1960. E mais tarde seria chamado de parâmetros da Libras.

Assim Rodero-Takahira (2012), diz que:

Mais tarde, essa terminologia é deixada de lado e o termo fonema é usado mesmo quando se tratando de línguas de sinais. Esse autor aponta três tipos de fonemas: configuração de mãos (o formato que a mão toma), locação (ou ponto de articulação, localização em relação ao corpo do sinalizador/falante) e movimento. Outros estudos que seguiram consideraram também: direcionalidade (ou orientação da palma da mão) e expressões não manuais (ou expressões faciais e corporais), como tipos de fonemas nas línguas de sinais. Esses compõem os cinco

parâmetros da LIBRAS, ou seja, cinco tipos de fonemas, cinco grupos de partes menores destituídas de significado por si só que, juntas, formam um sinal com significado. (p. 263)

Neste contexto, línguas, são sistemas complexos de comunicação no vocabulário constituído de símbolos convencionais e regras gramaticais, que são compartilhados pelos membros de uma comunidade. Elas também se caracterizam por serem passadas de geração para geração, por mudarem com o passar do tempo e por serem usadas para um intercâmbio de ideias, emoções e interações Baker e Cocley, (1980).

Ainda em Rodero-Takahira e Scher, (2020), poucos são os estudos sobre a morfologia das línguas de sinais. Contudo, as autoras baseiam suas pesquisas em estudos de autores que afirmam a possibilidade de compostos sequenciais em LS.

Neste contexto, Rodero-Takahira & Scher (2020), afirmam que:

Alguns autores defendem a existência de compostos simultâneos nas línguas de sinais (BRENNAN, 1990; SUTTON- SPENCE; WOLL, 1999; GÖKSEL, 2014), normalmente envolvendo a realização simultânea de dois sinais, que são dois classificadores (CL). Na Libras (língua brasileira de sinais), há estudos que tratam de compostos realizados sequencialmente com dois ou três sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004; FELIPE, 2006; FIGUEIREDO - SILVA; SELL, 2009) e a ocorrência de CLs em compostos, bem como a realização de compostos simultâneos passam a ser tratadas em (p. 153).

Os elementos que corroboram para imbuir que as línguas de sinais têm o mesmo comportamento, como qualquer outra língua, manifestam-se cotidianas nas comunidades surdas. Transformando-se através dos tempos e variando com o uso de seus falantes, aqui no caso (sinalizantes).

A comunidade surda se desenvolve de maneira abrangente, não simplesmente com sinais soltos ou gestos (LS), mas é uma língua natural dos surdos, que apresenta estrutura e regras gramaticais próprias. Considerada natural porque surge “espontaneamente da interação entre pessoas e, devido a

sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano” Brito et al., (1998) p. 48. Ao contrário do que muita gente pensa, a LS não se realiza apenas com mímicas e gestos soltos utilizados pelos surdos para facilitar sua comunicação. De acordo com Correia (2015), durante muito tempo, as pessoas não só acreditaram nisto, como afirmavam categoricamente, que LS, eram, tão somente, mímicas.

1. 4 Morfologia da Libras

Os fenômenos dentro da Libras são muitos, mas pouco se sabe sobre eles, e menos ainda sobre a Libras em Macapá. Nesta seção, é importante referendar os processos de amplitude e formação de novos sinais, especificamente quando falamos de morfologia lexical em específico, as derivações, em que a modificação do sinal original consegue emitir um novo conceito diferente do expresso pelo sinal inicial. E ainda dizer em qual ou quais autores bebi, para então construir a linha de reflexão analítica.

Para tanto, a base teórica desta reflexão analítica está em Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo Silva & Sell (2009) e Rodero e Takahira (2012, 2013, 2020). E ainda alguns escritos sobre a morfologia na American Sign Language (ASL), Stokoe (1960), Lidell & Johnson (2000, 1986), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Meir et al. (2010).

Nesse sentido, é importante reforçar o que já tenho dito ao longo deste texto, de que as pesquisas, neste campo linguístico, ainda são incipientes, uma vez que a Libras é uma língua jovem, com poucos estudos detidamente acerca do objeto que busco construir em minha linha reflexiva, a morfologia derivacional de Libras em Macapá.

Portanto é imperioso que se faça, nesta seção, uma abordagem sobre a definição de morfologia derivacional, para além da etimologia da palavra, ou seja, a partir da análise dos sinais usados como mote da pesquisa. E autores como Rodero-Takahira, (2020). Ainda que tenha percebido, nos mesmos exemplos, traços de contaminação da língua portuguesa, este não é o foco principal desta análise.

Partindo das línguas orais, o conceito de composição, se dá pela união de dois itens lexicais, que se juntam e dão origem a um terceiro, ou seja, a unidade mínima, o morfema se junta a outro e dão origem a um terceiro morfema. E ainda nas línguas orais, esta unidade mínima, o morfema, composto de som e significado, não tem autonomia como palavra, referenda por Ferreira, (2014. p. 319).

Após fazer esta digressão, para falar da morfologia de línguas orais e como se dá o processo de formação de novas palavras por composição, é preciso adentrar o universo na Libras para entender como se dá este processo. E para tanto, lança mão dos estudos da Felipe (2006), Brito (2010), e Rodero - Takahira (2012, 2013, 2014 e 2020), na busca por mostrar como o morfema, unidade mínima de Libras, se constrói.

Para poder ampliar a discussão e demonstrar mais especificamente os compostos dentro da língua de sinais, usarei a pesquisa de corpus que Rodero-Takahira (2015), realizou em busca de literaturas que conversavam não somente sobre língua de sinais, mas também sobre compostos.

Quadro 6: Corpus extraídos de Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) e Figueiredo-Silva e Sell (2009) por Rodero-Takahira (2015)

Quadros e Karnopp (2004)	a. ACREDITAR (saber + estudar) b. ESCOLA (casa + estudar) c. PAIS (PAI + MÃE) d. BOA NOITE (BOA + NOITE) e. ACIDENTE (carro + bater)
Felipe (2006)	a. CAVALO^LISTR -PELO-CORPO (CAVALO LISTRA-PELO-CORPO="zebra") b. MULHER^BEIJO-NA-MÃO (MULHER + BEIJO-NA MÃO = "mãe")

	<p>c. CASA^ESTUDAR (CASA + ESTUDAR "escola")</p> <p>d. ASSINAR^SEPARAR (ASSINAR + SEPARAR "divórcio")</p> <p>e. COMER^MEIO-DIA (COMER MEIO-DIA "almoço")</p> <p>f. coisa-pequena^PERFURAR "alfinete"</p> <p>g. coisa-pequena^APLICAR-NO-BRAÇO "agulha"</p> <p>h. DORMIR^pessoa **"alojamento"</p> <p>i. COSTURAR-COM-AGULHA^A-G-U-L-H-A "agulha"</p>
<p>Figueiredo Silva e Sell (2009)</p>	<p>i) [HOMEM / MULHER + N] para profissões:</p> <p>a. HOMEM^VIGIA [vigia]</p> <p>b. HOMEM^RURAL [agricultor]</p> <p>c. HOMEM^MANGUEIRA [bombeiro]</p> <p>d. HOMEM^VENDA [vendedor]</p> <p>e. HOMEM^CONSTRUÇÃO [pedreiro]</p> <p>f. HOMEM^CONSERTO [mecânico]</p> <p>g. HOMEM^DIGITAÇÃO [caixa de banco, de lotérica, etc]</p> <p>h. HOMEM^FEIRA [feirante]</p> <p>i. MULHER^COSTURA [costureira]</p> <p>ii) [CASA + N] para</p>

	<p>lugares/locais:</p> <p>a. CASA^ESTUDO [escola]</p> <p>b. CASA^CRUZ [igreja]</p> <p>c. CASA^ANTIG@ [museu]</p> <p>iii) Combinações diferentes da forma [CASA + N] para lugares/locais:</p> <p>a. MORTE^CRUZ [cemitério]</p> <p>b. CONCERTO^CARRO [oficina mecânica]</p> <p>iv) Combinação de mais de dois sinais na forma [CASA + N + N] para lugares/locais:</p> <p>a. CASA^VENDA^PAPEL [(papeleria)]</p> <p>b. CASA^VENDA^CARNE [açougue]</p> <p>c. CASA^GRUPO^VELHO [asilos]</p> <p>d. CASA^GRUPO^PRESO [presídios]</p> <p>e. CASA^DORME^PRESO [orfanatos]</p> <p>CASA^CRIANÇA^ADOTA [orfanato]</p>
--	--

Fonte: Rodero -Takahira (2015, p. 20)

Bem como Quadros e Karnopp (2004), em outrora nos trouxeram regras aplicáveis para criar novas unidades com significado na ASL: 1) a regra do contato; 2) a regra da sequência única 3) a regra

da antecipação da mão não dominante. Rodero-Takahira (2015), nos trouxe processos de classificação de compostos retirados da literatura e verificados abaixo.

- a. Os dois sinais em um composto são raízes da língua (Klima e Bellugi, 1979);
- b. Os dois sinais em um composto formam uma única unidade – não podem ser separados por outras formas (Klima e Bellugi, 1979);
- c. O significado do composto difere do significado dos dois mesmos sinais em uma frase (Klima e Bellugi, 1979);
- d. As operações gramaticais que se aplicam a um sinal que funciona sintaticamente como um item independente não se aplicam ao mesmo sinal em um composto (Klima e Bellugi 1979);
- e. Redução ou assimilação de M ou toques (Klima e Bellugi, 1979) e (Liddell e Johnson, 1989).

Klima e Bellugi (1979) ressaltam que, o critério por eles indicado, designa mudanças previsíveis em relação aos aspectos fonológicos de um composto, de maneira que os levam à identificação de compostos constituídos por aglutinação. E assim, acabam por destacar as seguintes mudanças de movimento ou toques:

1. O movimento no primeiro sinal do composto é diminuído (Klima e Bellugi, 1979);
2. O segundo sinal perde repetição de toque ou movimento (Klima e Bellugi, 1979);
3. Se há o uso da mão não dominante no segundo sinal, ela se antecipa durante a realização do primeiro sinal (Klima e Bellugi, 1979);
4. O movimento de transição entre os dois sinais é diminuído (Klima e Bellugi, 1979).

Nesse momento, é válido ressaltar que as pesquisas dão conta de uma parcela do acervo de sinais da Libras. Estamos no prelúdio das pesquisas no campo da morfologia e catalogar tantos termos, é humanamente impossível, posto que o número de falantes é generoso e por se tratar de uma língua

“viva” que se encontra em processo de mutação a todo momento, no tempo, no espaço, com a ajuda de sua comunidade, seja ela surda ou não surda.

Ainda em pesquisas sobre compostos Rodero – Takahira (2015) ela traz à tona, compostos originários de compostos simultâneos, sinais oriundos de expressões não manuais junto com sinais manuais, ocorrendo ao mesmo tempo no discurso, e afirmando que estes também formam novos conceitos e/ou significados.

Ao mesmo tempo, que demonstra em pesquisas na literatura de classes de palavras verificou-se em Supalla e Newport (1978); com ajuda dos textos de Liddell e Johnson (1989) que pesquisaram mais de 100 pares de nome-verbo na ASL e no qual afirmam que esses pares apresentam uma mudança nos padrões de movimento.

E trouxe para a superfície trabalhos mais frescos como de Meier (2012) que conversa sobre classes de palavras, ressaltando que essas, geralmente se referem à classificação de acordo com seu comportamento morfossintático e semântico. Meire (2012) aponta:

- a) Pares nomes-verbos - cujos membros podem ser diferentes pela qualidade do movimento em algumas línguas de sinais.
- b) Modulação flexionais - flexões tomam a forma de modulações no movimento do sinal nas línguas de sinais;
- c) Afixos determinadores de classes de palavras - afixação sequencial não é muito comum nas línguas de sinais, apontando que há dois afixos relevantes na língua de sinais israelense (ILS) e dois na Língua de sinais Beduína Al – Sayyid (ABSL).
- d) co - ocorrência com palavras funcionais, como por exemplo palavras de negação.
- e) co - ocorrência de traços não manuais, expressões faciais, balanço de cabeça e movimentos de boca que desempenham papéis gramaticais.

1. 4.1 *Olhando para os Classificadores em compostos (CL)*

As línguas de sinais acabam por fornecer as construções sequenciais e simultâneas que podem prover compostos de sinais envolvendo ou não classificadores. Pensando nisso, Rodero - Takahira (2015) observou dados em pesquisa que indicaram uma primeira possibilidade de classificação de possíveis compostos na Libras.

- i) Sequenciais com⁴:
 - a) Dois sinais simples (sinal ^ sinal);
 - b) Um sinal simples e um sinal (sinal ^ sinal CL);
 - c) Dois sinais CLs (sinal CL ^ sinal CL);
 - d) Três ou mais sinais.
- ii) Simultâneas com:
 - a) Um sinal boca e um sinal simples (sinal bocallsinal);
 - b) Um sinal boca e um sinal CL (sinal bocallsinal CL);
 - c) Um sinal CL (mão base) e um sinal CL (sinal CL basellsinal CL);
 - d) Um sinal CL (com verbo) e um sinal CL (sinal CL- Verboisinal CL).
- iii) Simultâneo-sequenciais com:
 - a) Um sinal e, na sequência, dois sinais CLs – não necessariamente nessa ordem.

Muitos autores falam sobre CLs, entre eles temos Quadros (2004) e Supalla (1978) onde referem-se ao uso para estabelecimento de concordância, nas línguas de sinais e esses podem se manifestar de diversas formas.

Podem atribuir qualidade em uma descrição de objeto, pessoa ou sentimento, buscando explicar em proporções visuais, como: quadrado, retângulo, círculo, detalhes em listras. Para Felipe (2002) os

⁴ Para visualizar os sinais verifique em Rodero - Takahira (2015).

classificadores são formas representadas por configurações de mãos que, substituem o nome que as precedem, pode se apresentar junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado a ação do verbo, onde concordam com pessoa, animais e coisas.

- i) MESA COLOCAR (copo, prato, talheres)
- ii) CARRO ESTACIONADO (CM em B movendo um atrás do outro)

Na literatura da Felipe (2002), quando comparou os classificadores de línguas orais e sinais podemos encontrar alguns tipos de classificadores, descritivos, específicos, partes do corpo, locativos, semânticos, instrumentais, do corpo, plurais, de elementos e nome e número. Não é meu desejo me aprofundar nos classificadores.

Felipe (2002) reitera:

Como em línguas orais-auditivas, nas línguas de sinais também ocorre o sincretismo das categorias de classificação, concorrem, assim, com estes morfemas do sistema de gênero acima (configurações de mãos), outras que estão que podem estar iconicamente representadas na raiz Movimento ou na orientação ou no ponto de localização (onde um caminho (path) começa e finda ou onde a coisa é localizada). Como se verá mais à frente, todos estes componentes fazem parte do sistema de flexão verbal da LIBRAS. Estes morfemas sempre estão presos a uma raiz verbal, que é o movimento (+ /-) e anaforicamente concordam com o referente que precede o verbo enquanto argumento: sujeito e/ou objeto. A nível sintático, os morfemas classificadores ocupam o lugar específico para a concordância. (p. 09)

Voltando ao fluxo, segundo Ferreira, (2014), apesar de Brito (2010), ter uma importante contribuição nos estudos linguísticos da Libras, a saber, a concepção do que seja fonologia ela não depreendeu, refletiu, sobre a morfologia de Libras. Contudo, em Felipe (2006), tem-se uma evolução no conceito de fonema, a ser usado não com o sentido lato da palavra, como muitos professores, pesquisadores e partícipes da comunidade surda entendiam, mas o sentido amplo e por isso, considerar

fonemas em Libras, uma vez que seus estudos demonstram a relação de fonema, não como som, mas como unidade mínima, base dos estudos fonológicos.

Ainda segundo Ferreira, (2014), temos os seguintes parâmetros:

A Configuração de mãos (o formato feito pela mão), ponto de articulação, (localização em relação ao corpo do sinalizador/falante), movimento (feito pela mão), direcionalidade (ou orientação da palma da mão) e expressões não manuais (ou expressões faciais e corporais). Esses cinco parâmetros são colocados como os fonemas nas línguas de sinais, são as cinco partes menores, que, juntas, formam um sinal. Na ausência de um dos parâmetros o sinal é descrito citando a não realização dele. (Ferreira, 2014, p. 320)

A partir dos estudos da Felipe (2006), os parâmetros da Libras então passam a ser considerados como os elementos fonológicos, pois são as unidades mínimas da língua. O que antes era impensável, pois não se conseguia conceber o conceito de fonema em Libras, uma vez que estava preso ao conceito de som e não unidade mínima.

Xavier e Neves (2016), referem esse processo como a criação de um novo sinal para se estruturar novos conceitos na Libras:

Um deles consiste na alteração da forma de um sinal já existente para designar um novo conceito (relacionado, mas) diferente do expresso pelo sinal original. Esse caso difere dos tratados na seção anterior, porque, com esse processo, se cria um novo sinal e, por isso, o tratamos como derivação por alteração de pelo menos um dos parâmetros do sinal primitivo. O segundo processo consiste na criação de novos sinais a partir da derivação por composição de dois outros sinais já existentes na língua. O terceiro processo consiste da junção de partes de sinais existentes para a formação de outro. Chamamos esse último caso de fusão. (p.141)

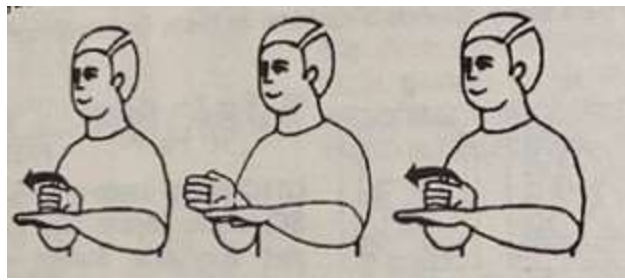
A derivação por alteração, de pelo menos um dos parâmetros do sinal primitivo, acontece um processo produtivo de novos sinais na Libras, é comum ver esses sinais acontecendo dentro da língua. Verificamos essa modificação em ENTRAR e FREQUENTAR onde, os sinais apresentam mudanças de partículas de seus parâmetros de formação.

Figura 14: Sinal de Entrar



Fonte: (Capovilla, 2019, p. 1102)

Figura 15: Sinal de Frequentar



Fonte: (Capovilla, 2019, p. 1352)

Com bases iguais configurados em (B), são semelhantes, com o mesmo ponto de articulação, orientação e expressões não manuais. Contudo, o movimento é modificado, trazendo à tona uma distinção de significado entre os termos.

Na Língua Portuguesa, as raízes servem de base para a adjunção de afixos, onde podemos tomar como exemplo a palavra abacateiro, verificamos que seu sufixo /-eiro/ foi adicionado a raiz abacate. Os processos derivacionais estão bastante presentes nas línguas, principalmente na língua portuguesa, na Libras isso não é muito diferente.

A morfologia que acaba por apresentar dois eixos de pesquisa, a morfologia derivacional e a flexional, respectivamente falando, a primeira concentra-se no estudo de diferentes palavras com a mesma base lexical. Na sequência, envolve um estudo com processos que acrescentam informação

gramatical às palavras já existentes. Tendo como contraste os sinais, há caracterizações que se referem tanto aos processos derivacionais como processos flexionais.

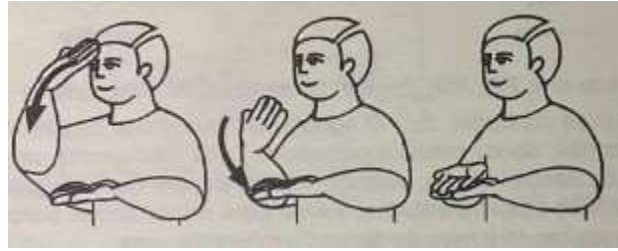
Algumas línguas que possuem também processos de aglutinação, para formar termos em processos concatenados, a organização composicional, junta-se a outro elemento, com outros radicais distintos. Para além desses, os processos que resultam na modificação da forma de alguns sinais da Libras, se assemelham ao que se chama de flexão nas línguas orais, justamente por não resultarem na formação de uma nova palavra.

Na verdade, formam-se, através deles, diferentes configurações de um mesmo sinal por meio das quais se expressam certos significados gramaticais. Na Libras, observam-se exemplos em que a forma do sinal é modificada quando incorpora quantidade, negação, argumento e intensidade.

Regras morfológicas são aplicáveis para criar novas unidades com significado, aqui destaco pelo olhar de Scott Liddell; (1984) três regras usadas para criar compostos.

- a. A regra de contato;
- b. A regra da sequência única;
- c. A regra da antecipação da mão não dominante.

A primeira regra, de que trata do contato, destaca que, frequentemente, um sinal inclui algum tipo de contato, seja ele no corpo, ou seja, ele na mão não dominante. Nesses compostos, o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido. Esse contraste quer dizer que se dois sinais concorrem juntos para formar um composto e o primeiro sinal apresenta contato, este contato tende a permanecer. Um exemplo da aplicação desta regra é o sinal de acreditar (saber + estudar).

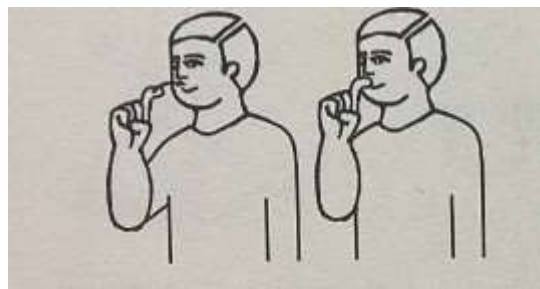
Figura 16: Sinal de Acreditar

Fonte: (Capovilla, 2019, p. 94)

Quadros, (2019) reitera que, ao observar se um sinal composto apresenta contato no primeiro ou no segundo sinal, este contato pode permanecer nos dois sinais, que formam o composto, ou, em apenas um deles.

A segunda regra, é de sequência única, quando os compostos são formados na Libras, o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada. Esse, em especial, é chamado de regra de sequência única. Os sinais de pai e mãe ocorrem juntos, formando um composto, nomeado como pais, e a repetição do dedo é suprimida.

No caso, este composto, com base nesta regra, perderá seu status significativo, se for realizado inversamente com o sinal de MÃE e após o sinal de PAI. Nesta sequência, regrada por Quadros e Karnopp (2004), não temos uma composição de fato. Nesse caso, sempre haverá um sinal primário de primeira ordem de execução e outro de segunda ordem.

Figura 17: Sinal de Pais

Fonte: (Capovilla, 2019, p. 2070)

A terceira, chamada regra de antecipação da mão não dominante, diz respeito a quando dois sinais são combinados para formar um composto. Frequentemente acontece que, a mão passiva do sinalizador, antecipa o segundo sinal no processo de composição. Pode ser observada tal exemplificação no sinal abaixo.

Figura 18: Sinal Boa Noite



Fonte: (Capovilla, 2019, p. 426)

Quadros reitera que:

Todo resultado de sua composição é um novo significado criado. Não é possível predizer o significado de um novo sinal apenas olhando o significado dos sinais que formam o composto. Por exemplo, os sinais PAI e MÃE formam o composto PAÍS, mas aprendizes da língua de sinais brasileira não podem predizer o significado de sinais compostos, e muitos sinalizadores nativos não podem surpreendem-se ao apreender a origem de compostos. (p.32)

Sendo assim, nessa regra referenciada pela autora, em alguns casos, um dos sinais sofrerá influência aparente dentro do ato de sinalização. Assim, é observável a influência da mão dominante sobre a outra que se segue. Essa não é uma regra dominante, contudo pode se apresentar em muitas sinalizações.

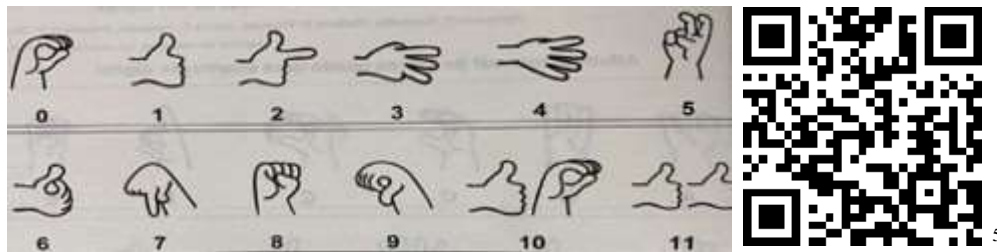
É válido ressaltar que, nem sempre, conseguimos perceber o composto junto com seus significados. Em determinados casos, a iconicidade de alguns sinais, tem influência sobre a percepção inicial. Podemos citar alguns sinais que podem levar a esse contexto de como o sinal de IGREJA, que

em sua sinalização é CASA + CRUZ, as pessoas acabam fazendo pré-julgamento do significado, onde dizem que é cemitério, hospital, até chegar em igreja.

1. 4.2 *Incorporação de numerais*

Uma coisa muito recorrente da Libras, é a incorporação de numerais no ato da sinalização, onde vamos encontrar sinais que semanticamente estão relacionados a tempo, hora, duração e até mesmo dias, semanas, meses e anos; esses se apresentam em um fenômeno designado por Dedino, (2012). Consistindo em um processo de modificação de formas de mão dos sinais por uma condição numérica formada pela mão.

Figura 19: Sinais dos números em Libras



Fonte: (Capovilla, 2019, p.18)

A incorporação é muito comum acontecer dentro da Libras, onde os números podem aparecer dentro de outros contextos, onde observamos como alguns morfemas presos⁶, podem combinar para criar novos significados.

1. 4.3 *Incorporação da negação*

Outro processo bastante comum a ser produzido na língua de sinais do Brasil, é a incorporação da negação, podendo acontecer por vários processos, segundo Ferreira Brito (1995) com a alteração dos

⁵ Os QR Code apresentam os vídeos das imagens que estão nos hiperlinks, basta usar o celular para visualizar o movimentos dos sinais.

⁶ Quadros (2019), diz que estas são unidades mínimas de significado que não ocorrem isoladamente.

parâmetros, entre os mais presentes o Movimento (M) sempre se modificando de acordo com a intenção do interlocutor.

Figura 20: Grupo de sinais com incorporação de negação



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.110)

Nesse mesmo contexto de incorporação de sinais, também é negação marcada pelas expressões faciais ao sinal sem nenhuma mudança na forma e estrutura do sinal, Quadros e Karnopp (2024) referendam que Ferreira Brito (1995) considera como suprasegmental esses casos.

No caso do sinal de conhecer, temos esse caso montado acima por Ferreira Brito (1995), onde para negação, não se tem modificação de sinal, a expressão muda apenas para indicar a negação. As construções negativas, que são acompanhadas frequentemente pelos movimentos de cabeça, através deste marcando a negação. Arrotéia (2005), também percebeu que as expressões não manuais (expressões) de negação associadas à boca são mais rígidas no movimento.

Figura 21: Sinal de conhecer

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=pH1Eot02rGw>

O caso presente no sinal acima sofre modificação de intenção a partir do uso do movimento da cabeça e acaba por dar contexto a uma nova formação de significado. Nesse ínterim muitos autores indicam que a formação de palavras (sinais) em Libras necessitam ser melhor estudada, pois a cada estudo realizado começa-se a identificar uma diversidade de formas constituídas das unidades lexicais, mas ainda preciso verificar a produtividade dos padrões já identificados, bem como outros ainda não analisados.

Para ilustrar a complexidade de estudar a morfologia, Quadros, (2019) nos diz que há uma morfologia sequencial e uma morfologia simultânea. Nesse mesmo compasso, a morfologia híbrida, que combina processos que precisam de um melhor aprofundamento. A fala da autora só nos mostra como esse processo exige firmeza e constância em análise de dados e contextos que envolvem as línguas de sinais.

CAPÍTULO 2. Como, onde e por quê?

2. 1 Procedimentos Metodológicos

A metodologia, inicialmente pensada, era de cunho linguístico com enfoque nos estudos morfológicos da Libras, de composições e variantes do repertório de formação de substantivos, com a

variabilidade utilizada no município de Macapá, no Amapá. Para compor a análise, tomei leitura dos escritos de Quadros (2019); Ferreira Brito (1995); Liddel (1984); Xavier (2016).

Contudo, a pandemia de Covid-19 nos impeliu a mudar todo o percurso da pesquisa e esta foi uma realidade vivida por inúmeros pesquisadores mundo afora. Dormimos numa noite de fevereiro de 2020 e ao amanhecer, como num filme de ficção científica, fomos obrigados a ficar em nossas casas, sem contato com o mundo externo, escolas, creches, universidades, lojas, shopping-centres e tudo que poderia aglomerar pessoas, foi totalmente fechado. Em horas, nos foi retirada uma das nossas marcas como sociedade, nossa interação social. E fomos, literalmente, transportados para o meio virtual, computadores, smartphones, tablets. O que levaria uma década para ser implementado, precisou sair do papel e tornar-se real. Logo, as reuniões de trabalho, eventos científicos, seminários, encontros, passaram a compor o rol do trabalho virtual, expressões como home office, zoom, meet, passaram a compor a vida cotidiana, não só de pesquisadores, mas de qualquer indivíduo. Em suma, a vida mudou tão abruptamente, que todos indistintamente tivemos que nos readequar.

Neste bojo, Lacerda & Ramalho, (2020), escreveram um guia de pesquisa na quarentena. Que tem ajudado sobremaneira, pesquisadoras e pesquisadores pelo Brasil e fora dele. Uma vez que, a efetivação e continuação de muitas pesquisas ficou, em alguns casos, totalmente inviabilizada. Logo, era preciso tomar decisões e novos rumos, em como efetivar as pesquisas, como aplicar questionários e, no caso deste trabalho, como aplicar as questões em Libras aos partícipes da pesquisa, levando em consideração as falhas constantes no sinal de internet da cidade, a falta de acesso a smartphones ou computadores com maior acesso dos colaboradores de pesquisa. Optou-se em fazer uso da intertextualidade, como viés metodológico e analítico de pesquisa.

Acerca da intertextualidade, assim nos dizem Lacerda e Ramalho, (2020):

Diante da dificuldade de mobilização de métodos interpessoais e presenciais em razão do isolamento social, um mergulho nos estudos da linguística pode ser fundamental para uma melhor e mais profunda análise de fontes. A intertextualidade pode ser aplicada, por exemplo, para relacionar discursos oficiais a matérias de jornais digitais. Um caminho possível seria traçar conexões entre a reportagem - distinguindo o que é a visão do repórter, a visão editorial e a notícia em si – e o discurso político oficial simbolizado pela determinação de uma dada política ou resolução. (p. 17)

Diante do exposto, coube realizar 3 métodos para delinear a coleta de dados e análise de dados.

Inicialmente “pesquei” meus interlocutores através das redes sociais, onde naquele momento era nossa habitação de contato, com os nossos pares, por conta do distanciamento social. Uma entrevista inicial, onde pudesse realizar uma triagem de possibilidades e interesse de participantes que se encaixassem no perfil de surdos nativos, que usam a Libras para se comunicar.

Cervo & Bervian (2002), dizem que a entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado. Contudo, nesse momento, teve que ser remodelado com o contexto que passávamos.

Um formulário em Língua Portuguesa, com perguntas simples e intuitivas, que quando ele não entendia a questão, realizamos uma breve chamada de vídeo e assim podíamos conversar, tanto sobre a pesquisa, quanto sobre temas relacionados à saúde, trabalho, estudos e contextos pessoais.

Neste capítulo, estão discutidos os passos teórico-metodológicos que conduzem a pesquisa acerca das formações e variações morfológicas dos sinais no município de Macapá/AP. Passamos, a seguir, a analisar os pressupostos conceituais sobre a teoria da linguística, os processos de constituição do corpus da pesquisa, a contextualização do *locus*, o método de coleta de dados e as técnicas de tratamento e análise dos dados.

2.2 Lócus da pesquisa: o solo Tucuju.

O *lócus* desta análise, foi no município de Macapá, capital do Estado do Amapá, situado na região norte do Brasil. Tendo sua fundação em 04 de fevereiro de 1758, a cidade destaca-se por ser a única capital do Brasil a não possuir interligação rodoviária com outras capitais, bem como por ser a única cortada pela linha do Equador.

Figura 22: Mapa do Estado do Amapá



Disponível em: Mapas do mundo

De origem Tupi, o termo Macapá, variante de Macapaba, terra ou lugar de muitas Bacabas, palmeira “*Oenocarpus bacaba*” que produz frutos processados e comumente consumido pela população em vários períodos do ano. De acordo com Amaral [et al.]. (2001) que Macapá, antes de possuir esse nome, o primeiro nome concedido oficialmente às terras do então estado do Amapá foi Adelantado de Nueva Andaluzia, em 1544, por Carlos V de Espanha, numa concessão a Francisco de Orellana, navegador espanhol que esteve na região. A história da cidade é entrelaçada com a história do Brasil no período colonial, onde eram construídas fortificações para a proteção de fronteiras.

O Estado do Amapá (AP) está localizado na região norte do país, limitando-se ao sul e oeste com o estado do Pará, ao norte com a Guiana Francesa, a noroeste com a República do Suriname e a leste e nordeste com o Oceano Atlântico. Possui 16 municípios e uma população de 734. 995 habitantes (IBGE, Censo 2013) distribuídos em uma área territorial de 142.814,585 Km², ou seja, com uma densidade demográfica de 4,68 habitantes por km². O Amapá é uma das mais novas unidades federativas do país, criado em 5 de outubro de 1988, com a promulgação da Constituição Federal.

Segundo dados do IBGE (2010), uma significativa parcela da população amapaense é composta por adultos (com idade de 25 a 59 anos), eles representam 40,52%. A população infantil (idade entre 0 e 14 anos) aparece como a segunda maior faixa etária, com 33,11% do total de habitantes. Os jovens (com idade de 15 a 24 anos) somam 21,17%. Enquanto os idosos (a partir de 60 anos), representam 6,8% do total da população local.

2.3 Constituição do Corpus: alinhando a pesquisa

A língua de sinais brasileira está sendo documentada através de pesquisas de mestrado e doutorado. Esse movimento começou a se intensificar à medida que os cursos de nível superior no stricto, bem como lato sensu, começaram a se focalizar nos estudos da Libras. O mapeamento, desta língua, ganha muitos frutos a partir de novas pesquisas dentro deste preâmbulo. O passo a passo, de alinhavo desta pesquisa, se deu com:

- A definição dos participantes;
- Elaboração de instrumentos de coleta de dados;
- Coleta de dados por meio de registros em vídeo;
- Arquivamento dos vídeos e transformação em hiperlinks;
- Transcrição dos dados.

A coleta de dados foi realizada durante a pandemia de coronavírus em 2020/21, então fora disponibilizado on-line uma pesquisa que buscava participantes surdos para pesquisa, que se enquadrariam nos requisitos principais, surdos nativos moradores da região há mais de 15 anos, que tiveram seus estudos e vivência na cidade de Macapá e arredores.

Durante o percurso de procura de informantes, que aconteceu on-line, no Instagram e Facebook, 22 surdos mostraram interesse em saber. Diante disso, foram contactados, mas somente 20 pessoas surdas se encaixavam na caracterização de colaboradores prevista na pesquisa. Totalizando 10 mulheres e 10 homens.

Contudo, após contato virtual e explicativo do pesquisador, 12 desses surdos aceitaram participar, 6 homens e 6 mulheres. Os recusantes alegaram interesse em participar, mas por conta do contexto pandêmico, não se sentiram confiantes em receber o pesquisador em sua residência ou realizar um encontro em outro lugar.

A seleção dos sujeitos participantes para a constituição da amostra da pesquisa considerou homens e mulheres surdos que nasceram e cresceram na cidade de Macapá ou em seus arredores, e que participam ativamente da comunidade surda da região. A escolha dos informantes se deu sob a premissa que seriam: surdos fluentes, moradores e integrantes ativos da comunidade surda macapaense. Estes deveriam ter idade entre 18 a 60 anos, incorporando 12 pessoas, sendo elas 6 homens surdos e 6 de mulheres surdas, todos na sua maioria com formação superior ou em andamento e principalmente sinalizadores ativos da Libras.

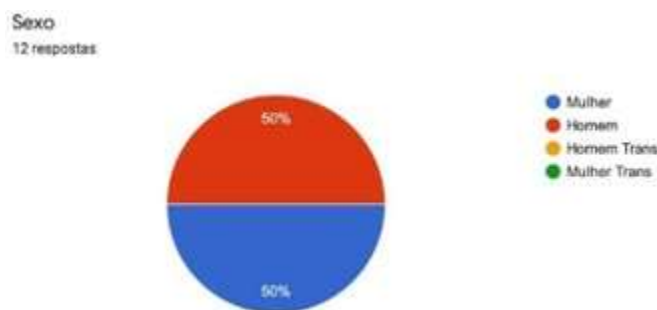
Entretanto é válido entender que, por conta do ambiente de pesquisa novo e particular que este pesquisador passava, tinha que considerar mais alguns fatores que foram complicadores do processo de coleta de dados. Minha intenção era ter mais um grupo de análise, surdos com idade entre 18 a 35 anos

e 40 a 60 anos. O segundo grupo ficou inviável, porque, essa faixa etária, segundo os dados ventilados nos ambientes de comunicação, era os que estavam mais vulneráveis diante do vírus.

Esta informação, em particular, impactou a população e os deixou nervosos. Por o pé fora de casa ou receber alguém em sua casa, ficou fora de cogitação se tinha uma idade avançada ou problemas de saúde. Outro ponto que considero importante é sobre o acesso a internet e dispositivos tecnológicos que possibilitaram um sujeito se comunicar com outro remotamente.

Os surdos mais velhos, não tinham ainda familiaridade com plataformas de comunicação social, dispositivos que comportassem uma comunicação por vídeo e/ou simplesmente internet de qualidade em sua residência, a maior parte dispunham apenas de mensagens na aplicação WhatsApp.

Figura 23: Escolha de gênero dos participantes



Fonte: Elaborado pelo autor

A busca em ter uma coleta de homens e mulheres é relevante pois, vários estudos sociovariacionistas comprovam que o gênero anteriormente interpretado apenas pelo sexo, dito por Vieira (2010), é um fator a ser considerado para processos variáveis de diferentes níveis (fonológicos, morfossintático, semântico) e apresentam um padrão regular, no qual as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

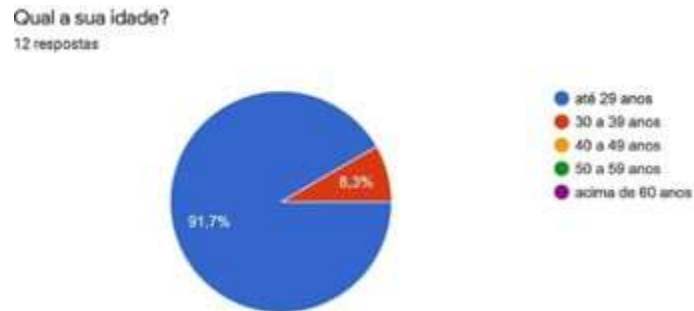
Em busca de entender, se esse processo também acontece na comunidade surda local, fui à procura de um número considerável de participantes do gênero autodeclarado feminino.

Os surdos que participaram desta pesquisa, em sua maioria, são jovens, com idade de 18 a 29 anos. Todos aceitaram participar desta pesquisa em um momento onde a COVID-19 não estava infectando essa faixa etária “mais nova” agressivamente. Surdos mais velhos negavam-se a participar de qualquer movimento que os fizesse sair de casa ou até mesmo receber visitas em suas moradas.

Mesmo os mais jovens, se mostraram resistentes em participar da pesquisa. Nesse momento, acabei percebendo que eles estavam mais dedicados em receber informações que não eram claras na televisão e/ou em canais de informações na internet, que não possuem tradutor intérprete e se encontram em Língua Portuguesa. Por exemplo, muitos pediam para que eu realizasse a tradução de pequenos vídeos e respondesse algumas perguntas sobre o vírus. Preciso referendar isso, pois é recorrente, por ser uma pessoa que os surdos consideram confiável, por saber Libras e ser considerado por eles um participante da sua cultura. Então, no momento em que estávamos em uma chamada para falar sobre a pesquisa e passar o formulário de sondagem, acabava por ser a hora dele saber sobre como higienizar as mãos corretamente, se o vermífugo prevenia contra o vírus e muitos desabafos sobre os problemas gerados pelo isolamento.

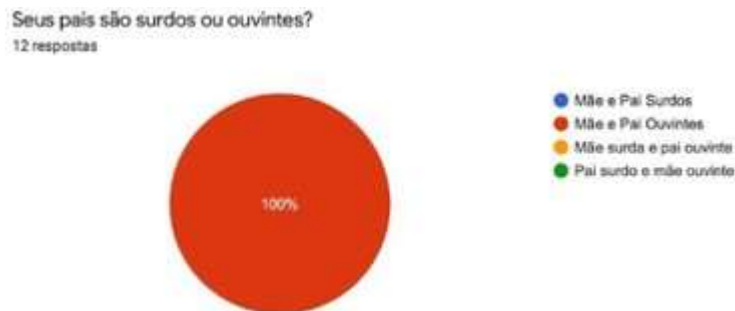
Em Campos (2017), faz um apontamento sobre o apagamento social dos surdos de Macapá, ilustrando que as informações nos veículos de comunicação não estão acessíveis. Onde o único momento que, porventura, possui janela de tradução com intérprete de Libras, é durante o pleito eleitoral que acontece de 2 em 2 anos no Brasil.

A angústia dos surdos me leva a concordar com o pesquisador e naturalmente me dispor a responder todas as perguntas dos possíveis interlocutores naquele momento.

Figura 24: Faixa etária dos participantes

Fonte: Elaborado pelo autor

Skliar (2000) reporta que aproximadamente 95% da população surda é formada de filhos de pais ouvintes e que apenas 5% é constituída de filhos de pais surdos. Com isso, praticamente, todos os surdos participantes possuem famílias que eram compostas por ouvintes e aprenderam Libras em diferentes contextos. É importante essa observação pois, esse colaborador, infelizmente não tem sua língua sendo transmitida em seu ambiente familiar. Pesquisas de Skliar (2000), ainda revelam que muitos surdos aprendem a Libras tardiamente quando entram na escola em contato com professores surdos ou ouvintes usuários da Libras.

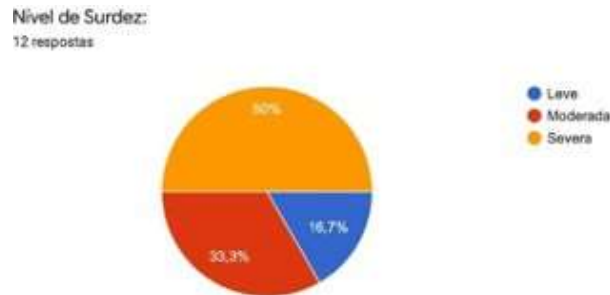
Figura 25: Definição de familiaridade

Fonte: Elaborado pelo autor

Objetivando visualizar processos morfológicos composicionais, que geram novas variantes de termos, apresentei aos 12 participantes surdos, 15 imagens, coletadas de observações de sinalizações

espontâneas. Esse momento gerou mais de 180 amostras, onde pude realizar a observação e analisar compostos novos ou de uso diferentes.

Figura 26: Nível de Surdez dos participantes

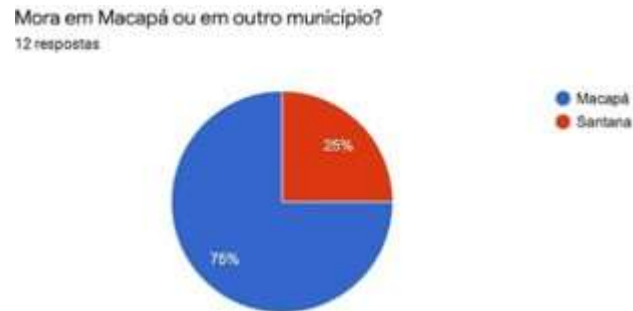


Fonte: Elaborado pelo autor

Audição Normal – Limiars entre 0 a 24 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Leve – Limiars entre 25 a 40 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Severa – Limiars entre 71 e 90 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Profunda – Limiars acima de 90 dB. Deficiência auditiva é considerada como a diferença existente entre o desempenho do indivíduo e a habilidade normal para a detecção sonora de acordo com padrões estabelecidos pela American National Standards Institute (ANSI - 1989). Considera-se, em geral, que a audição normal corresponde à habilidade para detecção de sons até 20 dB N.A (decibéis, nível de audição).

A audição desempenha um papel principal e decisivo no desenvolvimento e na manutenção da comunicação por meio da linguagem falada, além de funcionar como um mecanismo de defesa e alerta contra o perigo que funciona 24 horas por dia, pois nossos ouvidos não descansam nem quando dormimos.

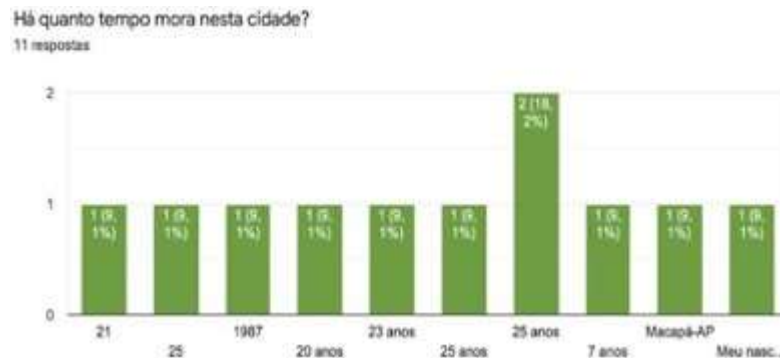
Figura 27: Definição de localidade dos participantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Os surdos participantes da pesquisa em sua maioria moram na cidade de Macapá -AP, contudo alguns surdos que moram em Santana -AP, município que fica nos arredores da Capital participaram da pesquisa, tendo em vista que a comunidade surda do município é a mesma que transita na cidade de Macapá. Há 15 km de distância entre Macapá e Santana por estrada, gastando aproximadamente 22 minutos entre uma cidade e outra, para esse trânsito dispõe-se de muitos ônibus que saem de muitos pontos das duas cidades.

Figura 28: Tempo de moradia dos participantes em Macapá



Fonte: Elaborado pelo autor

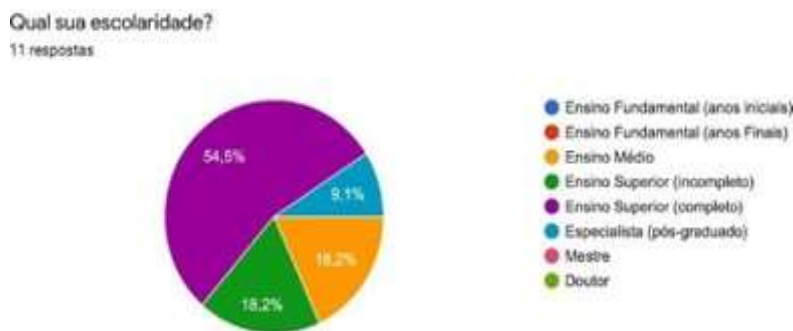
Neste quadro, pude comprovar que, os colaboradores surdos, que participaram da pesquisa, moravam de 7 a 25 anos na cidade. Mesmo tendo nascido em outros estados, aprenderam Libras nas escolas amapaenses, pois a concentração de escolas com atendimento educacional especializado se

concentrou na capital. Desde 2000, pela Lei n° 10.098, de dezembro, estabelece os critérios gerais para a promoção de acessibilidade das pessoas com necessidades específicas ou com algum tipo de mobilidade reduzida, com isso, a partir dessa premissa, temos o início de um processo de promoção de atividades inclusivas nas instituições de ensino no Brasil.

Escolas bilíngues ainda não são uma realidade no Amapá, como em outras cidades do Brasil. Com uma escola voltada para esse motim na educação básica, é possível ajudar alunos surdos a se desenvolverem de maneira mais rápida e respeitosa linguisticamente.

Nesse mesmo óbice, o decreto de n° 6.571/08, dispõe de uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realizando o atendimento especializado e seus recursos, orientando, quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem, nas turmas comuns do ensino regular. As escolas dispõem deste serviço e oferecem atendimento educacional para surdos e pessoas com deficiência auditiva. Geralmente, nesse momento, essas crianças ou adolescentes surdos se deparam com seu primeiro contato com a Libras, através do professor do Atendimento Educacional Especializado AEE ou do Tradutor Intérprete de Libras.

Figura 29: Escolaridade dos participantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Uma análise importante e que preocupava, era encontrar informantes que tivessem pleno domínio da Língua Brasileira de Sinais e pudessem me mostrar termos que tivessem o menor número de ruídos visuais.

Nesse ponto, inicialmente, pensei em conduzir esse processo através de conversas espontâneas entre os surdos próximos ou amigos. Infelizmente, esse processo acabou por ser inviável, mais uma vez, em virtude da pandemia e não deixaria os participantes expostos a qualquer contaminação.

Sendo assim, fiz uso de uma lista vocabular que foi organizada em um mesmo slide, de relação grupal. Nesse momento pensou-se em pesquisar especificamente os compostos e suas variantes e, para fazê-lo, selecionei 15 imagens de termos dentro da composição, para, justamente, entender seus fenômenos.





Foram escolhidos 15 substantivos, que o pesquisador definiu a partir de compostos já conhecidos pelo pesquisador e participantes, pois fazem parte de seu contexto habitual de visualidade, cotidiano e experiências de vida. Esse alinhavo aconteceu buscando-se dicionários, mostrado, mais adiante, no quadro 7, delimitando os compostos e suas variantes já encontradas a serem usados para análise. Esses compostos foram apresentados por meio de imagens, em lista Swadesh, onde Corrêa (2019), explica que é composta de um conjunto de itens comumente usados entre línguas, com o objetivo de identificar as palavras empregadas na língua para cada conceito.







Esta pesquisa, verifica uma partícula de acontecimentos linguísticos dentro de um mar de possibilidades nas terras brasileiras. Então, é importante destacar que tento averiguar a variação de conceitos culturais, que, por isso, exigem adaptações no modelo de lista de verificação aqui apresentado.






Para isso, sigo os moldes de Quadros em Corrêa (2019), onde foi realizada a utilização de imagens para evocar os sinais utilizados, mesmo nem sempre a imagem sendo suficiente para traduzir o

alvo do pesquisador. O pesquisador dedicou-se a garimpar imagens do contexto geográfico e familiar dos participantes para que pudesse mitigar problemas no que tange o significado da imagem não se apresentava ou se, devido às limitações da imagem, não surgia a sinalização por não entendimento da mesma.

Quadro 7: Conjunto de imagens para imputes espontâneos de sinais

Ordem	Sinais	Compostos	Imagens
01	Almoço	comer + 12 horas	
02	Beija flor	bico + flor	
03	Bombeiro	capacete + mangueira	
04	Cebola	chorar + cortar	

Ordem	Sinais	Compostos	Imagens
05	Delegacia	casa + polícia	
06	Escola	casa + estudar	
07	Farmácia	casa + remédio	
08	Jet Ski	moto + água	
09	Mototaxi	moto + táxi	
10	Onça Pintada	gato + pintas	

Ordem	Sinais	Compostos	Imagens
11	Rio	água + caminho	
12	Sofá	cadeira + nuvem	
13	Tomate	vermelho + cortar	
14	Vatapá	amarelo + arroz	
15	Zebra	cavalo + listras	

Fonte: Elaborado pelo autor

Em estudos orais, identificam diferentes relações gramaticais, que modificam as palavras.

Pensando na língua de sinais, buscou-se catalogar imagens de substantivos que fossem próximos ao

cotidiano visual dos participantes surdo, para que ocorresse um tipo de estranhamento e assim tivessem perdas nas coletas. Os compostos selecionados foram escolhidos com base em referências catalogadas em dicionários, seguindo um critério arbitrário. No entanto, essa escolha levou em consideração também os artefatos culturais próximos dos colaboradores envolvidos no estudo, bem como elementos comumente reconhecidos pela maioria em outros estados. O objetivo principal da seleção desses compostos era identificar sinuosidades entre as sinalizações.

A abordagem utilizada na escolha dos compostos foi fundamentada em critérios que poderiam ter uma relação intrínseca com a cultura local dos colaboradores participantes da pesquisa. Adicionalmente, buscou-se incluir elementos de ampla aceitação em outras regiões, a fim de obter uma perspectiva mais abrangente e generalizada.

CAPÍTULO 3. A peneira de informações

3. 1 Coleta de dados: lançando a rede no rio

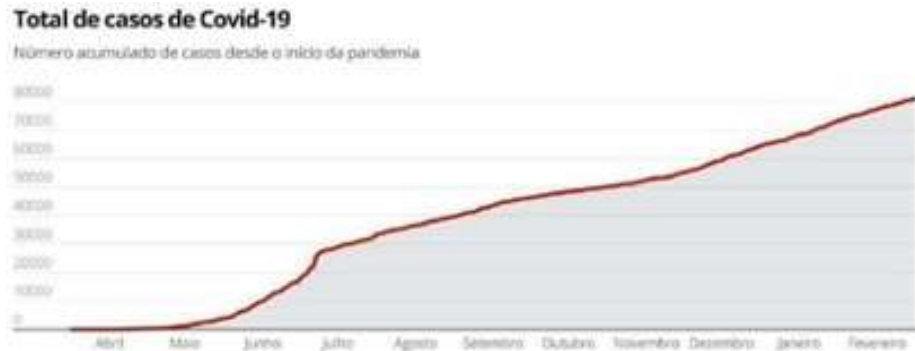
No Brasil, as primeiras ações ligadas à pandemia do Covid-19 começaram em fevereiro, com a repatriação dos brasileiros que viviam em Wuhan, cidade chinesa epicentro da infecção. Em 15 dias, o país confirmou a primeira contaminação, quando a Europa já confirmava centenas de casos e encarava mortes decorrentes de Covid-19. Em fevereiro, o primeiro caso confirmado no Brasil foi um homem de 61 anos que viajou à Itália, e ficou internado em um hospital particular em São Paulo.

Durante o mês de março, por conta do número de infecção crescente em muitas capitais brasileiras, iniciou-se através do ministério da saúde a regulamentação de critérios de distanciamento social e quarentena que deveriam se tornar a nova realidade durante os próximos meses.

No Amapá, no dia 13 de março, foi confirmada a primeira pessoa infectada pela Covid- 19 na cidade de Macapá. Um mês após a Prefeitura de Macapá registrava 261 casos positivos. Com isso, de

2020 a 2021, no primeiro semestre, tivemos mais de 80 mil casos, e no Brasil quase 10 milhões de dados da média móvel mostrados pelo consórcio de veículos de imprensa a partir de dados coletados das secretarias estaduais de saúde.

Figura 30: Casos de Covid-19 no Brasil



Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/01/15/media-movel-de-mortes-e-casos-de-covid-19-no-estado-do-amapa.ghtml>

A pesquisa, aqui descrita, revela a fragilidade situacional em que a coleta de dados foi realizada, exatamente no primeiro semestre de 2020, com o fechamento da cidade, até a chegada do lockdown. As barreiras eram tamanhas, que pensava não ser mais possível realizar. Quem conhece a realidade amapaense, sabe que aqui o mundo é mais lento. De fato a extensão do maior rio do mundo, Amazonas, não nos separa somente geograficamente, mas em costumes, e fazeres cotidianos, que até este momento, não víamos necessariamente nossa realidade em meio virtual, diferente de outros lugares, até mesmo no Brasil, que já usavam as plataformas digitais para diminuir distâncias e até mesmo trabalhar.

Em Macapá, a vida cotidiana se dava integralmente, presencial, ou como se diz por aqui, cara a cara. A conexão de internet nunca foi sequer em 4G, isto falando dos lugares de melhor acesso, como grandes empresas e universidades. O uso de smartphones, no máximo, era para redes sociais, nunca foi para trabalho, por isso a dificuldade de acessar videochamadas, menos ainda videoconferências em plataformas virtuais, como agora em 2022, já é lugar-comum para a maioria da população e estes

dados e fatos que estou relatando, nem menciono a população surda, me refiro aos ouvintes, pois pensando em surdos essa situação só se agrava.

Portanto, inicialmente, o primeiro contato com os colaboradores, se deu através de convite nas redes sociais. Cada pessoa surda foi contactada individualmente em seus perfis online. Após o aceite, foi realizada uma sondagem inicial do pesquisador, para saber se enquadraram no perfil da pesquisa. Esse processo de sondagem e aceite de pesquisa, se deu através de formulário enviado aos sujeitos, no qual eles realizaram o preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido por meio de seus dispositivos tecnológicos com acesso a internet.

Sobre esta questão, é importante mencionar o tamanho da dificuldade para muitos, pois até aquele momento, não tinham nenhum contato com a ferramenta, mesmo aqueles que estão cursando o ensino superior, ainda não a tinham usado, uma vez que era início da pandemia em Macapá. As instituições públicas de ensino, todas fecharam, e, em média, ficaram um semestre sem nenhuma atividade, para depois implementarem atividades remotas. Logo, em algumas respostas, ficou tácita a dificuldade com a compreensão em língua portuguesa, pois os formulários não tinham a possibilidade de usar questões sinalizadas.

A análise da formação dos sinais foi possível por meio do uso do questionário que, segundo Cerro e Bervian (2002, p. 48) “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Neste contexto, como instrumentos de pesquisa, utilizou-se da coleta de dados através de filmagens dos sujeitos e lista de imagens para que fosse possível registrar os sinais que possam ser utilizados por estes surdos.

Partindo desta premissa, as atividades de pesquisas foram divididas em dois momentos. No primeiro momento, foi montada uma lista com 15 imagens correspondentes à categoria dos substantivos, possíveis compostos na Libras, para que motivasse os informantes à sinalização dos

sinais. Importante informar que, para este momento, ainda tinha feito um vídeo em Libras, de apresentação aos interlocutores, pois levando em consideração o modo de coleta, que seria a partir de imagens, minha tentativa foi a isenção a menor contaminação nas sinalizações dos mesmos.

O segundo momento, foi o contato com as pessoas surdas, que foram convidadas a participar da pesquisa através das redes sociais, onde preencheram um formulário on-line que buscava antecipar o interesse de participar da pesquisa, bem como perguntas que alinhavam à mesma. Nesse momento de sondagem, foi possível identificar a idade, o nível de perda auditiva, o tempo de moradia na cidade Macapá, a escolaridade, qual sua constituição familiar e quando aprendeu Libras.

Figura 31: Formulário de Sondagem inicial

A screenshot of a Google Forms survey titled "Sondagem para pesquisa". The form has a green header with a background image of green leaves. The text on the form reads: "Prezado(a) participante, Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil, desenvolvida por Formosa Fernandes da Silva, estudante de mestrado do curso de Linguística, sob orientação de professora Dra. Maria Julia Marajo e o Professor Dr. Pedro Baltus Custodio. O foco central desta pesquisa é na Linguística da Língua Brasileira de Sinais. O convite e sua participação se baseia no fato de você preencher os requisitos para o grupo de amostra que foram definidos neste projeto de pesquisa." The form is displayed on a mobile device interface, with a navigation bar at the top showing "Sondagem para pesquisa" and "Final".

Disponível em: <https://forms.gle/eva9NieTETt3rNFo8>

No momento seguinte, na organização da pesquisa e seu espaço, para que pudesse realizá-la sem contrair ou expor as pessoas ao COVID-19, criei um ambiente controlado onde pude receber os surdos e realizar as coletas. O ambiente era favorável por ser geograficamente privilegiado, onde todos os surdos puderam acessar com rapidez, no qual foi possível executar todos os protocolos de biossegurança.

Todos os momentos da sinalização dos informantes foram filmados, para assim, realizar a análise dos dados coletados, afinal, trata-se de uma pesquisa com uma língua no espaço visual. Para isto, a aplicação do questionário esteve sujeita às condições de participação voluntária e divulgação dos

dados, critérios presentes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O termo, elaborado em duas vias, uma para o pesquisador responsável pela pesquisa e outro para o participante, foi apresentado somente ao término das entrevistas. Justifica-se tal medida por entender que o conhecimento do propósito final do estudo influencia a resposta dos informantes. Assim, os informantes eram apenas informados de se tratar de uma pesquisa que buscava coletar informações sobre qual a sinalização de determinadas imagens.

3. 2 Tratamento e análise dos dados: gapuiando⁷ a Libras em Macapá

Os sinais escolhidos para verificação foram 15 substantivos, que, segundo o quadro abaixo, possuem composições de uso dentro do território nacional. E para que pudesse fazer a observância dos sinais, organizei os vídeos em uma visão geral, conseguindo visualizar todos ao mesmo tempo e unitariamente realizando comparações entre os colaboradores.

As amostras foram organizadas por sexo, idade e tipo, na tentativa de buscar semelhanças e diferenças entre as sinalizações. Durante as análises pude constatar processos de modificações de sinais, esse movimento é apontado por Xavier e Neves, (2016), os quais dizem que essas modificações existentes na Libras se assemelham ao que se chama de flexão nas línguas orais, não por resultarem na formação de uma nova palavra.

Em outros momentos, percebi que a mudança de alguns parâmetros, dentro das coletas dos sinalizadores, acabou por conceber novos sinais, somente usados dentro deste espaço de comunicação dos surdos habitantes de Macapá.

⁷ Fazer de ribeirinhos durante a pesca onde esgotam uma lagoa, para deixar o peixe em seco e/ou apanhar camarões nas pequenas lagoas.

Figura 32: Coleta do sinal de Almoço (Mulheres)



Elaborado pelo autor: Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/s4jMw9ueOoc>

Para que fosse possível aproximar os contextos de sinalização, foram agrupados em uma grelha com 6 (seis) surdas, dando a possibilidade de entender cada expressão e sinalização de cada colaborador. Mesmo assim, cada vídeo está separado em pequenas amostras para que também seja possível a análise minuciosa.

Figura 33: Coleta do sinal de Almoço (Homens)







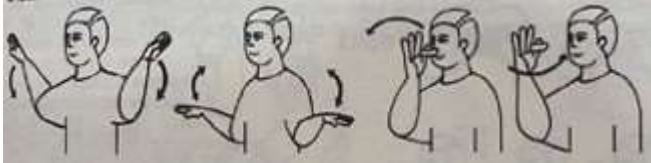








Elaborado pelo autor: Link para visualizar os movimentos do sinal: https://youtu.be/B6wD3aW0O_M






Busquei todas as variantes dos 15 substantivos selecionados para pesquisa, objetivando comparar e depurar semelhanças encontradas entre os estados brasileiros, nos escritos de Capovilla (2019). No quadro abaixo (quadro 8) organizei em ordem alfabética e discriminei as variantes encontradas, bem como os estados brasileiros onde são comumente usadas as variantes de cada sinal.

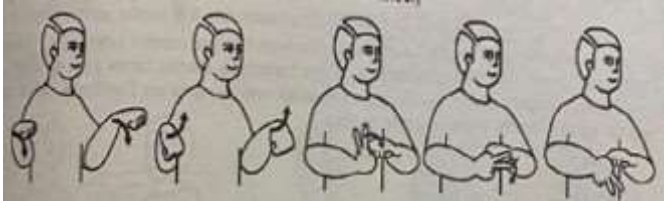

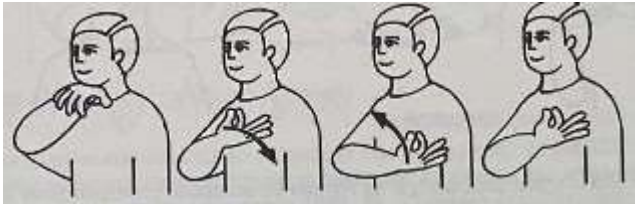

Quadro 8: Substantivos pesquisador


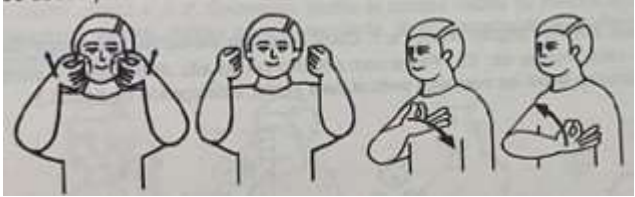

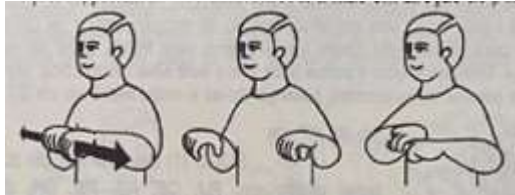

Ordem	Sinais	Sinalização
01	Almoço	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (CE, DF, PR, MG, MS, RJ, RS, SC, SP, PI).</p> <p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (SE).</p>
		V1




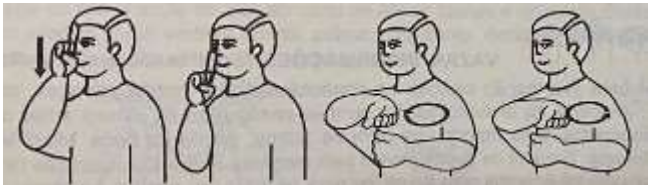
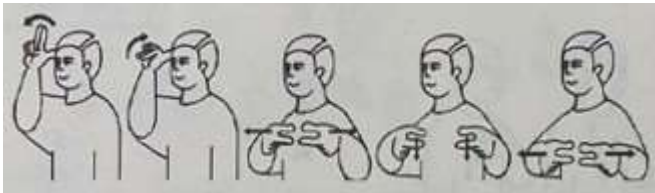
		 <p>Sinal usado em: (SP).</p>
<p>02</p>	<p>Beija - flor</p>	<p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (PR, PE, DF, RJ, MS).</p> <p>V3</p>  <p>Sinal usado em: (PE).</p> <p>V4</p>  <p>Sinal usado em: (PE).</p>
<p>03</p>	<p>Bombeiro</p>	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (SP, MS, PR, CE, SC)</p>



		<p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (CE, PE).</p>
<p>04</p>	<p>Cebola</p>	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (SP).</p> <p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (MG, PR, CE, DF).</p> <p>V3</p>  <p>Sinal usado em: (MS, BA, RS, PR, SC).</p>
<p>05</p>	<p>Delegacia</p>	<p>V1</p>

		 <p>Sinal usado em: (RJ, RS)</p> <p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (MS, RS).</p>
<p>06</p>	<p>Escola</p>	 <p>Sinal usado em: (AL, BA, SP, RJ, MS, CE, PB, PE, MA, MG, PR, SC, RS, PI, RN, SE).</p>
<p>07</p>	<p>Farmácia</p>	 <p>Sinal usado em: (SP, RJ, MS, MG, PR, CE, SC, RS, DF).</p>
<p>08</p>	<p>Jetski</p>	 <p>Sinal usado em: (MS, PR, RJ, RS).</p>
<p>09</p>	<p>Moto Táxi</p>	<p>V1</p>

		 <p>Sinal usado em: (MS).</p> <p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (CE).</p>
<p>10</p>	<p>Onça</p>	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (AL, SP, DF, RJ).</p> <p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (CE, SP)</p> <p>V3</p>

		 <p>Sinal usado em: (PR).</p> <p>V4</p>  <p>Sinal usado em: (PR).</p>
<p>11</p>	<p>Rio</p>	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (SP, RJ, CE, MG, MS, PR, RS).</p>
<p>12</p>	<p>Sofá</p>	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (SP)</p> <p>V2</p> 

		Sinal usado em: (PR, MS, RJ, RS, SC, DF)
13	Tomate	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (SP, RS).</p> <p>V2</p>  <p>Sinal usado em: (PR, MG, MS, DF, CE, SC, BA, RS).</p> <p>V3</p>  <p>Sinal usado em: (RJ)</p>
14	Vatapá	 <p>Sinal usado em: (PA)</p>
15	Zebra	<p>V1</p>  <p>Sinal usado em: (RJ, CE, RS, PI).</p>

		<p>V3</p>  <p>Sinal usado em: (PE).</p> <p>V4</p>  <p>Sinal usado em: (AL).</p>
--	--	---

Fonte: Capovilla, 2019.

Usar o Dicionário Trilíngue de Capovilla (2019), é relevante pois, até hoje, é a varredura de sinais com mais volume dentro da comunidade brasileira, sendo usada em diversas pesquisas e acaba sendo uma referência devido o número de sinais encontrados e persistência na atualização dos dados ao longo dos anos Capovilla, publicou a primeira amostra do dicionário ainda em dois volumes em 2008 e, aqui, usaremos uma versão com mais sinais publicados em 2019. Onze anos de dados que rendeu mais um volume com muitos sinais, somando três exemplares.

No mapa abaixo (figura 34) podemos observar em quais locais Capovilla pode captar sinais e entender a dimensão territorial que lugares ainda não pesquisados no Brasil. Apesar de sua pesquisa ter diversos participantes de grande parte do território, ainda em dimensões pequenas de terra verificamos variantes na língua. Se pensar nessa perspectiva essa pesquisa ainda é somente uma gota no mar de possibilidades a serem pesquisadas ainda nesta língua.

Figura 34: Mapa do Brasil e seus estados

Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/mapa-brasil-regioes-estados-capitais/>

Analisando o mapa podemos observar também, a concentração de pesquisas em partes do Brasil, e pouca ou quase nenhuma amostra retirada das capitais no norte do Brasil. Deixando espaço para que possamos fazer desta a primeira de muitas pesquisas neste campo da linguística.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: a sinalização Tucuju e seus compostos.

No decorrer deste capítulo, destinarei minhas energias em mostrar quais foram minhas impressões a partir das análises dos sinais dos colaboradores à luz da literatura atual. Tais como, Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2006), Ferreira (2014), Figueiredo Silva & Sell (2009) e Rodero-Takahira (2012, 2013, 2014 e 2020). E ainda alguns escritos sobre a morfologia na American Sign Language (ASL), Stokoe (1960), Liddell e Johnson (2000). Especificamente sobre estes, é importante salientar, que seus estudos dão a base na morfologia dos sinais, ou seja, o modelo pelo qual

temos três regras, possibilidades para o processo de formação de novos sinais e que posteriormente foram adotadas por Quadros & Karnopp (2004), Aronoff, Meir & Sandler (2005), Meir et al. (2010).

Importante salientar aqui, mais uma vez, a carência de material de pesquisa sobre o uso da Libras no Amapá. Não se tem notícia, ainda, de nenhum escrito fazendo tal registro. Algumas informações de professores da Universidade Federal, de que em 2015 houve uma intenção de pesquisa e até início de uma parceria entre a Universidade do Amapá e de Santa Catarina para efetivar uma pesquisa chamada Corpus Libras, mas que não se efetivou.

Diante do desenvolvimento deste capítulo vou identificar algumas nuances de variantes presentes e as possíveis hipóteses de cada questão levantada. Seguirei a ordem apresentada aos colaboradores, que foi a ordem alfabética dos sinais que estão no quadro 1.

Para tanto, ainda se faz necessário dizer quais são as regras de composição de sinais, de acordo com Liddell & Johnson (2000, 1992, 1986) e estas adotadas também por Quadros & Karnopp, (2004), que são: a) regra de contato, ou seja, quando dois sinais isolados, juntam-se para formar um terceiro e novo sinal, b) regra da sequência única, que é quando os dois sinais isolados juntam-se, mas a execução é feita apenas com uma das mãos do sinalizador e por fim, c) a regra da antecipação da mão não dominante. Essas regras foram adotadas como dito anteriormente por Quadros & Karnopp, (2004. p. 103).

Assim Quadros & Karnopp, (2004), postulam que:

regras morfológicas são aplicadas especificamente para criar novas unidades com significados (compostos). Três regras morfológicas são usadas para criar compostos na ASL: (1) a regra do contato; (2) a regra da sequência única e (3) a regra da antecipação da mão não-dominante. Será observada a aplicação de tais regras na língua de sinais brasileira. (p. 103).

Ainda procurando na literatura artifícios que sejam suficientes para explicar a construção de compostos na língua de sinais, busquei Rodero-Takahira (2015), pois a mesma fez um levantamento

expressivo de características de outros pesquisadores que uniram seu pensamento e hipóteses. A formação desses de sinais por composição sequencial, foi analisada por Klima e Bellugi (1979), por Liddell e Johnson (1986) e Felipe (2006).

Quadro 9: Critérios para identificação de compostos levantados em Rodero-Takahira (2020)

Autores	Critérios
Klima e Bellugi (1979)	<p>a) os dois sinais em um composto são raízes da língua;</p> <p>b) os dois sinais em um composto formam uma única unidade não podem ser separados por outras formas;</p> <p>c) o significado do composto difere do significado dos dois mesmos sinais em uma frase;</p> <p>d) as operações gramaticais que se aplicam a um sinal que funciona sintaticamente como um item independente não aplicam ao mesmo sinal em um composto;</p> <p>e) redução ou assimilação de movimentos (Ms) ou toques.</p>
Liddell e Johnson (1986)	a) redução ou assimilação de Ms ou toques.
Figueiredo-Silva e Sell (2009)	a) a ordem dos sinais em um composto é fixa.

Fonte: Sher e Rodero-Takahira (2020, p. 155)

Ainda, é relevante ressaltar que o critério sobre redução ou assimilação de movimentos ou toques são indagações de possíveis mudanças em relação aos aspectos fonológicos de um composto, na qual Klima e Bellugi (1979) em Rodero-Takahira (2015) destacam algumas mudanças de movimentos:

- a) O movimento no primeiro sinal do composto é diminuído;
- b) O segundo sinal perde repetição de toque ou movimento;
- c) Se há o uso da mão não dominante no segundo sinal, ela se antecipa durante a realização do primeiro sinal;
- d) O movimento de transição entre os dois sinais é diminuído;

Os pesquisadores discutem que, essas características, estão presentes nos dois sinais, em um composto, são realizados em um mesmo tempo que a duração de um único sinal, portanto, formado por uma unidade singular afirma Rodero-Takahira, (2015).

Até este momento, há um breve posicionamento da autora sobre os processos morfológicos concatenados, sendo comum em compostos em línguas sinalizadas, onde esses constructos se mostram em execuções simultâneas com classificadores, formando novos compostos. Outro autor Meier et al, (2010) em Rodero-Takahira, (2015), refere-se à simultaneidade entre as mãos durante o ato de sinalização, que produz, ao mesmo tempo, significados que se unem para formação de um novo e considera casos expressões não manuais que se mostram como léxicos.

As Expressões não manuais - ENM aparecem fazendo parte dos cinco parâmetros da Libras destacados no capítulo anterior com a ajuda de Quadros (2019) e outros autores. É válido dizer que para alguns pesquisadores, eles delegam uma importância a três parâmetros, a CM, PA e M, deixando como coadjuvante os outros dois, O e ENM. Devo me ater que Rodero - Takahira, (2015), junto com Xavier, (2019), ressurge com o as ENM, fazendo parte integral na formação de novos sinais, aqui se tratando de compostos.

Ainda nesse mesmo achado linguístico de Rodero – Takahira, (2015), em não somente trazer os movimentos, algo que considero novo, as Expressões não manuais, mas também fazer a observância dos Classificadores na busca de compostos. Em seu trabalho, descreveu sua posição a partir de análises construídas em outrora por Meier (2010), que, classificadores em análises, eram compostos inegáveis e em outros classificadores, como morfemas presos.

Da mesma forma que, sozinhos, esses classificadores não podem ser considerados como itens lexicais, mas em combinação com outro item, como afirma Klima e Bellugi, (1979) em Rodero –

Takahira (2015). Então minha análise bebeu desses autores e outros que ajudam a entender uma partícula do comportamento linguístico dos surdos da região onde habito.

Fazendo minhas antecipações, identificarei os termos de análise durante a explanação dos dados encontrados:

- a) Os sinais simples serão identificados em caixa alta, exemplo: FAMÍLIA;
- b) Os sinais compostos com dois ou mais sinais estão apresentados em letra minúscula

entre parênteses com o sinal de “mais” para juntar as raízes, exemplo: (comer + meio dia).

4.1 Sinal de Almoço

Algumas composições possuem sinais que são formados por dois ou mais sinais, como por exemplo igreja que, na Libras, possui a combinação de casa + cruz.

Figura 35: Compostos e suas combinações



Fonte: Felipe, 2006

No caso do fonema almoço, aqui uso nos moldes da Felipe, (2006). Quando considera a menor parte da Libras o fonema, este se estrutura como demonstrei na figura anterior seguindo a mesma composição de Igreja. Contudo, de acordo com os estudos de Rodero- Takahira, (2012) precisamos definir, então, que tipo de composição o sinal de almoço, demonstrado na pesquisa, se enquadra.

Existem, segundo a autora, composição por aglutinação e justaposição. Este último se dá pela combinação de dois sinais já existentes na Libras e sinalizados em sua totalidade pelo sinalizante e

juntos dão origem a um novo sinal, como o exemplo do sinal de Igreja (casa + cruz). No caso de almoço, a justaposição se dá pela combinação dos sinais (comer + meio-dia), demonstrados na tabela 1 e registrados no dicionário de Capovilla.

Sobre a justaposição Ferreira (2014), nos diz que:

Na criação de um novo sinal, pode haver a junção de dois sinais sem que nada seja suprimido de um destes para criar o terceiro, apenas a realização dos dois de forma simultânea. Estes são os chamados compostos por justaposição. (p. 321).

Contudo, analisando a sinalização dos colaboradores masculinos, acabei por perceber uma variante do sinal de almoço que não está catalogada no dicionário do Capovilla (2019), que chamarei de variante A. O sinal se compõe (família + comer + meio-dia), ou seja, se mostra com a adesão do sinal de família. Dando origem assim ao sinal de almoço. Todavia, o sinal predominante entre os colaboradores é a variante um, demonstrada por Capovilla, em (2019), que é o sinal mais usado nas capitais brasileiras.

E ainda, olhando pelo viés sociolinguístico, é preciso refletir sobre quem são estes surdos. Afinal, a língua é social, seus usuários interagem, e por conseguinte, mutam, constroem e reconstróem suas ligações sociais. E esta riqueza da língua não se pode deixar de mencionar. Já nos disse Wrigley, (1996) em Duarte et al, (2013), que:

Como toda língua, as de sinais apresentam patrimônio lexical; seu acervo de sinais está em constante mutabilidade e evolução. Alguns sinais tornam-se arcaicos, outros mudam de sentido, outros são incorporados, muitos introduzidos em resposta às mudanças e experiências culturais e tecnológicas acumuladas, permitindo intentos expressivos cada vez mais adequados (Wrigley, 1996 em Duarte et al, 2013, p. 1726).

E é importante elucidar também que, ao analisar a sinalização dos colaboradores, pude perceber a variação na configuração da mão no momento de sinalizar FAMÍLIA, durante a justaposição do sinal de almoço. A configuração usual deste sinal, são as duas mãos em F, com movimento semicircular.

Contudo, alguns fizeram a configuração das mãos em pinça e o movimento semicircular, como demonstrado na figura 36, logo abaixo com as setas azuis.

Essa variante pode ser nomeada como um novo sinal, ou um alofone, eis a questão? Embora muitos autores não se dediquem a detalhar sobre os alofones no contexto linguístico na Libras, Quadros (2019), cita esse advento na língua e ressalta a aparição deste comportamento comum entre línguas de sinais. Bem como elucida Faria-Nascimento (2009), como modificações singelas ou não nos parâmetros no ato de sinalizar, seja na forma ou movimento, que não interferem em seu significado. Nesse ínterim, destaco que alguns sinais que possuem essa característica de mudança fonética, acabam sendo incorporados por seu conforto e aceitação da comunidade falante.

Ressalto que, em estudos da estrutura da ASL, Stokoe (1960), identifica terminologias linguísticas em línguas de sinais e línguas orais e nesse momento trouxe à tona o termo querema e alomorfe para os conceitos da ASL que em tese correspondem respectivamente ao fonema e alofone nas línguas orais. E, nesse mesmo período, de acordo com Teixeira de Souza (2020), entre as décadas de 1960 e começo de 1970, o parâmetro orientação de mão, não era considerado um constituinte fonológico. Anos após Battison (1974), em suas pesquisas, sustentou a ideia do parâmetro ser incluso na fonologia das Línguas de sinais, tendo como referência a existência de pares mínimos em sinais, que apresentavam mudança de significado por sinalização ímpar da orientação das palmas das mãos.

Figura 36: Coleta de dados do sinal Almoçar (Mulheres e Homens)





Elaborado pelo autor: Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/s4jMw9ueOoc> e https://youtu.be/B6wD3aW00_M

Ainda em observações das amostras, mesmo o sinal de família não ser o centro de análise, acabou sendo, por se evidenciar entre os colaboradores. Percebi a complexidade dos itens e seus usos a partir da imagem (fotografias), pois acaba sendo subjetivo, com as impressões do sujeito (colaborador), que interpreta como significado e acaba por demonstrar a cada constructo dentro das diversas possibilidades de uso e aplicações a partir de sua vivência.

4.2 Sinal de Beija-flor

Assim como no fonema anterior, levo em consideração as pesquisas da Felipe (2006), Rodero-Takahira (2014); Ferreira (2014), para construir minha lente analítica. Em minha busca por variantes, me deparei com quatro delas, nos dicionários de Capovilla (2019), nesse contexto abriu meus olhos para mais uma variante, ilustrada na figura seguinte, através de dois colaboradores que identifiquei com o número 2 (dois).

Figura 37: Coleta do sinal de beija-flor (Homens)

Elaborado pelo autor: Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/vv6Z6h5uIwA>

Através da análise deste sinal, pude constatar que existiram quatro variantes semelhantes. Contudo, a mudança se dá na orientação e configuração das mãos no sinal de (asas) que entre os colaboradores homens, dois fazem (1), (passarinho + flor) e dois fazem (2), (passarinho + asa) e outros dois indicam que não sabem o sinal, (3), um destes tenta fazer, mas depois diz não lembrar como é o sinal; já entre as mulheres acontecem uma breve distinção na orientação das mãos. E, a variante apresentada também não está catalogada no dicionário de Capovilla, (2019).

Figura 38: Coleta de dados do sinal de Beija-flor (Mulheres)

Elaborado pelo autor: Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/kgZC21OvciM>

Entre as colaboradoras mulheres, duas disseram não lembrar o sinal (1), as demais realizaram o sinal, mas com variação no sinal ASA (2). Assim, de acordo com os estudos da Felipe (2006), Ferreira (2014) no sinal analisado, temos tanto uma aglutinação, quanto uma justaposição na composição do sinal beija-flor.

Ferreira, (2014), diz que:

Por exemplo, o sinal IGREJA em que se realiza dois sinais já existentes na Libras que são CASA e CRUZ simultaneamente, estes dois sinais são realizados em sua totalidade, um após o outro, formando então o terceiro item lexical (p. 321).

Na análise do sinal BEIJA-FLOR, se realiza com os sinais de flor + asa simultaneamente e dão origem ao sinal BEIJA-FLOR e mesmo na variação passarinho + flor, feito por dois dos colaboradores, ainda assim se tem a justaposição, uma vez que os sinais já existentes são realizados em sua totalidade.

Aqui eu posso indicar o surgimento de mais uma variante, não apresentada nos dicionários de Capovilla (2019), que é importante ser destacada pois se faz presente na glosa de 4 pessoas surdas, dois homens e duas mulheres, e com uma distinção na orientação de mão entre os gêneros, que pode ser um sinal de que temos mudanças de sinalização entre homens e mulheres como considera Vieira (2010), em estudos de línguas orais, esse é mais um caminho a ser desvendado em pesquisas futuras deste ou de outros pesquisadores, pois tal pesquisa ainda não tinha sido realizada com a Libras.

4.3 Sinal de Bombeiro

Em relação ao sinal de BOMBEIRO, questões interessantes surgiram. Entre os colaboradores, em 9 nove, a variante usada é a mesma (SP, MS, PR, CE e SC), registrada por Capovilla, (2019) e esse sinal obedece às regras definidas por Quadros e Karnopp, (2004) em que identifica a antecipação de mão na realização do sinal composto.

Nesse contexto, pude observar, ainda, alofones no primeiro sinal, pois o sinal de BOMBEIRO é composto por capacete + mangueira. O alofone é apresentado na coleta das mulheres, no qual o sinal de capacete, vem com uma pequena modificação na configuração de mão, em que as mulheres surdas, realizam este com os dedos abertos, diferentemente dos homens que sinalizam na forma mostrada por Capovilla (2019), com os dedos fechados. Estes sinais podem ser visualizados nas figuras em sequência.

Figura 39: Coleta do sinal de Bombeiro (Mulheres), parte 1 capacete

Elaborado pelo autor: Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/rIb6BKUVphc>

Decidi, nesse momento, dividir o sinal de BOMBEIRO, para que pudesse melhorar a visualização da segunda parte do sinal. É importante entender que, como a evidência é para os compostos, podemos perceber diferenças em todos os sinais que fazem parte do sinal. Mas, podemos perceber nuances em apenas um dos sinais pertencentes. Então, em alguns casos houve a necessidade de separar para que pudesse detalhar as percepções.

Figura 40: Coleta de dados do sinal de Bombeiro (Mulheres), parte 2 mangueira



Elaborado pelo autor: Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/rIb6BKUVphc>

Gostaria de, neste ponto, reiterar como os participantes acabam por ter sinalizações distintas entre homens e mulheres, nesse ponto me levo a pensar que simpatizantes também dentro de outros ambientes com personas de identidades autodenominadas LGBTQIA+, podem apresentar variantes ou novos termos, que são predominantes dentro de contextos de identificação com seus pares, bem como acontece no Brasil, como o Pajubá, que é comum em ambientes Queer. Penso que esse pode ser um ambiente a ser pesquisado no futuro e com considerações dentro das variantes linguísticas, especificamente em processos diafásicos.

Figura 41: Coleta de dados do sinal de Bombeiro (Homens)



Elaborado pelo autor: Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/v7C3DXCWCho>

Assim definem Quadros e Karnopp, (2004), acerca da regra de antecipação da mão:

Regra de antecipação da mão dominante, quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente acontece que a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição. Por exemplo, no sinal composto BOA+NOITE, observa-se que a mão não dominante aparece no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração de mão que envolve o sinal composto. Isto pode ser visto também nos sinais de ACREDITAR (saber+estudar) e ACIDENTE (carro+bater) (p. 104).

Assim como na definição das autoras, pude constatar, em nove dos colaboradores, a mesma situação. Ao realizarem o sinal BOMBEIRO, a mão não dominante, já aparece no ato de sinalização na imagem (2) dos colaboradores, tanto na figura 39, quanto na 40, mostradas anteriormente.

Contudo, outra variante é percebida, na imagem (1) e (3) das duas figuras, é possível ver as usando sinais compostos diferentes, a imagem (1) a colaboradora usa BOMBEIRO (chapéu + atrás); já a colaboradora na imagem (3) usa BOMBEIRO (continência + chapéu) ao sinalizar. E são variantes não registradas em Capovilla, (2019).

Contudo na figura 41 é possível ver o uso do mesmo sinal em (05) dos colaboradores, apenas um deles, na imagem (4) usa uma variante e que identifiquei ser a mesma usada, por uma das colaboradoras, na figura 40, imagem (1) BOMBEIRO (chapéu+atrás). Todos os demais na figura 40 se encaixam no que Quadros e Karnopp, (2004), chamaram de antecipação da mão não dominante e usam o mesmo sinal registrado em Capovilla, (2019).

4. 4 Sinal de Cebola

Este sinal mostrou ter dois comportamentos distintos, quais sejam, o primeiro que ele se mostrou dentro de uma estrutura que posso conferir como uma composição, nos moldes de Quadros e Karnopp, (2004). Em oito dos colaboradores, a composição se dá por aglutinação, isto posto de acordo com Ferreira, (2014), uma vez que os sinais tinham, imagem (1), CEBOLA (chorar + chorar).

Neste sentido Ferreira. (2014) nos diz que dos "cinco parâmetros que são as unidades mínimas do sinal, se pelo menos um destes parâmetros, no momento da realização do sinal composto, deixa de ser feito em um dos sinais que compõem o novo item lexical, temos um composto por aglutinação (p. 321). Importante mencionar que, mesmo nas colaboradoras que usam a mesma composição, mesmo fonema, a execução do sinal se deu de forma distinta, em algumas, imagem (2), CEBOLA (cortar + chorar) e em outras, imagem (3), CEBOLA (chorar + cortar), nesse mesmo é evidente a inversão dos sinais, mostrando uma diferença de sinal inicial mostrado por no dicionário de Capovilla (2019). E outra questão muito interessante, não pode deixar de ser mencionada.

É que tais fatores nem sempre são considerados quando de uma reflexão acerca de língua ou de uso desta. E seguindo as concepções de Labov, (1964), a sociolinguística tem um o ramo da variação, ou seja, a sociolinguística variacionista. E mesmo não sendo o escopo central desta análise, é importante que se resguarde este prisma analítico, no momento de olhar para as composições aqui apresentadas.

Assim sendo, foram encontradas 3 variantes, das quais, duas existentes e já dicionarizadas e uma supressão de um dos dois sinais, no qual já não comporta como uma composição.

Figura 42: Coleta de dados do sinal de Cebola (Mulheres)





Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/guTbgh-cSFg>

Figura 43: Coleta de dados do sinal de Cebola (Homens)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/tDb9WIhfX2g>

O conforto linguístico é um dos processos que deve-se analisar aqui. Assim como em línguas orais, na Libras, temos variantes que vão surgir no tempo e no espaço, através das interações de seus sinalizadores. Posso dar como exemplo, sinais que outrora eram estruturados com mais elementos fonológicos, como o movimento ou orientação de mãos diferentes.

O sinal da cor AZUL, já foi somente soletrado em algumas partes do Brasil, após um tempo os surdos acabaram por aglutinar as letras (Z) e (U), somente usando o A e o L, como destacado anteriormente nas figuras 12 e 13.

Poderia tratar esse contexto aos termos da linguística diacrônica, onde Saussure (2012), postula que todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período correspondente a evolução mais ou menos considerável. E pode variar de rapidez ou intensidade sem que o seu significado seja enfraquecido, e assim vamos nos deparar com este fenômeno mais vezes durante esse trabalho.

4.5 Sinal de Delegacia

Esse sinal, desde que comecei a fazer parte da comunidade surda, na Libras, o reconheci como uma composição, sendo sempre sinalizado como (casa + policial/polícia) e durante a varredura de sinais nos dicionários, pude comprovar minhas percepções e vivências. Mas, diante desta pesquisa, deparei-me com uma sinalização diferente do que estava habituado.

Dentre as amostras apresentadas os surdos somente sinalizaram um sinal, não colocando este como um sinal composto. É perceptível que o sinal do policial sintetiza a informação, havendo nesse sentido uma breve supressão do sinal de composto que outrora era realizado com DELEGACIA (casa + polícia), na imagem (1) é possível visualizar esta sinalização.

Figura 44: Coleta de dados do sinal de Delegacia (Mulheres)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/fzUnj1aJP4E>

Neste sentido, nos moldes de Ferreira, (2014), assim como no sinal de FRUTAS, em que se tem implicitamente os sinais fruta + diversos, mas que no ato de sinalizar não se vê a execução de diversos, da mesma forma, aqui, foi possível ver as colaboradoras quando fazem o sinal de DELEGACIA (polícia), não executam o sinal de CASA junto, logo, este último, foi suprimido. No entanto, sabe-se que está presente na composição do sinal. O que Ferreira, 2014, a partir dos estudos da Felipe, 2006, chamou de composição por aglutinação.

E ainda, de acordo com Quadros & Karnopp, (2004) neste caso cabe a regra (2), ou seja, da sequência única, quando um dos sinais é suprimido, pois é executado apenas com uma das mãos do sinalizante.

Neste mesmo momento, uma colaboradora sinaliza um termo ainda não visto por mim, para nomear a delegacia. As outras usaram um mesmo sinal e somente (1) delas usou um sinal ainda mais distinto, outra variante do sinal, que é possível ver na figura 45, logo abaixo.

Figura 45: Coleta de dados do sinal de Delegacia variante (Mulher)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/zbLWBzA-zII>

Somente dois deles fizeram um sinal composto DELAGACIA (casa + polícia), possível ver na imagem (2), na figura 46 e que identifico como uma composição por justaposição e que é catalogada nos dicionários de pesquisa consultados, como o já mencionado Capovilla, 2019. E seguindo os estudos de Quadros e Karnopp, (2004), o sinal feito segue a regra (1), da regra do contato, ou seja, DELEGACIA (casa + polícia).

Adiante, nos sinalizantes masculinos, poderemos ver esse sinal sendo usado em momentos isolados e em outros acompanhado do sinal de polícia. Fato este, que me leva a pensar que os colaboradores acabaram por pontificar mais um sinal correspondente para a imagem e fica complexo perceber se estes são sinais isolados formando um novo nas regras habituais de compostos ou apenas a sinalização de termos isolados, sendo mostrados para dar validação para o outro.

Figura 46: Coleta de dados do sinal de Delegacia (Homens)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/S5jdyMkFd04>

E ainda seguindo os escritos de Quadros & Karnopp, (2004), os sinalizantes na imagem (2) da figura 46, seguiram a regra (2), ou seja, da sequência única, quando dois sinais isolados se juntam para

formar um terceiro, contudo a execução é feita somente por uma das mãos e por isso, um destes é suprimido, mas é importante dizer que não deixa de existir. É uma composição por justaposição.

4.6 Sinal de Escola

Esta coleta foi uma das mais próximas de um processo homogêneo, bom que se diga, na identificação do sinal, ou seja, no momento de ver a imagem projetada e construir na mente o sinal, significante e significado, foi um dos mais rápidos. Contudo, algumas nuances foram percebidas, que escreverei a seguir usando as bases teóricas elencadas no início do capítulo para isso.

Entre as colaboradoras, foi possível perceber que quase todas realizaram os sinais de maneira igual, à exceção de uma delas, na imagem (1) da figura 47, tal qual está no dicionário de Capovilla, (2019), ou seja, ESCOLA (casa + estudar). A ocorrência está registrada na figura 47. E de acordo com Quadros & Karnopp, (2004), identifiquei como uma composição por justaposição, seguindo a regra (1), de contato, pois os dois sinais isolados são executados na integralidade e usando as duas mãos do sinalizador.

Figura 47: Coleta de dados do sinal de Escola (Mulheres)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/5GVSWEEL0EM>

Sobre a nuance que a colaboradora na figura 47 fez, também é uma composição, contudo por aglutinação, usando as referências de Quadros & Karnopp, (2004) se deu a partir da regra (2), da sequência única, ou seja, houve a supressão do sinal de CASA, entretanto, somente a execução do sinal ESTUDAR, indica neste contexto ESCOLA.

Figura 48: Coleta de dados do sinal Escola (Homens)



Elaborado pelo autor- Link para visualizar os movimentos do sinal: https://youtu.be/Cdzu_oR2AXk

Na análise dos colaboradores homens, assim como as mulheres, também é uma composição por justaposição, regra (1) de contato, está definida por Quadros & Karnopp, (2004). Contudo, uma nuance foi percebida, todos eles, ao visualizar a imagem, tentaram lembrar primeiro o sinal do nome da escola, pois esta é uma das mais conhecidas e mais antigas da cidade de Macapá, inclusive já houve uma tentativa de ser tombada como patrimônio histórico cultural, pois sua construção datada de 12 de outubro de 1972.

Isto posto, os colaboradores, em certa medida sentiram a interferência da língua portuguesa, pois a imagem usada na fachada da escola aparece o nome da mesma. É possível ver na imagem (1) da

figura 48 os colaboradores fazendo o sinal da escola PEQUENO PRÍNCIPE (escola + criança). A seguir é que sinalizam ESCOLA (casa + estudar).

4.7 Sinal de Farmácia

Por muito tempo, tive a curiosidade de saber um pouco mais sobre este sinal, pois ele estava no mesmo contexto de outros sinais compostos, como:

- i) ESCOLA – (casa + estudar);
- ii) DELEGACIA – (casa + policial);
- iii) AÇOUGUE – (casa + carne);
- iv) IGREJA – (casa + cruz);
- v) PADARIA – (casa + pão);
- vi) HOSPITAL – (casa + médico);
- vii) FARMÁCIA – (casa + amassar).

Durante a procura de variantes pelo Brasil, me deparei com apenas um sinal no dicionário, esse demonstrado no quadro 8. É instigante pensar e repensar todos os constructos até aqui pesquisados e perceber que ainda terá um universo de possibilidades linguísticas a serem percebidas durante o contato com os surdos.

Neste momento de pesquisa, acabei por perceber que o sinal dominante, que se mostra entre os colaboradores, não está presente no dicionário analisado. Nele, se apresenta outro sinal que não tem características de uma composição. Por Capovilla, (2019) temos o sinal de farmácia representado por um único sinal que em outros contextos pode significar remédios ou medicações.

Contudo, o sinal executado pelos colaboradores homens, além de apresentar uma variante, aparentemente da Libras de Macapá, pois não está dicionarizada, ainda se enquadra de acordo com os estudos morfológicos, de Quadros & Karnopp (2004), uma composição por justaposição, ainda de

acordo com estas autoras, aparece a regra (1), ou seja, a composição derivacional em que os sinais isolados são executados em sua totalidade, por ambas as mãos do sinalizador, dando origem a um terceiro sinal, FARMÁCIA (pílula + amassar).

Figura 49: Coleta de dados do sinal de Farmácia (Homens)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/4Qg7553JJ38>

Em relação às mulheres, quase todas, com exceção de uma, na figura 50, realizam o mesmo sinal já direcionado por Capovilla, (2019), para FARMÁCIA. O que morfológicamente não é tido como uma composição, pois apenas um sinal é usado em sua execução, sem supressões.

Entretanto, a colaboradora que usa a variante, se encaixa na mesma usada pelos homens, se enquadrando numa variante morfológicamente descrita por uma composição por justaposição, quando dois sinais se unem para formar um terceiro, isto aos moldes de Quadros & Karnopp, (2004). Sendo assim o sinal FARMÁCIA (pílula + amassar).

Figura 50: Coleta de dados do sinal de Farmácia (Mulheres)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/o-HUFa1vgUY>

Além, do precedido a prima vista, pude identificar mais um alofone. Em que o sinal de amassar usado com a mão configurada em (S), toma uma modificação em sua forma, colocando o polegar aparente no ato de sinalizar aqui indicado na figura 47 através de setas verdes.

4.8 Sinal de Jet ski

Sobre este sinal, é importante aqui fazer uma descrição da realidade social de Macapá e do Amapá. Vivemos numa região de muitos rios, igarapés, furos, enfim são os nomes que rios pequenos recebem de acordo com a cultura local, ribeirinha como chamamos. Isto posto, aos fins de semana é muito comum, que as famílias, grupos de amigos, vizinhos, se direcionem, para o que aqui se chamam, balneários, locais públicos as margens destes igarapés e rios de pequeno porte, com construções em madeira, alguns contam com hotéis, pousadas, restaurantes e tornam-se a grande vazão da cidade para estes locais aos fins de semana e feriados, como forma de lazer. E tornou-se uma prática comum, o uso de jet ski nestes locais, portanto, lugar comum no cotidiano dos macapaenses e amapaenses, por assim

dizer, pois estes balneários estão presentes em toda a região do Amapá. E tornou-se prática esportiva, até mesmo na orla de Macapá por amantes do esporte aquático, fomentando o turismo, pois já existem empresas especializadas que disponibilizam o jetski para locação. Como na imagem da figura 48, abaixo.

Figura 51: Orla do Rio Amazonas passeio de Jet ski



Fonte: <http://amapaempaz.blogspot.com/2017/09/turismo-o-jet-ski-e-o-incremento-do.html>

Após esta digressão, de cunho mais social, passamos a refletir sobre a execução do sinal pelas colaboradoras, algumas questões são importantes serem mencionadas. Alguns não conheciam o sinal, por não fazer parte de sua realidade social, logo, não terem tido contato com o sinal em seu cotidiano.

Neste sentido, mais uma vez, trago a baila os estudos sociolinguísticos, nos mostrando fortemente a relação entre língua e realidade social. E que não podemos jamais separar tais questões de uma análise linguística. E que me arrisco a dizer, que em muitos casos, seja determinante para compreender um fenômeno linguístico, como este que aqui se apresenta.

Neste contexto, ao analisar a execução do sinal de JET SKI pelas colaboradoras mulheres, algumas questões são relevantes mencionar. Dentre as seis, duas não sabiam o sinal, imagem (2) da

figura 52 e as outras três, imagem (1) da figura 52, executaram uma variante diferente da que consta dicionarizada em Capovilla, (2019). E ainda mais uma usou uma variante, também não dicionarizada e ainda distinta da variante usada por outras três. Contudo, usaram uma composição por justaposição, JET SKI (moto + barco), nos moldes de Quadros & Karnopp, (2004), usaram a regra (1) regra do contato, quando dois sinais isolados são executados para criar outro.

Figura 52: Coleta de dados do sinal de Jet ski (Mulheres)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/lwNti4akOIY>

Figura 53: Coleta de dados do sinal de Jet ski (Homens)





Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/kD8eih3rfA0>

Em relação aos colaboradores homens, além da questão linguística, da morfologia do sinal, de que é uma composição por justaposição, que também é uma variante distinta daquela registrada por Capovilla, (2019). Nos moldes de Quadros & Karnopp, (2004), segue a regra (1) do contato, pois são dois sinais distintos que se juntam na formação de um novo. Contudo, percebi duas variantes entre elas, a variante da figura 53, feita por três surdos, usa JET SKI (moto + barco) e na figura 53, feita pelos outros três, JET SKI (moto + lancha). E este último se assemelha muito ao sinal usado pela figura 54.

Muitas variantes foram encontradas durante a coleta deste sinal, em que homens e mulheres surdos realizam escolhas distintas do que é registrada no dicionário, percebendo a ausência ou substituição de um elemento do composto, que em outrora é registrado como (água + moto). Aqui vemos, primeiramente, a moto, em seguida, os sinais de lancha ou barco e, em alguns casos, somente um classificador ilustrando o casco do veículo “raspando” nas ondas do rio.

4.9 Sinal de Mototáxi

Assim como no sinal de JET SKI, em relação ao sinal de MOTOTÁXI, penso ser importante fazer uma digressão, acerca da realidade local, uma vez que este é um tipo de transporte coletivo, típico e muito conhecido em cidades do extremo norte do Brasil, como é o caso de Macapá. Os serviços são feitos em motos, e, a partir dos anos 2000, com a chegada de muitas lojas de revenda de motocicletas na cidade, houve uma crescente compra por motos, e logo surgiram os primeiros serviços de motos públicas, que transportavam as pessoas por preços acolhedores e a rapidez do transporte em relação aos

serviços de ônibus, por exemplo, rapidamente se popularizou e ganhou força na região metropolitana de Macapá.

E hoje, mesmo com o advento dos aplicativos de carros para transporte e carona, que diminuiu o uso de táxis nas grandes cidades, aqui em Macapá e Santana o uso dos Mototaxistas é muito frequente, por causa do barateamento do preço que é individual e discutido entre piloto e passageiro; bem como o público - alvo de passageiros, são pessoas que ainda não têm acesso a tecnologia, dados móveis para acesso internet e/ou analfabetos funcionais.

Isso dito, é comum ver pontos de espera deste transporte em zonas periféricas da cidade de Macapá e outros municípios, onde a população se direciona para que possam combinar preço e trajeto da viagem. Tornando esse o transporte mais comum após os ônibus coletivos e/ou transporte ciclístico.

Figura 54: Coleta de dados do sinal de Mototáxi (Mulheres)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/CagPeb7SxAM>

Sobre o sinal MOTOTÁXI, as colaboradoras mulheres não usaram nenhuma das duas variantes registradas por Capovilla, (2019), nos apresentando assim outras variantes, pois ao analisar a

sinalização percebi o uso de três variantes. Na imagem da figura 54, quatro delas usam uma composição por justaposição, MOTOTÁXI (moto + táxi), identifico como justaposição, pois são dois sinais distintos, executados integralmente, por ambas as mãos das sinalizadoras, que se juntam para dar origem a um terceiro sinal, no caso MOTOTÁXI, ainda usam a regra morfológica do contato, de acordo com Quadros & Karnopp, (2004), quando dois sinais isolados se juntam para formar outro sinal.

Ainda sobre as colaboradoras, a segunda variante identificada na figura 54, também é uma composição, contudo, não mais por justaposição e sim por aglutinação. E ainda seguindo os escritos de Quadros & Karnopp, (2004), este, se dá pela regra morfológica, ou seja, ao sinalizar ocorre a antecipação da mão não-dominante. E a seguir, temos a terceira variante encontrada entre as surdas. É também uma composição por justaposição como a variante, contudo os sinais usados pelas colaboradoras diferem das demais, assim fazem MOTOTÁXI (moto + rodar) como na figura 55.

Figura 55: Variante do sinal de Mototáxi



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos sinal: <https://www.youtube.com/watch?v=iqHmcG7uCBE>

Sobre este sinal, é importante fazer um adendo. Usando a sociolinguística de Calvet, (1916), em que a língua jamais caminha dissociada da realidade social, a realidade local em que essas participantes

estão inseridas, é um dos fatores determinantes na composição do sinal. Ambas moram no mesmo bairro, aqui chamado Perpétuo Socorro, uma comunidade periférica da cidade, com muitos conglomerados de casas, sobre áreas alagadas da cidade, chamadas palafitas, com ruas muito estreitas e extensões grandes de vielas e mais vielas que vão compondo uma realidade local, de famílias pobres e o transporte que muito se popularizou foi justamente o serviço de mototáxi, pois as ruas sendo estreitas, algumas em áreas de tão difícil acesso, que o transporte público convencional, ônibus, não consegue transitar. É comum então os mototaxistas ficarem literalmente rodando, ou seja, circulando nessas vielas em busca de passageiros.

Sobre os homens, em todos foi perceptível a mesma sinalização, os seis usaram uma composição por justaposição, e nos moldes de Quadros & Karnopp, (2004), vê-se a regra morfológica (3) da mão não-dominante. Contudo, quanto às colaboradoras, o sinal usado não está registrado no dicionário Capovilla, (2019). Portanto, apresentam uma variante para o sinal, assim composto MOTOTÁXI (moto + táxi) e possível de ser constatado na figura 56, logo abaixo.

Figura 56: Coleta de dados do sinal de Mototáxi (Homens)





Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/wJuSakotJK8>

4. 10 Sinal de Onça Pintada

Este é um sinal que seria impossível iniciar qualquer análise, sem antes falar de sua construção social, de seus fatores culturais e que estão até no imaginário tanto de brasileiros que não são amazônidas, quanto de estrangeiros, daqueles que olham ou escutam falar sobre a Amazônia brasileira, a maior floresta tropical do planeta. A riqueza desta, é tão conhecida quanto as sete maravilhas do mundo, sua fauna e flora exuberante constrói um imaginário e uma cobiça mundialmente conhecida. Trazendo muitos prejuízos e há anos criando uma lista, infelizmente, imensa de animais ameaçados de extinção, como é o caso da onça pintada.

De acordo com Pontes et al, (2013. p. 5), o Brasil e especificamente a Amazônia já perdeu 30% da população estimada destes animais, o que representa menos de 10.000 indivíduos em todo o território, colocando em sério risco de extinção.

Morato et al (2013) dizem que:

O Brasil já perdeu quase 40% de sua vegetação original, sendo que mais da metade dessa perda pode ter ocorrido nos últimos 40 anos, quando se acelerou a degradação do Cerrado e da Amazônia. *Panthera onca* precisa de grandes remanescentes de vegetação natural para sua sobrevivência (e.g., Cullen et al. 2005, De Angelo et al. 2011), portanto a perda populacional da espécie é muito mais acelerada do que a perda de remanescentes naturais. Além disso, a espécie é ativamente perseguida por motivos de retaliação a abate de criações domésticas e motivos culturais, e o desmatamento aumenta o acesso humano às áreas utilizadas pelas onças. Desta forma, a diminuição da subpopulação de onças-pintadas no Brasil nos últimos 27 anos (três gerações) é estimada em cerca de 30%. (p. 5).

E, não só o fator estrangeiro, mas a crescente populacional, os processos de cosmopolitização das cidades, que antes eram agrárias, ribeirinhas por excelência, passaram e passam por grandes processos de crescimento populacional, desmatamento, grandes empreendimentos, como as hidrelétricas e a caça predatória dos próprios ribeirinhos⁸, sendo fatores decisivos para a diminuição deste animal, que é o símbolo da Amazônia brasileira. Nos últimos dez anos, ainda tivemos outro fator que contribuiu decisivamente para a degradação da maior floresta tropical do mundo, os incêndios, que em muitos casos são criminosos.

Neste viés de discussão e por assim dizer, na contramão do que fazem os cidadãos, os povos originários, preconceituosamente conhecidos como indígenas, em algumas etnias, têm este animal como sagrado, presente em alguns de seus rituais e cultos. Uma construção e relação com a fauna totalmente diferente da que a população das cidades tem, não só com a onça pintada, mas com a floresta amazônica como um todo.

E sendo Macapá uma cidade no meio da floresta Amazônica, não ficaria fora deste circuito de discussão. Também faz parte da construção local a presença de animais como a onça pintada. Portanto, minha escolha com este sinal, além de ser por estar registrado no dicionário Capovilla (2019) e poder analisar sua amplitude de mudança, sua possibilidade de variação, mas também por este compor uma possibilidade em certa medida identitária da Amazônia brasileira.

⁸ **Ribeirinho** ou **caboclo** é um termo usado para definir uma população rural da Amazônia que foi formada principalmente por imigrantes nordestinos e índios. Como referência para descrever a população ribeirinha no Amazonas foi usada como fonte a tese de Débora Lima (Lima-Ayres, 1992), que chama de caboclo o ribeirinho amazonense e remonta à história da formação desse povo desde a ocupação colonial por imigrantes portugueses, a dinâmica das etnias indígenas, as missões católicas e os imigrantes nordestinos dos dois ciclos da borracha. Desses eventos e dessa mistura resultou a sociedade rural que hoje habita as margens de rios e lagos na Amazônia. Muitos vivem em comunidades, que são conjuntos de casas, onde as famílias residentes têm normalmente laços de parentesco (Lima-Ayres & Alencar, 2000). As RDS Mamirauá e Amanã, de acordo com o último censo feito em 2011 (Moura et al., 2015), abrigam 13.084 moradores distribuídos em 207 localidades, constituídas por comunidades e sítios. Branquinho; Bergallo & Macedo, 2015, p. 290).

Após esta, tão necessária digressão sobre o sinal onça pintada, passemos a sua análise. Entre as interlocutoras mulheres, pude perceber as variações presentes na execução do sinal, algumas muito diferentes das que temos registrada em dicionário. Não se enquadra numa composição, nem por justaposição, tampouco por aglutinação. Contudo, é um novo sinal, é uma variação do sinal, que em Capovilla, (2019) tem duas possibilidades. E que não percebi na execução das interlocutoras. Em duas delas, apenas um dos sinais registrados em Capovilla, (2019), porém usando apenas o sinal de ONÇA, sem demonstrar uma composição, na figura 57.

É diferente de sinais como ESCOLA por exemplo, em que mesmo a supressão do sinal CASA na composição do sinal, continua a ser, porém por aglutinação, pois se tem a presença do sinal mesmo não sendo realizado. No caso de ONÇA, nas referidas imagens o sinal passou por um processo de modificação, pois não se tem outra marca na sinalização, como o uso da boca, sobrancelhas que indicam uma supressão. Neste caso, acredito que o mesmo passou por um processo de metaplasmo, também muito comum em línguas de sinais. O que nos demonstra, em certa medida, um conforto linguístico das interlocutoras ao executar o mesmo.

As línguas são compostas por sentenças que se universalizam dentro das comunidades falantes para dar significado às referentes. No entanto, esses signos modificam-se progressivamente por fenômenos sociais diversos, desde processos emancipatórios até contato com outras línguas, passando por influências de acontecimentos históricos importantes. Enfim, a língua nunca está só, nem cristalizada. Ela acompanha os processos culturais da humanidade, formando um amálgama de construção e reconstrução lexical permanente. São essas alterações e evoluções sofridas nas sentenças das línguas, que chamamos de processos metaplasmos. Soares, (2017. p. 23).

Figura 57: Coleta de dados do sinal de Onça (Mulheres)

Elaborado pelo autor – Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/NbG9X9O1eOs>

Ainda nas interlocutoras das imagens também usam variantes distintas para o sinal de ONÇA PINTADA, estas não registradas pelos dicionários. Uma das sudas executa a variante PINTADA, no caso há a supressão do sinal ONÇA, neste caso entendo que seja uma variante que passou pelo processo de metaplasmo, como indicou em seus estudos Soares, (2017), já na mesma figura outra colaboradora, temos da mesma forma uma variante não registrada, contudo é um composto por justaposição, quando se constrói, ONÇA PINTADA (gato + pintada), usando a regra morfológica (1) do contato, isto pelo postulado de Quadros & Karnopp, (2004), quando reconheceram que a Libras tem esta regra em seus processos de composição de novos sinais. E em relação às demais mulheres das ainda tentaram executar o sinal, mas logo a seguir afirmaram não lembrar.

Sobre os construtos feitos pelos interlocutores homens. Foi possível dizer que dos seis, dois usam a variante registrada em Capovilla, (2019), ONÇA PINTADA (animal + pintada), isto na figura 58 a seguir. Importante dizer que em ambos, a construção é uma composição por justaposição, já que

tem dois sinais distintos sendo executados na integralidade e ainda de acordo com Quadros & Karnopp, (2004) usam a regra (1) do contato.

Figura 58: Coleta de dados do sinal de Onça (Homens)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/sFZoVTHsZrE>

Sobre os outros, na imagem (1), não soube dizer o sinal, já os demais nas imagens (4), (5) e (6), usam variantes distintas da registrada em Capovilla, (2019). Um adendo importante, na imagem (4) e (6), os interlocutores usam uma variante que nos moldes de Soares, (2017) é um metaplasmo no sinal de onça pintada, o interlocutor da imagem quatro ainda usa uma expressão após realizar o sinal, “é só isso”, para dizer que o sinal que ele conhece é desta forma, ONÇA PINTADA (pintada), confirmando a teoria de Soares, (2017), quando diz que as línguas de sinais também passam por este tipo de modificação em seu léxico, naturalmente, tanto quanto as línguas orais. Já o interlocutor na imagem (5), usa a variante ONÇA PINTADA (gato + pintada), demonstrando ser uma composição por justaposição, contudo não registrada em dicionários.

4. 11 Sinal de Rio

Assim como o sinal anterior, não poderia deixar de fazer uma digressão sobre este composto na Libras. Uma vez que estamos na Amazônia brasileira, em Macapá, que é a única capital do Norte do Brasil, banhada pelo próprio majestoso Rio Amazonas⁹, as demais cidades são banhadas por afluentes dele. “Quem nunca viu o Amazonas, não irá entender a crença de um povo, de alma e cor brasileira, suas conquistas ribeiras, seu ritmo novo”. Este é um trecho de uma canção que se tornou parte da “identidade (jeito) Tucuju” dos compositores Joãozinho Gomes e Val Milhomem. Sim, uma forma de ver, pensar, comer, trajar-se, andar e tantos outros costumes, intimamente ligados ao nativo amapaense, Amazônida por excelência. O rio para nós é tão determinante, que chega a ditar as regras de ir e vir, pois a partir dos horários em que a maré “enche” e “vaza”, ou seja, os ciclos do rio, a vida em Macapá se organiza. Por ele chegam nossos alimentos, produtos industrializados, toda a manutenção da cidade, agora cosmopolitizada, passa por ele.

O rio é nosso principal meio de locomoção, de fato funciona como nossa estrada. E para muitas pessoas daqui a única estrada. É comum na viagem, entre as cidades de Belém no Pará e Macapá, os passageiros avistarem inúmeras, minúsculas embarcações, aqui chamadas de canoas, cascos e algumas com motor, as rabetas, surgirem de afluentes do Amazonas, braços do rio, no momento que os navios com passageiros passam em busca de presentes, sim as pessoas jogam do navio, sacolas plásticas, com

⁹ Durante muito tempo, se considerava o Amazonas apenas como o rio de maior vazão de água no Mundo (ele possui 60 vezes o volume de água do Nilo). Estudos do início do século 21 mostraram que o Amazonas é maior também em extensão. Portanto: o maior Rio do Mundo em extensão e vazão de água. O Rio Amazonas tem 6.992 quilômetros de comprimento, sendo 3165 deles em território brasileiro. Durante seu trajeto, ele é abastecido por cerca de 1100 afluentes está presente no Peru, Colômbia e Brasil e sua bacia hidrográfica está também na Bolívia, Equador, Venezuela e Guiana. O nosso grande rio Amazonas: Largo e Profundo. No seu ponto mais largo, o rio Amazonas atinge na época seca 11 quilômetros de largura, que se transformam em 50 quilômetros durante as chuvas. Em média, a profundidade do Amazonas é de cerca de 50 metros, mas, em seus pontos mais profundos, no oeste paraense, chega a 120 metros (o equivalente a mais de três vezes o tamanho da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro). Estudo feito por um grupo de cientistas da Universidade de Brasília, em parceria com instituições de ensino europeias, chegou à conclusão de que o rio Amazonas deságua no oceano Atlântico há, pelo menos, nove milhões de anos. Disponível: (<https://www.ambiental.tur.br/ambiental-cultural/curiosidades-impresionantes-sobre-o-nosso-grande-rio-amazonas-que-voce-vai-gostar-de-saber>)

roupas, alimentos, brinquedos para os ribeirinhos. Uma cena comum, na Amazônia brasileira, poética para alguns, mas também, revela uma população carente e sem muitas oportunidades, sem acesso ao básico de uma vida social.

Figura 59: Barco de viagens entre localidades ribeirinhas



Fonte: <https://gq.globo.com/Prazeres/Turismo/noticia/2014/01/turismo-movel-oito-dias-de-barco-pela-floresta-amazonica.html>

Após algumas informações relevantes, sobre o fonema rio, do ponto de vista social, pois como disse anteriormente, não poderia falar sobre este partindo de outro prisma, senão dizendo um pouco da história, pois o sinal em Libras para rio, aqui em Macapá, também está impregnado de valores da cultura local. A iconicidade do sinal demonstra essa pertença ao lugar. Quando mencionei, por exemplo, o ciclo do rio, em que a maré literalmente enche e vaza, ou seja, sobe e desce, em ciclos que variam entre 12 horas.

Essa amostra de sinais foi mais complicada, por aparecer um número maior de variantes dentro da mesma conjuntura. Nesse ínterim, apareceu uma variante que me deixou reflexivo. A variante mais comum que é muito usada (caminho + água), mas no mesmo quadro aparece a variante (água + maresia), como se fosse o mar, mas de toda maneira o Amazonas é um mar de água doce. E que de fato transborda, mais uma vez, a cultura local, na iconicidade do sinal.

Figura 60: Coleta de dados do sinal de Rio (Mulheres)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/aGiB3zRq1a4>

Ao olhar para as construções realizadas pelas interlocutoras, algumas questões precisam ser ditas. Na imagem (1) da figura 60, a interlocutora sinaliza, RIO (mar + água + maresia), logo a seguir sinaliza RIO (água + maresia), em ambas as variantes percebe-se uma composição por justaposição, uso da regra morfológica (1), do contato, isto posto por Quadros & Karnopp, (2004) e ainda, as duas variantes não têm registro no dicionário Capovilla, (2019). Na imagem (2), a interlocutora sinaliza RIO (água + maresia), também uma variante não registrada nos dicionários, de acordo com Quadros & Karnopp, (2004), está de acordo com a regra morfológica (1), do contato e nesse sentido, também é um composto por justaposição.

Seguindo a análise, a imagem (3) da mesma figura 60, a interlocutora usa duas variantes, na primeira RIO (água + maresia) e depois afirma ter outra possibilidade para o mesmo sinal, RIO (caminho), afirmando poder usar as duas possibilidades para o mesmo. Na primeira variante, de acordo com a teoria de Quadros & Karnopp, (2004), segue a lógica de um composto por justaposição, contudo,

na variante usada a seguir, temos uma transformação do sinal registrado por Capovilla, (2019), RIO (água + caminho), que a interlocutora passa a usar somente o sinal CAMINHO, não faz mais uso do composto, fazendo assim uso de um metaplasmo, de acordo com Soares, (2017), como bem já identifiquei em outros constructos nesta pesquisa.

Em relação a imagem (4) da figura 60, a interlocutora faz uso de uma variante semelhante à registrada por Capovilla, (2019). Contudo, usa uma construção diferente, RIO (caminho + alfabeto manual RIO), a interlocutora sinaliza com apoio do alfabeto manual, indicando outra variante para o sinal e distinta das demais sinalizantes. Ainda assim, uma composição por justaposição, uma vez que faz uso de dois sinais, para criar um terceiro. Em relação a interlocutora da imagem (5), da mesma figura, está faz uso da variante já apresentada pela interlocutora da imagem (2), RIO (água + maresia), uma referência nítida às suas vivências amazônicas, pois é comum o rio ter muitas ondas, para o ribeirão, maresia, ou seja, o movimento constante das águas no momento da cheia das águas.

E por fim, a interlocutora da imagem (6), nos apresenta outra variante, a mesma sinaliza primeiro a variante como a da imagem (5), RIO (água + maresia), contudo o sinal usado por ela em MAREZIA, tem movimento diferente das demais, ainda assim, uma composição por justaposição e uso da regra morfológica (1), em Quadros & Karnopp, (2004), entretanto, numa tentativa de dar detalhes da imagem mostrada, ela continua a sinalizar uma segunda vez e, além do sinal de RIO (água + maresia), faz o sinal de FLORESTA. Importante ressaltar que ela pode estar fazendo referência ao todo da imagem, que mostra além do rio e seus afluentes, mostra também a floresta, que é completamente interligada ao rio, um sem o outro é difícil de ser capturado.

Seguindo a análise, passamos a olhar para os constructos feitos pelos interlocutores homens. Nestes, tanto quanto as mulheres, nos mostraram variantes distintas e não dicionarizadas, contudo, com algumas nuances importantes de serem comentadas. Na figura 61, que demonstrarei a seguir.

Figura 61: Coleta de dados do sinal de Rio (Homens)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/kppo0zxZ3Mg>

De acordo com as análises feitas entre os interlocutores homens, na imagem (1) da figura 61 o mesmo usou uma variante diferente e não dicionarizada e chama atenção pois é uma variante distinta de todas as anteriores feitas, tanto pelas interlocutoras, quanto por interlocutores. RIO (água + caminho + movimento). Contudo, seguindo as reflexões de Quadros & Karnopp, (2004), também é uma composição por justaposição. Já o interlocutor da imagem (2) da mesma figura, usa a sinalização de RIO (água + caminho), contudo ele faz o sinal de floresta antes de indicar o sinal de rio, demonstrando que numa tentativa de explicar a imagem vista, sinalizou tudo que a compunha. E de acordo com Quadros & Karnopp, (2004) usou uma composição por justaposição. Já o interlocutor da imagem (3) da mesma figura, usa uma variante distinta, ele faz RIO (alfabeto manual + caminho + água). Usando uma sinalização semelhante ao da interlocutora da imagem (6) da figura 57, contudo com diferenças, pois usou primeiro o alfabeto manual e depois os sinais de (água + caminho), demonstrando assim o uso de uma variante, pois ocorreu um acréscimo no sinal dicionarizado por Capovilla, 2019.

Os demais interlocutores, imagens (4), (5) e (6), também realizaram variantes distintas umas das outras, pois na imagem (4), ele usa o sinal RIO (água + maresia + floresta), contudo o sinal de MAREZIA, diferente dos demais já vistos nesta análise. As mãos fazem movimentos de dentro para fora de forma icônica, a quem é amazônida, perceptivelmente fazendo uma relação aos movimentos das águas do Rio Amazonas. E de acordo com Quadros & Karnopp, (2004) uma composição por justaposição. Já o interlocutor da imagem (5) usa o sinal RIO (água + maresia), usando o mesmo movimento de mãos que o interlocutor da imagem (4). E por fim o interlocutor da imagem (6) da mesma figura, usa o sinal RIO (caminho + água) o sinal registrado por Capovilla, (2019), contudo com a matizes na execução, pois ele faz primeiro CAMINHO e depois ÁGUA, nos dando uma nova variante. Encerro mais uma vez chamando a atenção para as diversas variantes apresentadas pelos interlocutores, tanto homens quanto mulheres. Reforçando a teoria de que a língua é mesmo viva e passível de mudanças, variações a todo momento, mesmo num grupo social com inúmeras semelhanças.

4.12 Sinal de Sofá

Chegamos a um estágio da pesquisa em que durante todo o processo, não tinha tido a oportunidade de ver uma sinalização por homens e mulheres com pouquíssimas nuances. Apenas três interlocutores, sendo uma mulher e dois homens, fizeram sinais distintos dos demais. Em doze sinalizantes, quase ocorreu uma sinalização homogênea, seguindo as regras de formação morfológica (1) do contato e de acordo com Quadros & Karnopp, (2004) uma composição por justaposição. Contudo, o sinal dos interlocutores homens que é distinto, diferente das mulheres, fez uma alusão ao sofá-cama, mas vou aprofundar mais esta questão logo a seguir.

Figura 62: Coleta do sinal de Sofá (Homens)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/6pqEG7bx0zE>

Conforme mencionei no parágrafo anterior dos seis interlocutores homens, dois sinalizaram de forma diferente, também usaram uma variante que, conforme Quadros & Karnopp, (2004) é uma composição por justaposição, contudo, sinalizaram fazendo menção à sofá-cama demonstrando a seguinte variante SOFÁ (cama + nuvem) diferente da variante dicionarizada SOFÁ (sentar + nuvem). É salutar mencionar, que, nesta construção, ainda que pareça ser uma transformação do sinal, entendo que não seja, pois, a variante usa um sinal distinto dos dicionarizados e não uma supressão deles.

Figura 63: Coleta de dados do sinal de sofá (Mulheres)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/Ga-XpvVY7mY>

Seguindo a análise, entre as mulheres, somente a interlocutora na imagem (1) da figura 63 usou uma variante diferente das demais. E que a partir das minhas impressões, trata-se de uma variante que se dá pela supressão de um dos sinais, até por conforto linguístico, ela sinaliza SOFÁ (sentar), suprimindo o sinal de NUVEM, presente na variante dicionarizada.

4.13 Sinal de Tomate

Seguindo a análise dos sinais da Libras em Macapá, chegamos a um composto, dos que propomos analisar, muito comum e de certa maneira, corriqueiro entre falantes de Libras. Contudo, percebi a diversidade de variantes entre os/as interlocutores, das quais uma das interlocutoras chamou mais atenção, pois apesar de ser moradora de Macapá, tanto quanto as demais, usa uma variante registrada por Capovilla, (2019), do Rio de Janeiro e não como as demais as variantes mais usadas em Macapá.

Figura 64: Coleta de dados do sinal de Tomate (mulheres)





Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/csZbUvww8Hg>

Como mencionei anteriormente, a interlocutora da imagem (2), da figura 64, usa a variante que pouco é usada em Macapá. E uma explicação plausível para isto, se dá pelo fato da mesma ter passado um período com a irmã, que também é surda, no estado do Rio de Janeiro em meados de 2019 e, depois ter voltado para Macapá. O que me remete mais uma vez às questões sociolinguísticas da língua, como já mencionei anteriormente nesta construção analítica. O contato da interlocutora, com outra realidade cultural e linguística, a fez adquirir e colocar em seu léxico linguístico a variante de um sinal registrado em outro estado e reforça a teoria sociolinguística de Calvet, (1916), quando nos lembra que a língua não vive dissociada das questões sociais.

Seguindo a análise, a interlocutora da imagem (1), da mesma figura, usa a variante que, a partir da minha análise e com base na teoria mencionada por Soares, (2017), ocorreu um metaplasmo, ou seja, a transformação do sinal, assim TOMATE (vermelho + cortar), registrado em Capovilla, (2019), a interlocutora, usa somente VERMELHO, não usando mais o sinal de CORTAR, entretanto é preciso dizer que o composto por esse fato, apresenta uma modificação. Entre os interlocutores homens, a entretoms, variantes usadas se deram de forma mais interessante. O composto para alguns continua sendo feito de acordo com as variantes registradas por Capovilla, (2019). Conforme se vê na figura abaixo, contudo para outros ficou tácita a questão sociolinguística. Assim como em outra língua, é possível seu usuário não saber o léxico, não lembrar mesmo sendo fluente na língua e isto não significa que este não tenha a fluência, mas sim de que é natural que não saiba, por não ter contato com aquele léxico, ou seja, por não fazer parte de seu cotidiano de uso.

Figura 65: Coleta de dados do sinal de Tomate (Homens)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/RX6sBLhMKNU>

Como mencionei anteriormente, a falta de contato com o léxico da língua, no caso dos interlocutores nas imagens (1), (2), (4) e (6), em que os mesmos mencionam não saber o sinal ou ainda como bem afirmou o interlocutor da imagem (4): “eu uso esse sinal aqui”, como se estivesse justificando usar uma variante para o sinal, não conhecida ou não dicionarizada. Contudo, tanto quanto os outros interlocutores, também usa uma variante, que a partir de Quadros & Karnopp, (2004) é um composto por justaposição.

4. 14 Sinal de Vatapá

Seu registro histórico, é datado pelo antropólogo Câmara Cascudo em 1963. Em que nos diz que, esta iguaria, é de origem Africana, mais precisamente do povo Iorubá, que por mais de três séculos vieram escravizados ao Brasil. A palavra vatapá em iorubá *ehba-tápa*, trazida em meados dos séculos XVI, na Bahia feito com fubá e dendê, uma característica da chamada “comida de azeite”, assim chamada por conta do dendê, já aqui no Amapá e Pará, modificada com farinha de mandioca. E, hoje, o

estado do Amapá, antes vila de São José de Macapá, durante muito tempo fez parte do Grão-Pará, portanto trouxemos parte da cultura daquele estado.

Figura 66: Coleta de dados do sinal de Vatapá (Homens)



Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/B6tBbxKsFAM>

Seguindo a análise do composto, aqui preciso dizer que o sinal do Capovilla, (2019) não existe em nossa amostra, não aparece. Somente amarelo + camarão descascar. Eu considero esse um sinal novo. E que é muito conhecido e usado pela comunidade local. Assim, os interlocutores, tanto homens quanto as mulheres, quase de forma homogênea, usaram a mesma variante, Vatapá (amarelo + arroz).

Figura 67: Coleta de dados do sinal de Vatapá (Mulheres)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/KNsJoH9h548>

Afirmo, que quase de forma homogênea, os interlocutores usam a variante nova, VATAPÁ (amarelo + arroz), porque a exceção na figura 67, a mesma usa outra variante, VATAPÁ (arroz + camarão + amarelo), da mesma forma, nos moldes de Quadros & Karnopp, (2004). um composto por justaposição, contudo acrescido do sinal de CAMARÃO.

4.15 Sinal de Zebra

Da mesma maneira que identifiquei uma variante não dicionarizada em muitos sinais aqui observados nesta pesquisa. Chegamos ao último composto, dicionarizado desta maneira por Capovilla, 2019, ZEBRA (cavalo + listras). Em Macapá, a Libras, a partir de seus usuários, demonstrou variantes não dicionarizadas e distintas entre os próprios interlocutores.

Figura 68: Coleta de dados do sinal de Zebra (Mulheres)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: https://youtu.be/LzGNhSpqb_4

As interlocutoras das imagens (1) e (5) usaram variantes extremamente distintas, das que têm registro em dicionário e entre as outras interlocutoras. Na imagem (1) a interlocutora usa não só o ponto de articulação, como a configuração de mãos totalmente diversas. O composto, neste caso, deixa de ser, nos moldes de Quadros & Karnopp, (2004) uma composição por justaposição, pois passou por transformação. Não se tem, aqui, os sinais de CAVALO + LISTRAS, ou seja, seguindo as reflexões de Soares, (2017), tem-se um metaplasmo, um novo sinal, constituído não a partir de uma justaposição, mas derivação a partir de outros sinais.

A interlocutora, na imagem (5), o sinal de ZEBRA (cavalo + listras), o que chama atenção, é o ponto de articulação para marcar LISTRAS, a mesma usa o dedo indicador da mão direita, passando no antebraço esquerdo, um ponto totalmente diverso das variantes aqui apresentadas por outras interlocutoras. Continua sendo uma composição, mas seguindo as reflexões de Quadros & Karnopp, (2004), a partir da regra (3) da antecipação da mão - dominante.

Figura 69: Coleta de dados do sinal de Zebra (Homens)

Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: https://youtu.be/Xn6u6_goT-k

Entre os interlocutores homens, chama atenção o da imagem (4), ao usar uma variante distinta dos demais, semelhante a que verifiquei na imagem (5) da interlocutora da figura 69, contudo com diferenças na configuração da mão esquerda. Enquanto a interlocutora usou somente o dedo indicador, aqui o interlocutor usa os três dedos da mão esquerda, mas assim como ela também usa uma variante que, segundo Quadros & Karnopp, (2004), uma composição por justaposição, a partir da regra (3) da antecipação da mão não-dominante.

5. CONCLUSÕES: "Remando pra beira"

As análises que aqui construí de fato me trouxeram muitas inquietações. Desde a necessidade de aprofundamento da linguística de Libras no Amapá, bem como a urgência em registrar seu uso no Estado. Entretanto, estas são impressões iniciais para o tamanho da reflexão feita até aqui.

A proposição desta tese, foi, inicialmente, analisar os processos morfológicos derivacionais de Libras em Macapá. A partir de compostos, que já se tinha registro em dicionários especializados, como Capovilla, (2019), usei como base teórica para tal, os estudos de, Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2006), Ferreira (2014), Figueiredo Silva & Sell (2009) e Rodero-Takahira (2012 e no prelo), 2013, 2014 e 2020. E ainda alguns escritos sobre a morfologia na American Sign Language (ASL), Stokoe (1960), Liddell & Johnson (2000 [1992], 1986). Além de referências européias fulcrais, quando se trata de linguística de línguas de sinais como é o caso de Correia (2014), que nos ajudaram a refletir sobre este prisma analítico. E ainda alguns cânones, como Calvet (1916) e Labov (1964).

Importante dizer que, como optei em olhar processos morfológicos derivacionais, se fazia e se fez necessário dizer qual a variedade da Libras este recorte analítico propõe-se olhar. Pois bem, em vários momentos deste trabalho mencionei a dificuldade de usar uma variante registrada. Sim, pois a variante de Macapá ainda não tem registro formal, até onde se sabe, mesmo buscando nas bibliotecas virtuais de universidades com vasto histórico na linguística de Libras, como Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que é uma das precursoras e responsável pela implantação do Curso Letras Libras em outras instituições brasileiras, ainda assim não encontrei material publicado, seja nos programas de pós-graduação stricto sensu, seja na própria graduação em Libras. O que me levou a propor então um conjunto de quinze (15) compostos, dicionarizados por Capovilla, (2019) para fazer a análise.

Esta busca, evidente, não pude usar uma variante registrada e que por isso, ousou dizer me proporcionou grandes achados e, também, abrir as portas para que outros pesquisadores possam construir o registro de nossa “Libras Tucujú”. Sim, usando uma expressão que é muito daqui, muito nossa e que mencionei durante o desenrolar do trabalho nos títulos das sessões. Penso que é uma responsabilidade ser pesquisador Amazônida. Saber e poder falar das nossas construções, que para

muitos são exóticas. Com olhar pejorativo, eu prefiro enxergar, este exótico, como um lugar de fala, imponderado e muito responsável, mostrando, para muitos, que no, norte do Brasil, se emana ciência e não o contrário.

Contudo, como toda pesquisa feita durante a pandemia de Covid-19, esta não foi diferente, desde o desafio em contatar os interlocutores, fazê-los responder os questionários, e, depois, promover os dias de gravação para posterior análise. Sim, pois em Macapá, como em outros lugares, passamos duas vezes por “lockdown”, e a internet local é um tanto quanto “frágil”, aos que já estiveram em solo amapaense entendem bem o eufemismo. Além de, antes da pandemia não se ter este uso da cultura cibernética (zoom, meet, videochamadas em grupo), em lugar tão comum, seja pela comunidade surda, seja por outras comunidades.

Desta maneira, o tempo proposto e pensado ainda no projeto de tese para a recolha do material de pesquisa, sofreu alargamento, por muitas vezes. De formas que, de fato, em muitos momentos a pandemia foi nosso fio condutor, fosse pelo extremo cuidado com a saúde de todos, ou pelas possibilidades ínfimas de encontro com os interlocutores para o desenrolar da pesquisa. Sendo assim, a metodologia que optei em usar, foi a de imagens semióticas, os sinais foram organizados num quadro e projetados aos interlocutores individualmente. E para que ficasse compreendido o objetivo da gravação, que seria feita no momento de sua chegada ao local marcado, produzi um vídeo em Libras com as devidas explicações, ainda deixando claro que não tinha interesse em “erro e acerto”, ou seja, que eles ficassem livres para olhar a imagem e fazer o sinal correspondente, de acordo com seu conhecimento da língua. Conforme link abaixo: <https://youtu.be/1CoKBBIPoeQ>

Minha preocupação, foi evitar qualquer possibilidade de contaminação por língua portuguesa e assim ocorresse em óbice, impulsionando os informantes surdos a não chegar ao sinal-alvo. Desta forma, a proposta se deu em mostrar os quinze sinais, todos, conforme Quadros & Karnopp, (2004),

composição por justaposição, isto posto, os informantes surdos, seis mulheres e seis homens, foram ao longo da recolha de informações me mostrando seus usos e assim abrindo minha lente reflexiva. Importante salientar aqui, o quanto alguns destes me chamaram mais atenção que outros, sempre a partir dos teóricos propostos.

Com intuito de verificar a produtividade de sinais compostos em Macapá -AP, em sinalização incentivada por um acervo de imagens previamente selecionadas, disponíveis na tabela1. O conjunto de imagens que levaram os sinalizantes a produzir sinais compostos dentre outros distratores, como imagens que remetiam a classificadores descritivos, direcionais e ou pares de nome e verbos.

Relembrando que realizei um levantamento de compostos na literatura sobre a Libras com a necessidade de entender o universo amostral de investigações iniciais acerca dos tipos de compostos estudados e de elementos que pudessem fazer parte desse contexto. Daí a importância de Quadros (2019) e Rodero-Takahira (2015) que possuem pesquisas que versam sobre compostos e algumas nuances.

Cheguei ao ponto em que detectei a presença de novas variantes e sinais dentro de compostos, que vou demonstrar na próxima sessão. Ao mesmo tempo, na análise, pude observar outros eventos linguísticos que não faziam parte dos meus objetivos iniciais. Esses eventos me levaram a novas reflexões e outras curiosidades da língua sinalizada, os achados mais relevantes que podem ser incentivadores de novas pesquisas foram relatados em sequência.

5. 1 Despescando¹⁰ os sinais: considerações dos achados

Imaginando meu universo de pesquisa, compus diversos achados, mas aqui vou evidenciar os mais contrastantes e suas amostras para que possamos assim, ir em aventura a novas afuniladas de

¹⁰ Ato realizado por pescadores ribeirinhos da região Amazônica de coleta com rede de pesca ou tarrafa os peixes dos igarapés e lagos.

pesquisa, não somente na capital Macapá, mas em outros municípios do estado do Amapá, pois essa coleta apenas revela uma gota do rio de possibilidades de pesquisa nesta área do lado de cá da Amazônia.

5.1.1 *Novos sinais e variantes*

A partir destes achados, que foram objetos da minha curiosidade e entusiasmo, acabou por se mostrar muito volumoso mesmo com a pequena parcela de sinais compostos analisados. Aqui vou denominar todos os sinais com suas variantes encontradas nesta pesquisa como ‘Variante da sinalização Tucuju’, com intuito que esses não se confundam com as variantes já catalogadas por Capovilla (2019).

- (i) Beija flor Variante da sinalização Tucuju (asas + bico)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (ii) Cebola/Chorar Variante da sinalização Tucuju (chorar)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (iii) Delegacia/polícia Variante da sinalização Tucuju



Fonte: Acervo do pesquisador

- (iv) Farmácia Variante da sinalização Tucuju (Círculo + comprimido)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (v) Jet ski Variante da sinalização Tucuju 1 (Moto + Classificador barco)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (vi) Jet ski Variante da sinalização Tucuju 2 (Moto + barco)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (vii) Moto Variante da sinalização Tucuju (Táxi + rodar)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (viii) Onça pintada Variante da sinalização Tucuju (pintas)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (ix) Rio Variante da sinalização Tucuju 1 (água + Classificador ondas)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (x) Tomate/vermelho Variante da sinalização Tucuju (Fruta + vermelho + classificador descritivo)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (xi) Vatapá Variante da sinalização Tucuju 1 (amarelo + arroz)



Fonte: Acervo do pesquisador

- (xii) Vatapá Variante da sinalização Tucuju 2 (arroz + camarão + amarelo)



Fonte: Acervo do pesquisador

Os sinais aqui registrados em pesquisa, não se encontram em registros formais e/ou em pesquisas no repositório da Capes, mas é importante destacar como em muitos momentos o fiz, que esta língua e muitos de seus artefatos linguísticos estão em apresentação em fluxo, sendo descobertos e vividos por cada integrante da comunidade surda. Por isso, este e outros pesquisadores realizaram muitas vezes pesquisas inéditas que vão dar espaço e curiosidade para mais e mais estudos nesta área.

Por isso é muito importante cada movimento de pesquisa que se desenvolve ao entorno das Línguas de Sinais, e mais ainda da Libras que é tão rica, acontecendo nesse país continental terá muitos achados pela frente. Ainda nesses, finalmente, vou comentar alguns sinais encontrados que levaram a imaginar novos cenários de pesquisa e análises dentro da linguística e da subárea sociolinguística.

Percebendo esses constructos amapaenses da Libras com uma sinalização com “jeito Tucuju”, que me trouxeram muitas reflexões, não só por trazer uma variante não dicionarizada e, continuar sendo um composto, mas as variantes apresentadas é que são deveras interessantes, falo de JETSKI, no qual os interlocutores apresentaram três novas variantes, dentre as quais uma, faz nítida relação ao lugar de moradia da interlocutora, um reflexo de sua vivência em comunidade. Me levando a refletir que, a criação de novos sinais, um composto por justaposição, as questões sociolinguísticas, que deixaram marcas indeléveis na interlocutora.

O sinal RIO, em virtude da variedade de possibilidades demonstradas pelos informantes, em meio a um lugar de fala, que pressupunha, o mesmo, amazônida, ainda assim, as variedades nos construtos foi grande, que demonstraram as marcas culturais, as ligações familiares, as experiências com a própria língua. O achado indica o sinal de (água + classificar descritivo), usa a marca cultural maresia através de classificadores, uma tácita alusão ao movimento das águas do rio Amazonas, que banha Macapá. E toda esta variedade, trazendo variantes usadas somente em Macapá, sem registro em dicionários.

É importante mencionar o sinal de VATAPÁ, que a meu ver, não se trata de uma variante, mas um sinal novo, à medida que não há registro formal dicionarizado, e na realidade local de Macapá, além de ser uma iguaria apreciada pela grande massa da população, ser marca cultural nortista e amapaense, como já mencionei durante a análise, sem dúvida é nos moldes de Quadros & Karnopp, (2004), um

processo morfológico derivacional, uma composição por justaposição, AMARELO+ARROZ, um sinal novo esperando pelo registro formal, da sinalização local.

Por fim, outros construtos como TOMATE, SOFÁ, ONÇA PINTADA, que ao meu ver passaram por transformações e são sinalizados de forma distinta, das variantes registradas por Capovilla, (2019), por exemplo.

Demonstraram que além do conforto linguístico de cada informante, nos ajudaram a compreender que os compostos passam por transformação e tornam-se então metaplasmos. E ainda tenho que reafirmar o fator sociolinguístico, que ficou muito evidente nestes sinais, a vivência e as experiências individuais de cada informante. O lugar de fala de cada um deles, nos mostra que a marca identitária no viver no amapá se mostra nos contextos linguísticas, sociolinguísticas, culturais e assim, locais, muito fortes na sinalização. Há sim uma necessidade premente de registro desta língua, afinal ela demonstrou ser a Libras do Amapá e como sabemos o Brasil é um país continental.

5. 1. 2 *Pescando Alofones*

Esta pesquisa, de cunho morfológico, buscou investigar alofones na Libras, embora seja importante mencionar que os estudos nesse campo ainda são bastante limitados. Apesar disso, ao longo do estudo, foram encontrados dados relacionados aos fonemas que não podem ser ignorados. Assim, mesmo com as lacunas existentes, optou-se por apontar os alofones presentes nos sinais e nos fonemas, visando dar um passo adiante nesse assunto e abrir caminho para futuras pesquisas e perspectivas na área da linguística, fonologia e estudos da tradução e interpretação. A análise desses dados pode contribuir para o avanço do conhecimento sobre a Libras e suas características linguísticas, possibilitando o enriquecimento das investigações nessa língua de sinais.

- a) Beija flor (Variante da sinalização Tucuju)



CM

Fonte: Acervo do pesquisador

- b) Bombeiro



CM

Fonte: Acervo do pesquisador

- c) Farmácia (Variante da sinalização Tucuju)



CM

Fonte: Acervo do pesquisador

- d) Moto táxi Variante V2 Capovilla (2019)



M

Fonte: Acervo do pesquisador

- e) Onça pintada Variante da sinalização Tucuju (pintas)



Fonte: Acervo do pesquisador

- f) Zebra V3 Capovilla (2019)



CM

M

Fonte: Acervo do pesquisador

5. 1. 3 *Inversão dos sinais em compostos*

Esse comportamento me chamou a atenção, pois me pareceu que os surdos estavam seguros dos sinais que emitem. E pude ver esse processo e em muitos outros compostos, com a modificação do sinal

inicial pelo que vinha em seguida, mesmos os já registrados e catalogados por outros pesquisadores a um tempo.

Os surdos, aqui na cidade Macapá, apresentam essa nuance, que para os estudos de compostos, valem ser mais explorados e ao mesmo tempo nos estudos da interpretação de português para Libras, onde essa modificação pode acarretar em erros aos intérpretes durante o ato da interpretação. Eu, por muitas vezes, imaginei que o sinalizante estava errando ao emitir a informação, mas após verificar o acontecimento diversas vezes, pude comprovar que não se tratava de um erro, e sim, de um comportamento linguístico frequente.

Deve-se explorar essa modificação de sinais, pois podem ser compostos em mutação, de uso setorial ou compostos agramaticais, sendo deixei aqui alguns para que pudéssemos visualizar mais de perto o comportamento dos sinalizadores.

A) Cebola variante (V2) Capovilla (2019)



Fonte: Acervo do pesquisador

B) Moto táxi variante (V2) Capovilla (2019)



Fonte: Acervo do pesquisador

5. 2 Conclusões do capítulo: “chegada e partida”

Portanto, deixo aberta a porta para que novos pesquisadores assim o façam. Esta análise não tem, e jamais teria, a pretensão de ser finita. E sim, o início, um começo para muitos mais que venham depois e possamos reafirmar que existe um “jeito Tucuju” na sinalização, com características do norte do Brasil, amazonitas e que por isso, seu reconhecimento identitário nos serve, não para afastar-se da Libras dos grandes centros, mas para determinar-se como características locais em uma ótica decolonial, portanto, dotada de variantes, características sociolinguísticas e/ou dialetologia local.

Sobre os tipos de compostos existentes na Libras, mas afinadamente sobre o comportamento dos sinais utilizados em Macapá -AP, mostrei uma análise a partir da literatura recente e amostras de novas variantes ainda não catalogadas em glossários ou dicionários da Libras em contexto nacional. Ao mesmo tempo, a análise me permitiu entender o comportamento de modificações ímpares e singelas na tessitura de sinais e pôde aproximar contextos de pesquisa de outros cenários distantes de nosso espaço Tucuju.

Encerro, concluindo que:

- a) Temos modificações na sinalização dos surdos que residem em Macapá, sejam por produção de novos sinais, variantes, alofones e/ou modificação de sinais em sua inversão de sinais de raiz;
- b) As composições encontradas entre os sinalizantes surdos de Macapá em sua parcela analisada são constructos que passaram por transformações no tempo e no espaço, que vão se ajustando e surgindo de acordo com o processo de identidade de cada comunidade, jovem, velha, escolarizada ou não.
- c) Os alofones em compostos e sinais isolados se mostram frequentes e necessitam de mais aprofundamento e estudo, haja visto que este trabalho não se trata da fonologia da Libras;

d) A um processo de inversão de sinais entre a comunidade, na qual ocorre a mudança de raiz de compostos que com tempo e uso pode resultar em variantes, mesmo que dado posto com regras que compostos devam seguir uma ordem obrigatória e cristalizada¹¹;

e) Distinção de escolhas de sinais a partir do gênero e sua cultura, em que pude perceber sinalizações diferentes entre homens e mulheres, sendo assim deve-se beber a sociolinguística para apurar os dados iniciais aqui apresentados.

Meu cenário de pesquisa foi complexo, pois envolveu o contexto pandêmico e foi realizado com muitas limitações de acesso a pessoas surdas de idades avançadas e classes sociais. Mas isso não impediu de apresentar aqui, minha insistência em desbravar e colaborar com os estudiosos dessa Língua.

Sendo assim, as descobertas estão em um momento singular que necessito ir para novos grupos de sinais e com outros públicos, medindo em outros contextos os processos de interação dessas pessoas com a Língua e suas causalidades comuns e ainda não pesquisadas. Isso posto, o tema merece mais estudos e mais testes para corroborar com esse tratamento que aqui foi dado, tanto no que concerne aos dados de compostos derivacionais, sequenciais e simultâneos apresentados por outros pesquisadores e humildemente por mim.

¹¹ Verificar em escritos de Figueiredo Silva e Sell (2009) ou em Rodero -Takahira (2015)

REFERÊNCIAS

- AGUSTINI, C. (2018). *Émile Benveniste: o duplo funcionamento da língua no discurso*. Em: AGUSTINI, C.; RODRIGUES, E. A. Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste. Campinas: Pontes.
- AMARAL FILHO, J. do. (2001). *A endogeneização no desenvolvimento econômico regional no local*. Revista Planejamento e Políticas Públicas, Rio de Janeiro: IPEA.
- ARROTEIA, Jessica. (2005). *O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; PADDEN, C. & SANDLER, W. (2004). *Morphological universals and the sign language type*. In: BOOIJ, G.; MARLE, J. van. Yearbook of Morphology. Kluwer Academic Publishers. Netherlands.
- BAGNO, Marcos. (2002). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 15 ed. Loyola: São Paulo.
- BAKHTIN, Mikhail. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec.
- BAKER-Shenk, C. L., & COKLEY, D. (1980). *American Sign Language: A teacher's resource text on curriculum, methods, and evaluation*. Silver Spring, MD: T. J. Publishers.
- BATTISON, Robbin. (1974). "Phonological Deletion in American Sign Language". *Sign Language Studies*.
- BENVENISTE, E. (2005) *Problemas de linguística geral*. Tradução de M. da G. Novak et al. Campinas: Pontes.
- BRASIL. *Lei Federal 10.436 de 24 de abril de (2002). Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências*.
- BRASIL. *Lei Estadual 0834, de 27 de maio de (2004). Reconhece no Estado do Amapá, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como meio de comunicação objetiva de uso corrente, e dá outras providências*.
- BRASIL. *Lei nº 2.362, de 05 de julho de (2018). Revoga o art. 6º e o anexo II da Lei Estadual nº 2.342, de 25 de maio de 2018, que dispõe sobre normas de funcionamento do Sistema Estadual de Educação*.
- BRASIL. *Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de (2008). Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007*.

_____. *Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.*

_____. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Banco de Dados Agregados do Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=município> Acessado em: 18 jun. 2020.*

BRITO et al. (org). (1998). *Língua Brasileira de Sinais*. In: Brasil, SEESP. Brasília.

BRITO L. F. Ferreira, L. (1989). *Necessidade Psicossocial de Um Bilinguismo Para O Surdo*. Trabalhos em Lingüística Aplicada.

CALVET, Louis-Jean. (1996). *Les politiques linguistiques*. Paris, P.U.F.

CALVET, Louis-Jean. (2007). *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. (2019). *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos/ Volume I, II, III: Sinais A a Z; - 1. ed. 2. reimpr - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.*

CAMPOS, Ronaldo Manassés Rodrigues. (2017). *Ecos do Silêncio: Cultura e trajetórias de surdos em Macapá - Macapá: UNIFAP.*

CERVO, A. L. & Bervian, P. A (2002). *Metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall.

COSTA, Roberto César Reis da. (2013). *Proposta de instrumento para a avaliação fonológica da língua brasileira de sinais: FONOLIBRAS / Roberto César Reis da Costa.*

CORRÊA, Ygor, CRUZ, Carina R. (2019). *Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais/ Porto Alegre: Penso.*

CORREIA, I. (2009). *O parâmetro expressão na língua gestual portuguesa: Unidade suprasegmental*. Exedra-Revista Científica da Escola Superior de Educação de Coimbra, 1, 57-68. Acedido em 4 de março de 2021, em <http://www.exedrajournal.com/docs/01/57-68.pdf>

CORREIA, I. (2015). *Línguas e Linguagens. Língua Gestual Portuguesa e Português*. Exedra - Revista Científica, Número temático – Educação Especial: contributos para a intervenção, pp. 100-108. Acedido em 28 de março de 2021, em <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=423>

DEDINO, M. (2012). *Incorporação de numeral na Libras*. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Org.). *Libras em estudo*. São Paulo: FENEIS.

DUARTE, Soraya Bianca Reis et al. (2013). *Aspectos históricos e socioculturais da população surda*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro.

EVERETT, D. (2019). *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. São Paulo: Contexto.

FARIA NASCIMENTO, S. P. (2009). *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma proposta lexicográfica*. Brasília: Universidade de Brasília.

FERREIRA-BRITO, L. (1995). *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia.

FERREIRA, Flancieni. (2014). *A morfologia em Libras*. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filosofia e Política Linguística de Ensino. Rio de Janeiro. http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/07/023.pdf

FELIPE, T. (2006). *Os Processos de Formação de Palavras na Libras*. Educação Temática e Digital, Campinas, v. 7, nº 2. Disponível em: Consultado em: 12 jan. 2022.

FELIPE, T. (2002) *Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero*. Anais do Congresso Nacional do INES.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. (2009) *Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS*. Disponível em: <http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/FIGUEIREDOSILVA_SELL.pdf>. Consultado em: 01 jan. 2022

FRIEDMAN, L.A. (1976). *The manifestation of subject, object and topic in American Sign Language*. In: LI, Charles N. (ed.). *Word order and world order change*. Austin: University of Texas Press.

GESSER, A. (2009). *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola.

HOCKETT, CF (1960). *A origem do discurso*. Scientific American, 203, 88-111

KARNOPP, L. B. (1999). *Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Porto Alegre, PUCRS: Tese de Doutorado.

KLIMA, E. S. & U. BELLUGI. (1979). *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press.

LACERDA, Ana; Ramalho, Laís (2020). *"Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social"*. Laboratório de Humanidades

Digitais (dglab) da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI)/PUC-Rio (digital)

LIDDELL, SK. (1984). *Trink and Believe: sequentially in american sign language*. Language. (1986). American Sign Language Compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants. *Natural Language and Linguistic Theory*.

MARENTETTE, P. F. (1995). *It's in her hands: a case study of the emergence of phonology*. Ph.D.Thesis. McGill University, Department of Psychology, Montreal.

MEIR, Irit. (2012). *Word Classes and word formation*. In PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. *Sign Language: an international handbook*. DE GRUYTER MOUTON.

MINUSSI, Rafael Dias; TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero (2013). *Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais*. *Revista Linguística* Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 1, junho de 2013. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

NASCIMENTO, E. M. F. S (1990). *Natural metalanguage and language theory*. Alfa, São Paulo. 1990.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. *Deaf in America: Voices from a culture*. Cambridge: Harvard University. 1996.

POKER, R. B. (2002). *Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: uma proposta de intervenção educacional*. Tese de doutorado. UNESP – Marília, 2002.

QUADROS, R. Karnopp, L. (2004). *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

QUADROS, Ronice Muller de. (2019) *Libras (linguística para o ensino superior)*. 1. ed. - São Paulo: Parábola.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. (2003). *Por uma linguística crítica: linguagem identidade em questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial.

RODERO-TAKAHIRA. Aline Garcia. (2012). *Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS*. Estudos Linguísticos, São Paulo.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. (2015). *Compostos na língua de sinais Brasileira*. Tese (doutorado em Linguística) – Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia e SHER, Ana Paula. (2020). *Classificando os compostos da Libras*. Revista Porto das Letras, Vol. 06, N° 06. 2020. Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2012) *Curso de linguística geral* Org.: Charles Bally; Albert Sechehaye; ColAlbert Rielinger. São Paulo: Cultrix.

SALIH, Sara. (2017). *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. – 1 ed.; 4. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.

SOARES, NÚBIA LOPES. (2017). *Processos Metaplasmos na Libras*. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia –UNIR. Rondônia. Disponível em: <http://www.mestradoemletras.unir.br/uploads/91240077/Dissertacoes%20defendidas/Turma%202016/19.%20Nubia%20Lopes%20Processos%20metaplasticos%20na%20LIBRAS.pdf> Acessado em: 13 Novembro de 2019.

SCHWINDT, Luiz Carlos. (2014) *Manual de linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis: Vozes.

SKLIAR, CB.; LUMARDI, M.L. (2000). *Estudos surdos e estudos culturais em educação: um debate entre professores ouvintes e surdos sobre o currículo escolar*. In: LACERDA, C.B.F.; GÓES, M. C. R. (Orgs.) Surdez: Processos educativos e subjetividade. São Paulo: Editora Lovise.

STOKOE, W. (1960). *Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf*. Studies in Linguistics, nº 8. University of Buffalo.

STROBEL, Karin. (2008). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC.

SUPALLA, Ted; NEUPORT, Elissa (1978). *How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign language*. In SIMPLE, Patricia, (Ed.). Understanding language through sign language research. New York, Academic Press.

TEIXEIRA DE SOUZA, Diego. (2020). *A constituição prosódica da Língua Brasileira de Sinais (Libras): as expressões não manuais*. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217373/001121124.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

VIEIRA, Marília. S. (2010). *O gênero e os fenômenos de variação na fala*. Diásporas, Diversidade, Deslocamentos Revista fazendo Gênero. Disponível em http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278282124_ARQUIVO_Ogeneroeosfenomenosdevariacaonafala.pdf

WEGLARZ, Bárbara. (2016). *Pidgin, Língua Franca, Sabir – um estudo terminológico*. Instytut Filologii Romańskiej, Wydział Humanistyczny, Uniwersytet Marii Curie- Skłodowskiej, Plac Marii

Curie-Skłodowskiej 4A, 20 031 Lublin, Polónia. *Românica Olomucensis* 28.1 (2016 p 35-41).
Acessado em 28 de março de 2022. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5396886.pdf>

XAVIER, A. N., Neves, S. L. G. (2016). *Descrição de aspectos da morfologia da Libras*.
Revista Sinalizar, 1(2), 130–151. <https://doi.org/10.5216/rs.v1i2.43933>.

XAVIER, A.N. (2014). *Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras)*. Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A (2014). *Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras*. *D.E.L.T.A*, vol. 30, 2.

APÊNDICE

Apêndice 1 - Coleta de dados dos colaboradores

Playlist – Editados

https://www.youtube.com/playlist?list=PLhovJLl15HcXBz0-pxoienaO6_0Y6P_6L

Playlist – Mulher

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLhovJLl15HcU1ULl-7IvSdRmW4jS6F36Z>

Playlist – Homem

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLhovJLl15HcVsMz5vLxiHY0gHNdbC32Bi>

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá – Brasil**, desenvolvida por Fernando Fernandes da Silva, estudante do curso de doutorado do curso de Linguística, sob orientação da professora Dra. Maria João Brôa Martins Marçalo e o Professor Dr. Pedro Balau Custódio.

O foco central desta pesquisa é na linguística da Língua Brasileira de Sinais. O convite à sua participação, se deve ao fato de você preencher os requisitos para o grupo de amostra que foram definidos neste projeto de pesquisa.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário ao pesquisador do projeto. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento, o que não incorrerá em custos pessoais, nem tampouco em qualquer tipo de remuneração.

As informações prestadas por você serão gravadas e arquivadas, garantindo, todavia, o anonimato de qualquer informação que possa identificá-lo (a). Assim, qualquer informação divulgada em relatório ou publicação garantirá a confidencialidade de seus dados pessoais. Você tem a liberdade de se recusar em participar do estudo, ou se aceitar a participar, retirar seu consentimento a qualquer momento. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar pelo telefone (96) 98108-9977 ou pelo e-mail *nandofernandesffs@gmail.com*.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com você.

Macapá, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Anexo 2 – Termo de autorização de imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade no _____, inscrito no CPF sob no _____, residente no endereço _____, no _____, na cidade de _____, AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada na pesquisa Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá – Brasil, desenvolvida por Fernando Fernandes da Silva, estudante do curso de doutorado do curso de Linguística, sob orientação de professora Dra. Maria João Brôa Martins Marçalo e o Professor Dr. Pedro Balau Custódio.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) Tese; (II) artigos, revistas; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Macapá, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador